Ondas de vida
Ondas de morte

JEAN DE LA FOYE

ONDAS DE VIDA
ONDAS DE MORTE

1975

Esses caminhos tão simples que Deus seguiu em suas produções tornam-se, para nós, labirintos, logo que desejamos percorrê-los com nossos passos.

MAUPERTUIS

A meu Mestre, Sr. André de BELIZAL, que me introduziu ao apaixonante universo das ondas de forma e, com uma paciência admirável, guiou meus primeiros passos.

Em agradecimento também ao Sr. BARDET pelo precioso tempo que me fez ganhar associando-me a algumas de suas pesquisas, fazendo com que eu descobrisse as possibilidades do hebraico.

אחמעפשך

INTRODUÇÃO

Para muitos de nossos contemporâneos o radiestesista é um sujeito meio louco que, com uma bola na ponta de um fio, encontra — ou não — uma série de coisas dissimuladas para o mais comum dos mortais. Daí o matiz pejorativo que colore freqüentemente a radiestesia junto às pessoas que se supõem sensatas.

Será necessário, portanto, correr o risco de parecer-se com esse indivíduo... Os meios da radiestesia são, com efeito, os únicos, atualmente, que nos permitem penetrar esse mundo vibratório um pouco misterioso onde mergulham as raízes do vivo, o mundo das ondas de forma.

Nossa caminhada, muito simples, será a do pesquisador para quem somente os fatos têm razão. Malditos seja preconceitos! É estupidez se fechar *a priori* nas teorias ou sistemas que enchem a imaginação, nos limites artificiais que talvez não sejam mais que a verdade de um dia.

O pêndulo não será, de qualquer maneira, senão um instrumento de percepção, como o olho ou o ouvido. Permitirá detectar fenômenos que ainda escapam aos instrumentos clássicos mas são bem reais por sua influência sobre a saúde, por exemplo, ou por suas possibilidades em análises. Por outro lado, o pêndulo de forma alguma dispensa o bom senso ou o raciocínio que a ele se liga.

Isso elimina, de um golpe, o pêndulo-adivinho dos mentalistas puros (sem intenção pejorativa) assim como as atividades radiestésicas ou pararradiestésicas que depreciam essa arte. O pêndulo não pode fazer tudo, nem resolver tudo e, — excluindo faculdades excepcionais bastante raras— não é muito seguro empregá-lo fora de sua própria atividade profissional que permite controles.

O que não nos impede de aprofundarmo-nos em certas leis, notadamente as das vibrações de pequena energia que nos interessam aqui e que não são mais do que um dos ramos ignorados da Física.

A base do que se seguirá será o "Campo Vital" trama invisível desta tapeçaria viva que é a natureza da qual somos, sobre a Terra, parte integrante. Uma vez que se tenha compreendido esse campo, acompanha-se facilmente a idéia de Pasteur, retomada em nossos dias por Popper, a saber que não é a matéria que engendrou a vida no curso de sua evolução (pergunta-se inicialmente através de que "motor"), mas, ao universo, a Vida que deu forma ao fio do tempo, pelo ato do Criador, às condições de suas manifestações sucessivas, do mineral ao vegetal, do vegetal ao animal... Não iremos mais longe: eliminamos por princípio o domínio do Espírito que escapa a qualquer controle experimental, a qualquer tentativa de dominação, se bem que seja ele quem condiciona o conjunto. Não transporemos o limiar intransponível do mistério.

E entretanto... Foi necessário abordar certos assuntos que talvez irão chocar alguns leitores.

Coloque-se em nosso lugar. Por profissão tínhamos que resolver problemas concretos que se apresentavam no meio agrícola e era necessário remontar às origens de forma muito pragmática à medida que tropeçávamos.

A pé, a cavalo ou de automóvel, o essencial é chegar inteiro.

PRIMEIRO CAPÍTULO

AS VIBRAÇÕES DE PEQUENA ENERGIA DITAS "ONDAS DE FORMA"

Para entrarmos com tudo neste assunto tão importante, eis uma pequena história.

Há alguns anos, em suas pesquisas sobre vibrações das plantas o Sr. de Bélizal, em pleno mês de julho, prendeu uma forma especial de madeira, de 30 centímetros de comprimento, num tronco de uma vigorosa macieira jovem, amarrando os dois com um cordão. Ele teve o cuidado de inverter as polaridades naturais da forma em relação ao normal.

Três semanas depois, a macieira tinha perdido suas folhas.

Essa experiência, muito simples e reprodutível, mostra a potência e a eficácia das formas manuseadas com conhecimento de causa. "Pedaços de Madeira!", dirá você.

Sim, pedaços de madeira, mas que, conforme o caso, podem matar ou salvar.

Tudo o que expomos a seguir visa apenas aprofundar o porquê e a razão de tais fenômenos, que são do domínio das ondas de forma.

A expressão "Onda de Forma" foi criada na radiestesia pelo Srs. Chaumery e de Bélizal após as pesquisas que abordaremos mais adiante.

Um contorno mais claro da noção que ela representa se dará à medida que avançarmos na nossa exploração; mas, desde já, habituemo-nos à importância das ondas de forma na nossa vida cotidiana.

Invisíveis, elas nos cercam, investem sobre nós, penetram as menores fibras do nosso corpo. Tudo o que tem forma; tudo que libera energia, o subsolo, os edifícios, os móveis familiares, os objetos

que usamos, os aparelhos elétricos, os alimentos. Mais que isso: tudo emite ondas de forma das quais dependem parcialmente nossa saúde, nosso comportamento, nosso bem-estar.

Algumas são benéficas e outras são nefastas.

Como conservar as primeiras e eliminar as segundas?

Aprendamos juntos a conhecê-las, a manipulá-las e a nos protegermos delas, se for necessário. O assunto é vasto, às vezes difícil, mas merece nosso empenho, sobretudo no início, para se poder entrar na óptica desejada.

Será que somos mais tolos que outros? pois outros fizeram esse esforço... milhares de anos antes de nós...

As pessoas que construíram os dólmens e erigiram os menires tinham noções de ondas de forma. Os construtores das pirâmides do Egito possuíam o domínio delas.

Quando se analisa as artes plásticas de civilizações mortas, às vezes muito distanciadas umas das outras, no tempo e no espaço, não se pode deixar de notar, entre quase todas, uma certa ciência daquilo que chamamos ondas de forma. O grau de domínio desses conhecimentos permite que se avalie o nível dessas civilizações. Isso, porque o estudo das ondas de forma está ao alcance do homem sem exigir o material complexo e sofisticado das ciências modernas. É suficiente uma certa sensibilidade, ajudada ou não por processos radiestésicos, de um cérebro curioso e organizado a serviço dos dons de observação e de uma geometria relativamente simples.

Mas essa ciência porque se trata de uma ciência verdadeira, experimental, tendo por objeto os fenômenos reprodutíveis era certamente, em outro tempo, apanágio de poucos. Não podemos imaginar nas mãos de todo mundo esses meios de ação sobre o que é vivo, que são as ondas de forma, selecionadas e dirigidas, suscetíveis de agir a distância praticamente ilimitada e, portanto, fatores de poder.

Esses conhecimentos, provavelmente tão antigos quanto a humanidade, chegaram até nós deformados e misturados com "verdades" discutíveis, modificados por acréscimos e perdas, na passagem de uma civilização a outra. Eles formam uma parte do que hoje se convencionou chamar de Tradição (com T maiúsculo) na qual o esoterismo mal esconde tamanha ignorância.

Foi necessária a genial intuição dos Srs. Chaumery e de Bélizal para que se reencontrasse o portal perdido do Palácio Encantado que, sob a luz crua de uma severa experimentação, permite ganhar em solidez o que se perde em fantasmagorias intelectuais.

Faremos uma breve exposição sobre o instrumento de exploração — o pêndulo dos radiestesistas, modificado, especializado e talvez ignorado do leitor — antes de empreender um histórico das pesquisas dos Srs. Chaumery e de Bélizal e de prosseguir no nosso próprio caminho.

Armemo-nos de um pouco de coragem porque algumas vezes seremos obrigados a seguir por uma rota marcada pela técnica. A abordagem da teoria das ondas de forma não é necessariamente uma descida em ponto morto... Depois, com os conhecimentos assimilados, será muito mais fácil.

O Pêndulo

Objeto de desconfiança por parte de numerosos cientistas, o pêndulo é aqui obrigatório, já que as ondas continuarão com a sua débil potência atual, e que não encontraremos um controle substituto independente do corpo humano. É preciso, portanto nos ajustarmos ao pêndulo e tirarmos o melhor proveito de sua técnica.

O que é pêndulo?

Em geral, é uma massa — variando de alguns gramas à algumas dezenas de gramas — suspensa por um fio flexível. Esse fio é seguro entre o polegar e o indicador, a palma da mão fica voltada para baixo e o pulso guarda sua flexibilidade.

Para nos familiarizarmos com esse objeto, vamos suspender uma pedra comum de 20 a 50 gramas com um barbante fino de 20 a 30 centímetros de comprimento. Segure o barbante fino de 20 a 30 centímetros de comprimento. Segure o barbante entre o polegar e o indicador, como dissemos acima, sem rigidez, e comecemos a andar no campo, balançando o pêndulo no plano da marcha, sem excessos, nem solavancos.

Em certos lugares, se formos sensíveis, o pêndulo vai parar de balançar e, se não o contrariarmos, o barbante descreverá um cone, e isso independe de nossa sensibilidade, pois certas pessoas podem andar indefinidamente sem que o pêndulo cesse de balançar. Podemos dizer que esse fato está para o pêndulo, assim como o violino está para os graus de virtuosismo.

E agora, paremos. Levantemos o braço livre na posição horizontal; a mão deve estar com os dedos unidos e num plano vertical. Giremos em torno de nós mesmos, bem devagar, sempre balançando o pêndulo. Certas orientações da mão livre dita “em antena” o giro do pêndulo é induzido como antes quando passávamos por certas zonas.

Nós descrevemos, por esses movimentos, descrevemos sem interpretar os procedimentos principais de um pesquisador procurando as correntes de água subterrâneas, numa primeira operação, e os cruzamentos privilegiados, numa segunda operação.

As pesquisas de água são, de qualquer maneira, uma excelente escola para todos os radiestesistas iniciantes; elas colocam em contato com a realidade física controlável.

Aperfeiçoemos as operações: pegue um pêndulo, cuja massa é uma esfera de cor bem definida. Balancemos esse pêndulo sobre panos ou de papéis de diferentes cores, sendo uma delas exatamente a cor do pêndulo. Este irá balançar sobre todas as cores menos uma, aquela que lhe é idêntica e que provoca o giro. Por quê?

Aparentemente, existe ressonância. Não nos estendermos sobre hipóteses avançadas para explicar as razões fisiológicas que deflagram os movimentos do pêndulo. Vamos nos contentar em dizer que tudo se passa como se ele agisse como amplificador dos reflexos da mão. Por sua forma, sua matéria, cor, etc., ele entra em ressonância com um fenômeno que lhe é exterior e essa ressonância age sobre o sistema nervoso, deflagrando o reflexo de colocar o pêndulo em movimento.

No lugar de um pêndulo de cor, poderíamos ter utilizado um pêndulo dito "neutro", suscetível de reagir sobre qualquer coisa, além de também segurar na mão fechada um pedaço de pano colorido. O pêndulo só girará sobre o pano do qual tiramos o pedaço. Este recebe, então, o nome de "testemunho" que é, em suma, um relê de ressonância entre "sujeito-pano" e o pêndulo.

Um grande número de radiestesistas operam com um pêndulo neutro e obtêm a ressonância com os mais diversos fenômenos, por simples harmonia mental. Sem negar seu real desempenho, não vamos segui-los: deixemos que sigam seus próprios caminhos. Procuraremos eliminar ao máximo qualquer influência mental, concentrando-nos no que estamos fazendo. Procuraremos uma ressonância física para a passagem do balanço ao giro sem nos inquietarmos com o sentido do giro. O sentido do giro dá polaridade (+) ou (-) por uma convenção mental, de acordo com um treinamento muscular. Para nós, o pêndulo gira ou não, é tudo. No que diz respeito às polaridades que definimos como sendo *um sentido de rotação em torno de um eixo orientado,* os pêndulos especiais são mais precisos e estão menos sujeitos às confusões

das causas. Esses pêndulos são simplesmente *solenóides*[1], no sentido inverso do saca-rolha para a polaridade (+) e no sentido do saca-rolha para a polaridade (-). Veremos esses pêndulos no Capítulo III.

Anteriormente, balançamos um pêndulo colorido sobre de corpos coloridos, mas teremos também que detectar os trajetos de vibrações ou o estado de um ambiente. Esses serão pequenos problemas técnicos, que não mudam em nada o princípio de ressonância, e que serão vistos em seu tempo e lugar.

Dito isto, faremos um breve histórico e em seguida prosseguiremos num trabalho que foi empreendido por esses notáveis pioneiros: Srs. Chaumery e de Bélizal.

As Cores na Esfera

Como esses senhores descobriram o que chamaram "ondas de forma", sobre as quais discutiremos mais tarde?

Eles tiveram a idéia de colocar uma esfera de madeira natural sobre um suporte independente, de pegar os pêndulos esféricos coloridos e de usar isso que chamamos de ponteiro que é, simplesmente, uma pequena haste de cobre limado, em ponta, numa das extremidades.

Balançando com uma das mãos um pêndulo com esfera azul, por exemplo, eles passearam o ponteiro sobre a esfera de madeira, na outra mão, procurando os lugares da esfera que faziam girar o pêndulo azul.

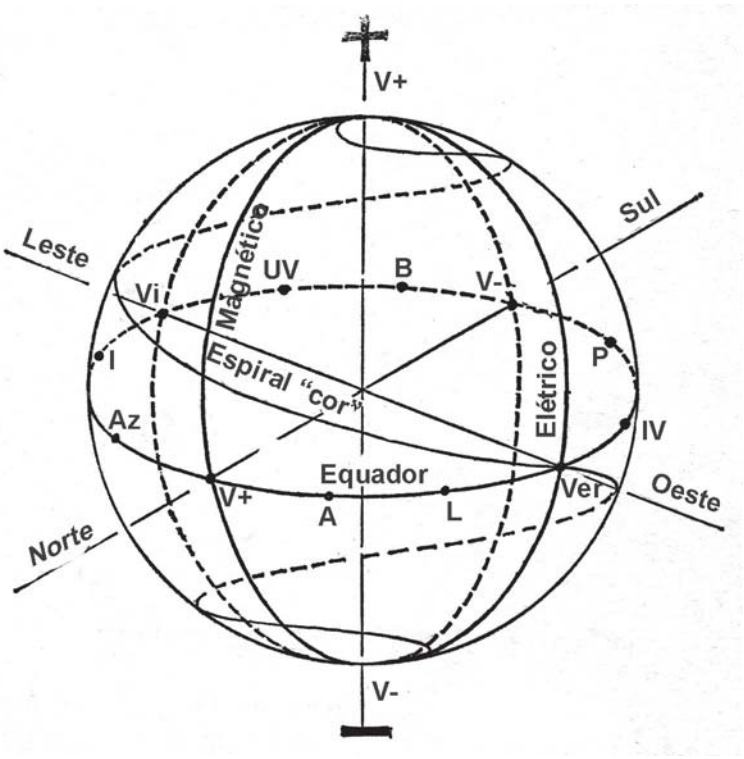
Também procederam da mesma maneira com outros pêndulos, de diversas cores, e encontraram o seguinte:

Cada cor se localiza sobre uma espiral, indo de um pólo positivo (+) a um pólo negativo (-) da esfera. As diferentes espirais se cruzam sobre o equador em dois pontos diametralmente opostos; um vermelho, outro violeta.

Um fato curioso é que as espirais seguem o sol e se deslocam sobre a esfera em torno do eixo fixo dos pólos, descrevendo o círculo completo no curso de uma jornada de 24 horas. Essa propriedade não deixou de causar certos cuidados aos Srs. Chaumery e de Bélizal, quando quiseram criar aparelhos baseados nas cores detectadas sobre a

1. Solenóide: linha contínua em forma de hélice em torno de um cilindro com seção circular.

esfera. Foi preciso que descobrissem os truques da fixação artificial descritos na sua obra *Ensaio de Radiestesia Vibratória.*

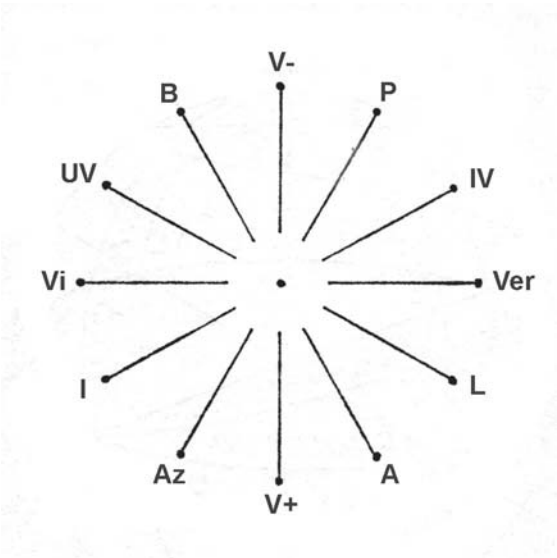


O pólo (+) que faz girar um pêndulo neutro no sentido das agulhas de um relógio corresponde ao verde-"cor" normal e foi chamado Verde Positivo. O pólo (-) que dá o giro inverso ao pêndulo neutro foi denominado Verde Negativo por simples oposição ao outro, porque ele não corresponde a nenhuma cor conhecida.

Um estudo mais aprofundado diferenciou dois meridianos perpendiculares da esfera e resultou em dois "espectros" idênticos do ponto de vista da cor (compreendidas as invisíveis que "fechavam os vazios") mas sobre as duas "fases", uma chamada "magnética", dando ao pêndulo neutro um giro positivo e a outra denominada "Elétrica", dando ao pêndulo neutro um giro negativo.

Sobre esses dois meridianos e sobre o equador, as cores fundamentais estão distribuídas em intervalos iguais a 30º sexagesimais, uma da outra; "Magnéticas" ou "Elétricas" sobre os meridianos respectivos "Eletro-magnéticos" sobre o equador.

Eis aqui o espectro e a abreviação dos nomes das cores nas duas fases: Magnética e Elétrica. Devemos guardá-los bem, porque retornarão sempre ao longo deste livro.



O "ESPECTRO" DAS ONDAS DE FORMA

Verde Negativo	V-	Verde Positivo	V+
Preto	P	Azul	Az
Infra-vermelho	IV	Índigo	I
Vermelho	Ver	Violeta	Vi
Laranja	L	Ultravioleta	UV
Amarelo	A	Branco	B

Chamam-se "Simétricas" as cores simétricas em relação ao eixo V+, V-. Por exemplo: Az e P, e I ou L, etc.

Chamam-se "Opostas" as cores diametralmente opostas. Por exemplo: Az e A, UV e L, etc.

O Pêndulo "Universal" Chaumery-de Bélizal

O estudo da esfera anterior deu origem a um pêndulo esférico em madeira, que é, tão somente, a reprodução fixada da esfera. Foi chamado de Pêndulo Universal, por ser suscetível de detectar todas as vibrações de forma possíveis, presentes em todos os pontos da esfera. Para tanto, ele é munido de um semicírculo em fio de cobre rígido, centrado sobre as linhas dos pólos de maneira que o ponto de ligação do fio de suspensão, deslizando sobre esse semicírculo, esteja na vertical da cor escolhida e marcada sobre a esfera. Uma cinta de fio de cobre com indicador desliza numa ranhura equatorial, de maneira que, na regulagem escolhida, o indicador esteja

sob o semicírculo de cobre. As obras dos autores dão uma descrição detalhada e um modo preciso de empregar esse pêndulo.

Este, regulado, pode substituir os pêndulos esféricos coloridos, reagindo às cores. Mas entra também em ressonância com outros fenômenos e, em particular, com formas geométricas, e daí o nome de *Ondas de Forma* dado a essas emissões detectadas sobre as formas. A diversidade de naturezas, nos fenômenos detectadas, fez com que se discutisse sobre a escolha das cores em referência, para uso geral. Porque as cores são, antes de tudo, casos particulares. Na verdade, não se trata de nada muito complicado; essas denominações são até mesmo cômodas na prática: dão base às idéias, embora não correspondam então às cores na maior parte do tempo, mas a emissões muito diferentes.

Os emissores

Da esfera de estudo, base do método dos Srs. Chaumery e de Bélizal passaram também aos aparelhos emissores de Ondas de Forma, das quais suas obras dão amplas descrições e utilizações.

Sem nos sobrecarregarmos, citaremos a "Bomba C 30", esfera esculpida em madeira, com 30 centímetros de diâmetro, cuja emissão de forma é pontual no centro da esfera; também o emissor dito "de ondas de choque" que envia uma emissão retilínea de onda de forma no espaço a partir de um bastão cilíndrico chamado de "canhão"; e ainda, os aparelhos de controle para uso biológico, etc. Todos esses aparelhos estão vinculados às condições naturais de nosso globo, quer dizer, aos pontos cardeais e às fases lunares. Isso não atrapalha em absoluto a sua eficácia, mas obriga a regulagens de orientação precisas e a correções periódicas. Tentaremos, mais tarde, nos libertar de tais dependências.

Resultados

O que os autores obtiveram desses aparelhos?

Eles obtiveram resultados; e escreveram obras.

É tempo de citar a definição que dá o Sr. de Bélizal para as ondas de forma: "Trata-se do produto de formas geométricas que captam a energia ambiente, numa pequena fração, e resultam de suas combinações. Super saturadas da energia captada, estas formas irradiam esta em vibrações, e assim por diante". Essa definição dá

conta das aparências, mas nos deixa insatisfeitos. Nós teremos ocasião de discuti-la.

As ondas de forma seriam, então, as vibrações de natureza eletromagnética e de muito fraca.

Seus comprimentos de onda aproximam-se dos da luz; seriam mesmo mais curtos. Porém, só poderemos verificá-los, realmente, no dia em que o pêndulo der lugar aos aparelhos independentes da fisiologia humana.Ainda não é esse o caso.

Um fato é certo: as ondas de forma têm uma influência sobre a saúde, como se entrassem em ressonância com a célula viva, semelhante a um pequeno ressonador. Essa influência é geralmente desconhecida; mas quem tem conhecimentos bastante profundos sobre esses fenômenos constata todos os dias os seus efeitos nocivos ou benéficos. Veremos isso num capítulo dedicado às ondas nocivas, cujos efeitos maléficos são anulados pelos emissores de ondas de forma reequilibradores.

Na realidade, somos feitos para viver num certo equilíbrio eletromagnético; em harmonia com uma natureza ordenada. Tudo o que destrói esse equilíbrio e essa harmonia nos é maléfico, obrigando o organismo a lutar. Enquanto a agressão não ultrapassar a capacidade de resistência, não é tão grave. Mas pode chegar um dia em que, por um motivo ou outro, uma fraqueza surge: é um sinal de um mal-estar ou uma doença.

Se equilibrarmos o ambiente e submetermos o doente, ou somente o órgão deficiente, a uma onda de forma cuidadosamente calculada em "cor" e em duração, que restabeleça o equilibro de forma normal, facilitaremos a cura, permitindo ao paciente reagir e nada mais, o que já é muito. Isso nos faz lembrar as palavras de Ambroise Paré: "Eu o mediquei, Deus o curou".

Suponha que você esteja junto de uma escada com tornozelos amarrados: assim você não consegue subir a escada.

Uma boa alma, então, o desamarra: agora você pode subir a escada, mas deverá fazê-lo por você mesmo.

As ondas de forma bem adaptadas apenas desamarram os seus tornozelos, cabendo a você, então, com o que lhe resta de recursos e eventualmente uma ajuda médica correta chegar ao topo da escada.

Mas *é preciso* desamarrar os tornozelos.

A ajuda médica amparará sempre, se o equilíbrio de "forma" não for *em princípio* suficientemente restabelecido. Muitos prejuízos se devem à ignorância de tais fenômenos, tão simples, que encontramos no meio agrícola. Por exemplo, em certos estábulos, o

veterinário dá uma injeção após outra nos bezerros, sem, no entanto, impedir que eles morram.

Bastou restabelecer corretamente um ambiente para que os bezerros reagissem favoravelmente aos remédios... ou mesmo deixassem de ficar doentes. Em muitos casos, em vez de atacar o micróbio com remédios demolidores, a solução mais simples consiste em criar um meio onde o micróbio não se desenvolva. As ondas de forma nem sempre são suficientes, mas ajudam.

O Sr. de Bélizal, com seus emissores de grande potência pôde tratar doenças através de testemunhos, sem que a distância entre o testemunho e o paciente vivo parecesse interferir sensivelmente. Esse testemunho que é um relê - pode ser uma mecha de cabelo, uma gota de sangue sobre um papel em branco, etc., da pessoa a ser tratada. Coloca-se esse testemunho na "Bomba C30" ou diante do canhão de um emissor convenientemente regulados.

Notámos que esse gênero de atividade não está ao alcance de qualquer um. Existem, em princípio, dificuldades de regulagem que requerem uma experiência séria para serem resolvidas. Também há riscos; porque a manipulação de aparelhos da potência (relativa) que os de A. de Bélizal oferecem um certo perigo para o operador. Ele pode receber radiações muito fortes não previstas e constatar em seguida radiodermias. Vista sob certo ângulo, as ondas de forma não são uma curiosidade para amadores.

Pode-se melhorar, às vezes, curar cânceres *sem metástases*, submetendo o testemunho a vibrações compreendidas entre V-M (magnético) e Preto Magnético.

Um grande passo seria dado na pesquisa sobre o câncer, se se admitisse, enfim, a influência primordial das emissões "Elétricas", compreendidas entre Verde Negativo e Preto, sobre a multiplicação anárquica das células. Constata-se, quase sempre, uma correlação entre correntes de água subterrâneas ou falhas Leste-Oeste e uma sucessão de cânceres em certas situações bem localizadas. Ora, essas direções Leste-Oeste subterrâneas emitem ondas na superfície, entre Verde Negativo Elétrico e Preto Elétrico.

Pode-se esperar que um dia as ondas de forma, convenientemente aplicadas, chegarão a um domínio satisfatório da multiplicação celular pelo simples jogo dos equilíbrios eletromagnéticos, no caso do câncer avançado. Os primeiros ensaios de A.de Bélizal são encorajadores. Parece que possuímos a alavanca. Mas como para Arquimedes para mover o mundo o ponto de apoio ainda faz falta.

É necessário, ao menos, não se desencorajar porque, mesmo sem a certeza da cura, observa-se, em muitos casos, um alívio e uma atenuação sensível das dores. Quando o caso é verdadeiramente desesperador, trata-se decididamente com V-M para um início tranquilo.

O Verde Negativo

Seria bom darmos algumas definições sobre o famoso Verde Negativo.

Segundo seus autores, essa seria a vibração mais curta do Universo.

Tem, em todos os casos e sem contestação, extraordinárias propriedades dessecantes e mumificantes sobre a matéria viva, tornando-a quase indestrutível. Tornou-se clássico mumificar a carne, a um terço da altura de uma reprodução em papelão da pirâmide de Quéops; e, recentemente, no livro *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, cita-se a afiação de uma lâmina de barbear nesse mesmo ponto da maquete da pirâmide para recolocar em ordem os cristais do aço; a mesma lâmina pôde ser usada em 200 barbas. O terço da altura de uma pirâmide é um ponto de emissão Verde Negativo.

O Verde Negativo foi patenteado em 1936 em vista de aplicações diversas (frio,etc) que jamais foram publicadas; mas talvez possamos ver o dia em que produzindo V-E (elétrico) a partir da energia elétrica, infinitamente mais potente que as formas que utilizam aparentemente a energia natural local.

Tivemos a oportunidade de ver o emprego do V-M no último estágio de um câncer. O V-E é muito perigoso e leva à morte lenta. Como prova, A.de Bélizal se ocupou em acelerar e desacelerar o crescimento de uma videira, submetendo-a períodos alternados de V-E e de V-M. Em quatro anos a videira atingiu uns trinta centímetros de altura enquanto que outras, plantadas na mesma época e no mesmo terreno ao redor do laboratório, cobriam os muros. Foi curioso constatar a influência das radiações sobre as folhas das videiras vizinhas àquela da experiência. Durante as emissões de V-E, essas folhas ficaram enrugadas.

A.de Bélizal forneceu, em seus livros, outras experiências, tais como as das fotografias feitas a partir de negativos, com emulsão sensível aos Raios X, colocados na Bomba ou diante de um canhão de emissor. Essas fotos têm a aparência de um céu estrelado ou de

um bombardeio de partículas. Ele assinala, também, o atraso acusado por um relógio elétrico "bombardeado" pelo V-E, e muitos outros fenômenos.

Os Livros

Os detalhes precedentes e muitos outros podem ser encontrados nas seguintes obras:

- *Tratado Experimental de Física Radiestésica* por L. Chaumery e A. de Bélizal. Publicado em 1939 pela Éditions Dangles.

- *Ensaio de Radiestesia Vibratória*, dos mesmos autores, publicado em 1956 pela Éditions Dangles (nova edição em 1975, Librairie Desforges).

- Depois da morte de L. Chaumery, em 1957, vítima de suas pesquisas sobre as ondas de forma, A.de Bélizal publicou uma terceira obra em colaboração com o Sr. Morel: *Física Micro-Vibratória e Forças Invisíveis*, publicada em 1965 pela Librairie Desforges. Nesse livro encontra-se o conjunto das descobertas feitas nessa época sobre as ondas de forma. Trata-se de uma mina de informações. Nela você encontrará uma das fontes de estudo das formas, o Egito antigo, origem das "pilhas radiestésicas" semi-esféricas. Aliás, os antigos egípcios ao que parece souberam usar as ondas de forma de uma maneira notável: os pêndulos em grés encontrados nos sarcófagos testemunham tais conhecimentos, sem os quais não se pode compreender plenamente a civilização do Nilo. Infelizmente, esses conhecimentos se desdobraram freqüentemente em práticas mágicas, resultando, no todo, numa mistura através da qual não é seguro se aventurar. Numerosas formas, como as reproduzidas nas pranchas desenhadas durante a expedição de Bonaparte ao Egito, são francamente nocivas, apesar de sua aparência anódina.

Acabamos de sobrevoar o terreno do que se constitui numa paciente e tenaz pesquisa de pioneiros e que teve, no fim resultados concretos.

Foram essas as bases do nosso próprio trabalho que, numa pequena proporção, melhoraram os conhecimentos nesse terreno; esperamos que outros continuem. Tal é a lei ingrata, que faz do pesquisador o elo de uma corrente cujo fim ele ignora. Da nossa parte da corrente não esperem nada de sensacional; trata-se simplesmente de um esforço de esclarecimento, a serviço de futuros

pesquisadores de aparelhos simples, suscetíveis de aperfeiçoamentos e resultados crescentes.

O Tronco de Árvore - O Corpo Polarizado e a Aura

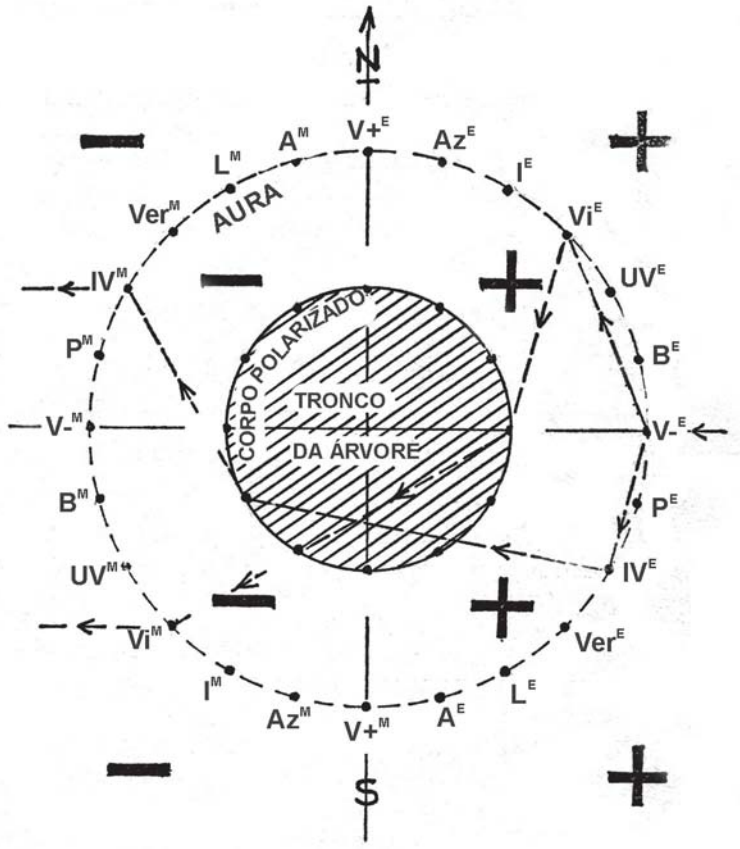
Na herança dos Srs. Chaumery e de Bélizal alguma coisa não estava clara.

O equador da esfera comporta 12 cores fundamentais não diferenciadas.

Se fizermos girar um ímã reto num plano horizontal, detectaremos ao Sul 24 cores diferenciadas: 12 magnéticas e 12 elétricas produzidas pela orientação do ímã no campo magnético terrestre. Por quê?

Começamos a pesquisa a partir do tronco de uma nogueira, isolada no meio de um jardim de cidade, sem saber muito bem onde chegaríamos...e sem qualquer preocupação com a eventual opinião de vizinhos bastante curiosos.

Tomemos um Pêndulo Universal de A. Bélizal e apontemos o indicador da outra mão para o tronco da árvore, tocando-a.



Nós reencontramos o equador da esfera:

Andemos ao redor do tronco da árvore, segurando entre o polegar e o indicador da mão livre, a ponta da folha de uma planta qualquer. Este artifício fará com que se capte as vibrações locais que de outro modo não seriam identificáveis, pois a árvore está em harmonia com os ritmos vibratórios do ambiente. Isso, porque estamos lidando com uma nogueira "real" num ambiente não menos "real".

Sobre um círculo, cujo raio é duas vezes o do tronco, no espaço, encontramos 24 cores diferenciadas: Elétricas a Leste da reta Norte - Sul passando pelo centro do tronco, Magnéticas a Oeste dessa mesma reta. Ou seja: V+M ao sul, V+E ao Norte. V-E a Leste, V-M a Oeste e todas as intermediárias.

Este círculo virtual sede das vibrações potencialmente detetctáveis, podemos chamá-lo de AURA, enquanto que a seção correspondente do tronco, generalizada, tormar-se-á o CORPO POLARIZADO.(1)

Pra lá da Aura, só se encontra as polaridades (+) a Leste, e (-) a Oeste, numa distância que é convincentemente função do raio do tronco da árvore, mas não avaliada.

O que no traz tal investigação em torno de uma árvore?

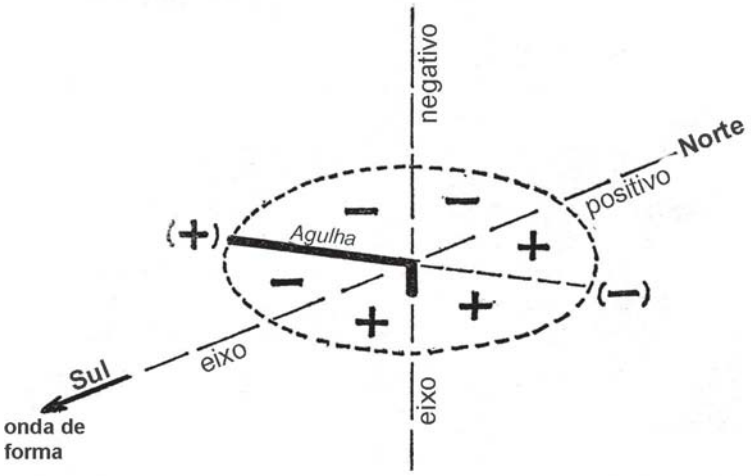
O Corpo Polarizado material, *em equilíbrio com o ambiente*, parece ser um patamar entre as polaridades (+) e (-) que ele deflagra ao mesmo tempo que a Aura, num plano horizontal, já que nesse plano suas "cores" são indiferenciadas e que *todas as detecções exigem um artifício*.

Porém, para que haja aí uma ruptura de equilíbrio como a que pode acontecer com uma forma geométrica qualquer, uma vibração de forma aparece detectável sem artifício.

Trata-se de uma emissão, verdadeira dinâmica e não mais em potência. Sem que se possa explicar muito bem, nem figurar o que se passa realmente, a forma geométrica parece selecionar, canalizar uma ou mais "cores" de uma Aura potencial, disponível em todos os pontos do espaço ao mesmo tempo que aparecem o (+) a Leste e o (-) a Oeste, manifestando um fluxo (?) tributário da rotação terrestre.

É assim que produziremos ou analisaremos as formas emissoras dessa ou daquela "cor", sob a condição de uma orientação estrita no espaço.

(1) - (essa divisão do círculo em 12, depois em 24 raios a partir do centro, é parecida com a de certas rosáceas das catedrais góticas. Veja-se, por exemplo, a grande rosácea da fachada Oeste de Notre-Dame de Paris).



Essas rupturas de equilíbrio com o ambiente são raramente favoráveis, pelo menos em certa medida, de onde a importância que há na arquitetura, como também em todos os domínios onde intervêm as formas, para evitar a ruptura brutal e potente. Infelizmente, vivemos numa época muito mais inclinada a provocar rupturas, pela ignorância, através da busca da novidade pela novidade e dos meios de atrair a atenção, que submetem os sistemas nervosos a uma rude prova. É o sinal de uma civilização em fim de carreira, que se alimenta de aparências e esgota suas reservas.

O imã em rotação nos havia dado 24 cores diferenciadas, aparentemente mobilizadas sobre uma Aura pelo seu pólo (+), e desviada ao Sul de seu Centro. No caso onde o magnetismo do ímã poderia introduzir algum problema, repitimos a experiência com um fio de cobre retilíneo, onde uma das extremidades, dobrada em ângulo reto, funciona como eixo vertical de rotação, quando introduzido no eixo escavado de um lado a outro de um cilindro de madeira colocado sobre uma mesa. Façamos girar a parte horizontal do fio de cobre em torno desse eixo.

Constatamos que:

1. O eixo de rotação engendra uma vertical negativa.

2. O eixo horizontal Norte-Sul, no plano da agulha de fio de cobre e passando pelo eixo de rotação é positivo.

3. O plano horizontal da rotação da agulha de fio de cobre é delimitado por uma circunferência virtual, onde o raio é igual ao comprimento da parte horizontal do fio de cobre. Essa circunferência encerra duas superfícies em semicírculo, uma positiva a Leste, outra negativa a Oeste, de um lado ao outro do diâmetro Norte-Sul.

4. A extremidade horizontal do fio de cobre é positiva, enquanto que o ponto virtual simétrico dessa extremidade em relação ao centro de rotação é negativo.

5. As ondas de forma são emitidas ao Sul do eixo de rotação, em volta do círculo virtual, e correspondem às cores diferenciadas da Aura captadas pela extremidade (+) da agulha.

6. Finalmente existe um ângulo de 40^2 a Oeste do Norte do Eixo N-S dos V+ que anula todas as polaridades. É um ângulo de equilíbrio marcante, que voltaremos a encontrar.

A experiência precedente confirma nossas hipóteses: não existem mais corpos polarizados; também a gênese das ondas de forma parece estar, aqui, numa divisão de polaridades, o que explicaria a presença de ondas de forma, detectadas no Pêndulo Universal, sobre múltiplas manifestações de energia: química, calórica, acústica, elétrica, etc., além das formas geométricas, porque dentro do nosso universo físico e, nós retomaremos a isso, tudo se resume à bipolaridade: os pólos de uma pilha elétrica, o calor e o frio, o alto e o baixo, etc.

Prossigamos com nossas experiências.

Acendamos uma vela. A chama se tornará o centro de um corpo polarizado virtual, e sua Aura de raio duplo, que se detecta no espaço com um Pêndulo Universal. Com a vela apagada, não se encontra mais.

Provoquemos a reação de um ácido com um calcário, por exemplo, num recipiente cilíndrico aberto. Reencontramos no espaço Corpo Polarizado e Aura.

Mais um ensaio ainda: em cima de um fogão aceso se encontra o V-E que não existe em cima do mesmo fogão desligado. Isto explica, entre parênteses, a nocividade do aquecimento artificial do piso, porque coloca no ambiente o V-E, o pior que existe.

Pode-se multiplicar os ensaios e ainda assim eles nos farão pensar que as ondas de forma são fenômenos acompanhados de todas as formas de energia, seja qual for a sua natureza; um envelope de energia e, de certa forma, a gramática de sua organização; veja-se a gramática da organização íntima do Universo, que, do ponto de vista filosófico, pode nos levar muito longe.

Pois as ondas de forma, ainda o veremos neste livro, fazem supor a existência de uma ordem natural simples, flexível e imutável às vezes, princípio diretor da evolução das idades geológicas, entre outras, e que nos rege sempre. O desconhecimento presunçoso

pelo homem dessa ordem natural, originados de uma realidade abstrata que ele não pode escravizar porque lhe é exterior, é a origem de muitos dramas atuais, tanto de ordem material como na organização das sociedades.(1)

Vamos parar por aqui com nossas cogitações e prosseguir nosso estudo, porque vamos ainda passar por algumas dificuldades antes de podermos respirar...

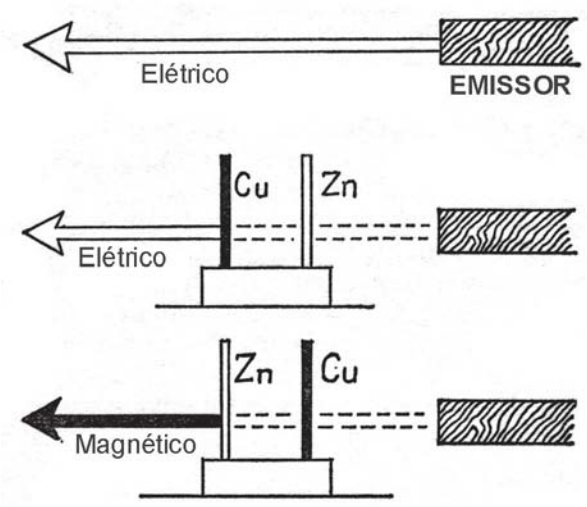
(1) (encontramos uma idéia análoga na obra de Werner Heisenberg (Prêmio Nobel de Física), *A Parte e o Todo*, onde ele escreve que tudo o que vemos e sentimos deve ser dirigido por uma "Ordem Central").

Da Natureza das Ondas de Forma

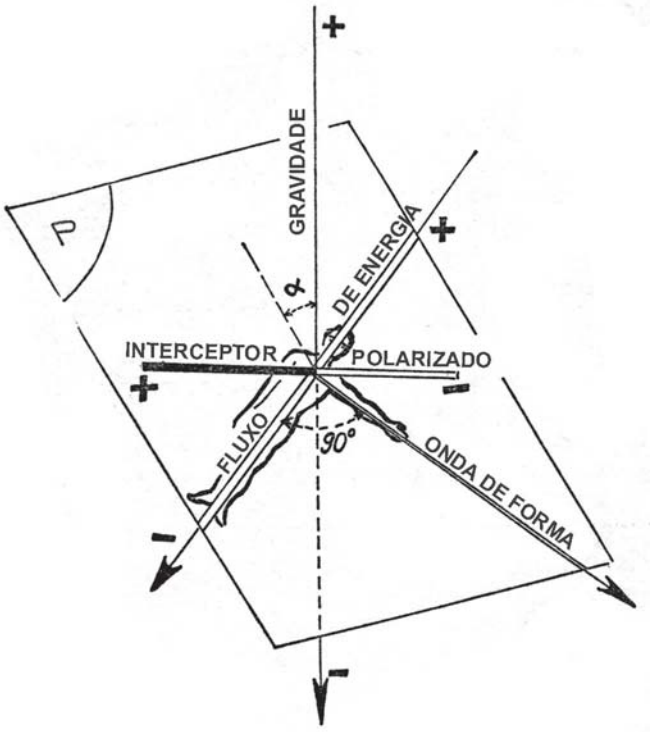
Eis um aspecto das ondas de forma que ainda precisamos aprofundar, porque as experiências anteriores já nos tinham feito pressentir que as palavras "Magnética" e "Elétrica" estavam, provavelmente, mal adaptadas a seu objeto. Dificilmente concebemos que a mesma vibração- "cor", passando do Leste para o Oeste, mude de natureza. Seria como se um cavalo branco preso a um poste pela cabeça deixasse de ser um cavalo branco se fosse preso pelo rabo.

Esta questão de vocabulário nos embaraça em face de A. de Bélizal, a quem tanto devemos. É por isso que conservamos as palavras com a maiúscula, afim de distingui-las das verdadeiras "elétrica" e "magnética".

Essas palavras forma escolhidas por L. Chaumery e A. de Bélizal



porque a emissão “Magnética” era interrompida por um corpo magnético como o ferro ou o aço, e a emissão “Elétrica” por um isolante como a borracha ou o baquelite. Nós repetimos essas experiências. Elas não confirmaram as anteriores, sob as condições em que as realizamos. Se existe interrupção, ela dever ser muito breve, porque reencontramos as vibrações além dos interceptores planos e perpendiculares, na direção da emissão.



Cortamos, então, a emissão N-S por um par bimetálico formado de duas lâminas paralelas, uma de cobre, outra de zinco.

Zinco ao Norte e cobre ao Sul, não muda a fase de emissão.

Cobre ao Norte e zinco ao Sul faz com que a emissão “Magnética” torne-se “Elétrica” e inversamente, na mesma cor.

Ora, sabe-se que na pilha voltaica o zinco é o polo (-) e o cobre o pólo (+). Uma inversão de sentido muda então a fase de emissão.

Numa outra experiência, nós fizemos passar a emissão de forma retilínea pelo eixo de um solenóide. Um solenóide (+) manteve a fase de emissão, um solenóide (-) o inverso. O que confirma:

As emissões ditas “Magnéticas” ou “Elétricas” parecem ser, então, da mesma natureza, mas diferenciadas pelo seu sentido em relação a um ponto, uma reta ou uma forma geométrica, conforme o caso.

Por que não ir mais longe, dizendo que toda entidade pode ser positiva em relação a uma segunda e negativa em relação a uma terceira, e reencontrando assim as polaridades relativas do Yin-Yang chinês e as bases de acupuntura ? Isso se verifica experimentalmente com um par de corpos quaisquer que, percorridos num sentido por uma onda de forma, mantêm a fase e, no outro sentido, apresentam a fase contrária, como procedemos com o par cobre-zinco.

Em conseqüência das outras experiências, que consistiram em variar a orientação de um emissor de ondas de forma no espaço, chegamos a uma certa generalização da gênese das ondas de forma, na falta de uma definição precisa.

Parece que são necessários três fatores polarizados para produzir uma onda de forma:

1. A gravitação. Podia-se duvidar disso, já que a massa intervém na potência dos aparelhos, mais a gravitação age também sobre a fase Elétrica ou Magnética de uma onda de forma.

2. Um "fluxo" de energia orientado.

3. Um interceptor polarizado do fluxo; interceptor que nós vamos supor reduzido à sua linha dos pólos, qualquer que seja sua forma.

Consideremos o plano (P) da direção do fluxo e do interceptor polarizado. Esse plano faz um ângulo qualquer á (alfa) com a vertical do ponto comum.

Um homem, análogo ao de Ampère, está deitado de costas dentro do plano (P) e da mesma maneira que o fluxo de energia lhe entra pela cabeça, sai pelos pés.

Quando esse homem tem a face voltada na direção do (+) da gravidade, a onda de forma é emitida na direção do braço esquerdo estendido no plano (P) perpendicularmente à direção do fluxo.

A provável necessidade da gravidade para produzir uma onda de forma talvez explique as indisposições dos astronautas quando em períodos prolongados sem gravidade. A ausência de ondas de forma representaria um papel semelhante ao das formas despolarizantes, como as estátuas da Ilha de Páscoa. O efeito não tão brutal como o de uma bala na cabeça, mas acaba desorganizando as funções vitais.

Seria então importante estudar a produção de ondas de forma em estado antigravitacional. Onde isso poderia nos levar ?

Algumas Propriedades das Ondas de Forma

Começará o leitor, a partir daqui, a ter uma pequena idéias do que são as ondas de froma? Você já foi prevenido de que a abordagem desse assunto não seria como uma descida em ponto morto - e ainda não estamos perfeitamente familiarizados com ele, ao contrário, estamos longe disso. Mas não temos necessidade de conhecer tudo para podermos utilizar as ondas de forma. O esforço principal está feito.

As Ondas existem; portanto, têm suas leis e não são invenções de radiestesistas. São realidades exteriores ao operador, com as quais pode-se empreender experiências, e das quais pode-se reproduzir os efeitos. Elas são objeto de ciência, mesmo que, por alguns de seus aspectos, aproximem-se do simbolismo e do esoterismo das formas. Muitas de suas propriedades ainda foram descobertas, à exceção daquelas já vistas ou das que abordaremos mais adiante.

As ondas de forma puras se propagam no espaço como vibrações dirigidas e são, então, muito penetrantes, a ponto de parecer que não há escudo material inerte capaz de detê-las. Porém, da mesma forma que com as ondas luminosas e um prisma de cristal, pode-se desviar as ondas de forma com um prisma de madeira. Pode-se, também, concentrá-las com uma lente convexa de madeira, e refleti-las sobre um espelho inclinado. Elas parecem obedecer, de certa forma, às leis da óptica, como se fossem raios luminosos sem fótons.

Pode-se captar as ondas de forma por ressonância, sem perda apreciável, a distância, como veremos a propósito das mensagens. Se bem que podemos questionar: poder-se-ia utilizar asa ondas de forma como vetores de energia e com que perda de restituição? No atual estado de coisas, isso é plena ficção científica.

Pudemos fazer com que um fio de cobre seguisse as ondas de forma e encontrasse a detecção ao pêndulo no fim do fio. Por indução, essas ondas podem passar de um condutor a outro paralelo ao primeiro, embora possamos ligar entre elas dois condutores isolados, sem interromper a passagem da onda de forma de um para outro.

Foram feitos ensaios introduzindo-se uma onda de forma num pino de 12 V. de um transformador e reencontrando-a amplificada, no pêndulo, no pino dos 220 V.

Todas essas experiências, passíveis de serem reproduzidas, darão talvez uma noção mais precisa da natureza e do comportamento das ondas de forma e permitirão adquirir um melhor conhecimento

delas. Não se tem dúvida de que o dia em que os verdadeiros cientistas deitarem as mãos nisso seriamente, essas ondas entrarão num domínio aceito por todos. Mas então, e com mais acuidade que agora, se colocará o problema moral - porque, repetimos, as ondas de forma podem matar ou salvar e não se deixam manipular assim tão facilmente como se crê.

Convém agora aprofundar o meio onde se desenvolvem as ondas de forma através de um estudo dos campos, entendidos como porções do espaço onde se produzem os fenômenos.

CAPÍTULO II

O CAMPO DE FORMA

As ondas de forma, já o vimos, podem ser emitidas por corpos sólidos de formas geométricas cuja densidade é diferente daquela do meio ambiente.

Essas formas põem em evidência a existência de campos sem os quais não haveria ondas de forma.

O que é o campo?

Já disseram que ele deveria ser entendido como uma porção do espaço onde se produzem fenômenos.Isso é um pouco abstrato; vejamos exemplos.

O ar onde voam os pássaros do campo é campo de prazer para a nação alada.

Em toda parte onde a agulha de uma bússola se orienta sozinha em uma direção privilegiada, pode-se falar de campo magnético.

Do mesmo modo, em todo lugar onde uma forma geométrica emite ondas de forma, pode-se falar de campo de forma.

Talvez você esteja se perguntando qual o interesse que temos em explorar o campo de forma.

Em biologia se faz experiências *in vivo* com espécimes vivos, animais de laboratório ou outros.Mas para precisar certos detalhes, faz-se estudos *in vivo*, ou seja, em um meio artificial.Mantém-se, por exemplo, um tecido vivo em uma solução nutritiva para se estudar as condições nas quais ele pode viver separado do organismo.Isso às vezes leva ao conhecimento de como deveria ser o meio natural normal e como corrigi-lo quando necessário.

Faremos o mesmo com as ondas de forma.

Depois de nosso passeio em torno da nogueira em seu meio natural, iremos experimentar os campos artificiais que, reproduzindo a modalidade do campo natural, nos ajudarão na correção de um campo natural desequilibrado e nos ensinarão a não ofender a harmonia das coisas.

Somos os primeiros a ser tocados por essa investigação, por pouco que nos interesse a nossa saúde.

Será isso possível?

A priori, não há razão que se oponha a que saiamos das condições naturais locais do nosso planeta fabricando com nossas mãos minicampos de forma.

Deve-se poder observar ou domesticar as ondas de forma em todos os pontos do espaço, mesmo intersiderais, pois as emissões de ondas de forma resultam de propriedades comuns a todo o Universo, incluindo a gravitação, já que só pode haver intervenção das polaridades (+) e (-).

Aí está o filão: jogar com polaridades artificiais que vão nos liberar, num âmbito reduzido, das polaridades que se devem à rotação da Terra, como um imã possante faz desaparecer localmente as conseqüências do campo magnético terrestre.

Mas nossos campos artificiais serão, eles próprios, emitidos por formas, se bem que alguns poder-se-ão perguntar se são uma divagação do espírito.Depois de ter lido o capítulo, o julgamento será seu.

Primeiramente, será necessário esclarecer alguns enigmas e colocar um pouco de ordem onde os radiestesistas têm introduzido suas noções particulares, cada um deles baseado em reações pessoais, pois, a cada categoria de percepção ao pêndulo, corresponderá um campo.

Tentemos não nos confundir.

OS NÍVEIS DE ONDAS DE FORMA

Existem níveis de ondas de forma.

Tivemos uma primeira percepção disso num dia em que experimentávamos as emissões de um novo emissor[1] e as fazíamos passar através de um prisma de madeira.

O Pêndulo Universal regulado na "cor" da emissão encontrava duas direções na saída do prisma. A primeira era normalmente desviada pelo prisma, a outra continuava em linha reta, como se o prisma não existisse.Então pensamos: "Vejam só! Eis uma emissão laser-onda de forma que nada detém nem desvia! "

Nesse meio tempo, O Sr. Bardet nos procurava para pedir uma colaboração "técnica" para um novo livro: *Mística e Magias*. Foram nossos primeiros contatos com o hebraico e foi esse idioma, com as palavras fornecidas por G. Bardet, que resolveu nossos problemas laser mostrando-nos que as ondas de forma não são somente de ordem física.

Existem também emissões detectáveis de ordem vital ou espiritual e é preciso fazer as distinções, pois de outra forma arriscamo-nos, como já fizemos muitas vezes, e misturar tudo.

Sobretudo, não se pode omitir, em casos assim, a realização de uma pequena experiência de esclarecimento.

Escolhemos, portanto, um emissor baseado no círculo, que possa trabalhar em todos os níveis, e nos munimos de pêndulos hebraicos que começávamos a ter sempre à mão.

Como era para nós no início, para você será uma ocasião de ser apresentado a algumas propriedades desse idioma fantástico, o hebraico, que emite em vibrações de forma aquilo que quer dizer, pelas formas e pelas combinações de suas letras.

O hebraico, que se lê da direita para a esquerda, tem 22 caracteres simples cujos números são seus números de ordem no alfabeto.

Cinco desses caracteres têm dois números: o seu número de ordem no alfabeto, quando o caractere se encontra no corpo de uma palavra, e aquele que lhe é atribuído quando um deles termina uma palavra com um grafismo particular.

Portanto, no total: 27 números, 27 grafismos, por 22 nomes de caracteres.

1. Um emissor é um aparelho produtor de ondas de forma. Veremos isso no Capítulo III.

Um quadro dos caracteres hebraicos lhe dará o número, o grafismo e a correspondência em caracteres latinos. Você constatará que os grafismos de base são pouco numerosos e relativamente fáceis de desenhar, desde que se pegue o jeito. Iremos nos estender um pouco mais sobre o assunto no capítulo sobre as formas.

Na transcrição em caracteres latinos, a ordem das letras é reconduzida ao hábito ocidental da leitura da esquerda para a direita.

Pêndulos hebraicos

São pedaços de cabos de madeira cilíndricos de ferrramentas, perfurados no eixo para a passagem do fio de suspensão. A palavra desenhada sobre papel adere à parte cilíndrica do pêndulo por meio de um elástico comum.

As palavras empregadas são:

1. H há R Ts - (pronuncia -se Haaretz) - A Terra - para as emissões em “Físico”.

2. L N Ph Sh cH Y H - (pronuncia-se La Nésphesh Raïah) - O sopro da vida - Para as emissões em “Vital”.

3. R W cH - (pronuncia-se Rouah) - (A) Espírito - Para as emissões em “Espiritual”.

É o equivalente do “pneuma” grego ou da anima latina, por oposição à psique ou animus, ainda que as palavras não se substituam exatamente.O hebraico freqüentemente está mais próximo da realidade profunda que as aproximações dos outros idiomas.

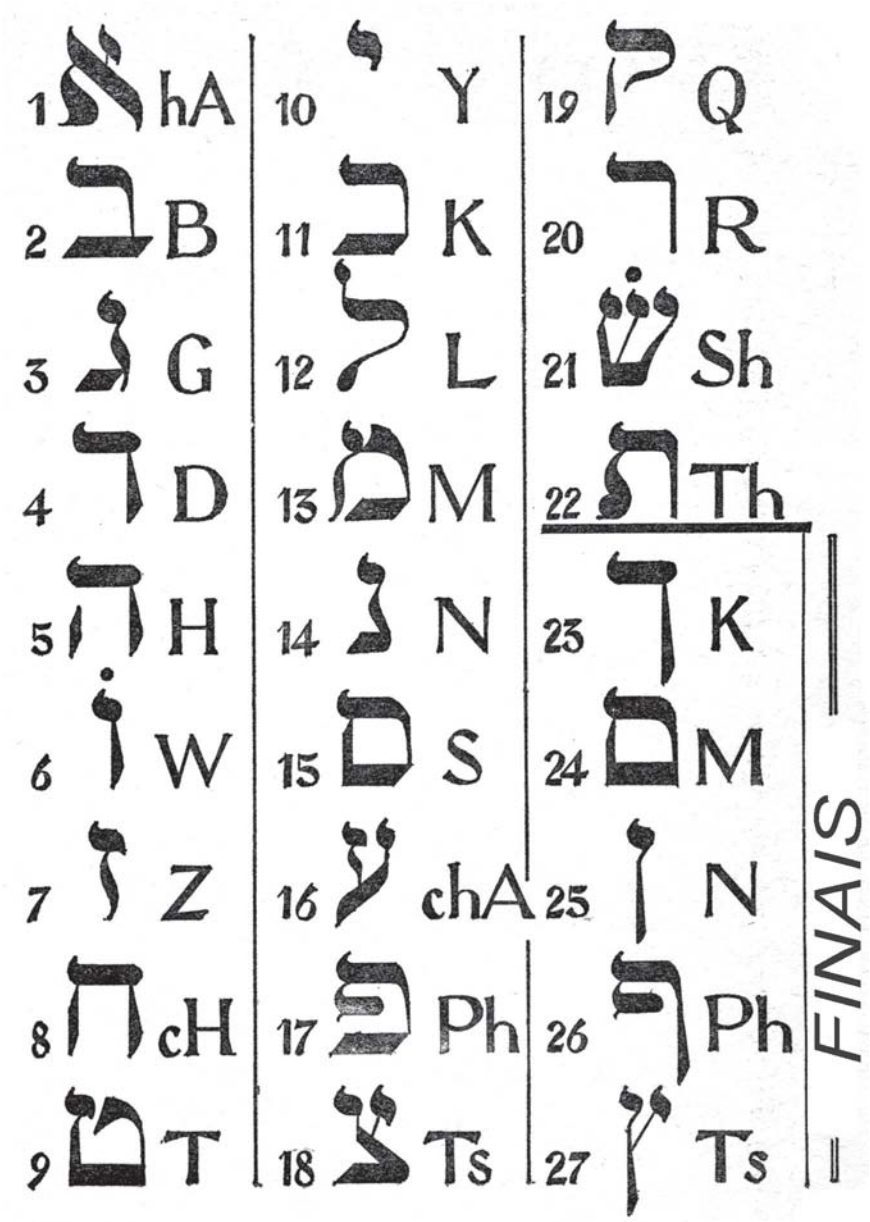
E agora, vamos aos fatos.

Experimentação

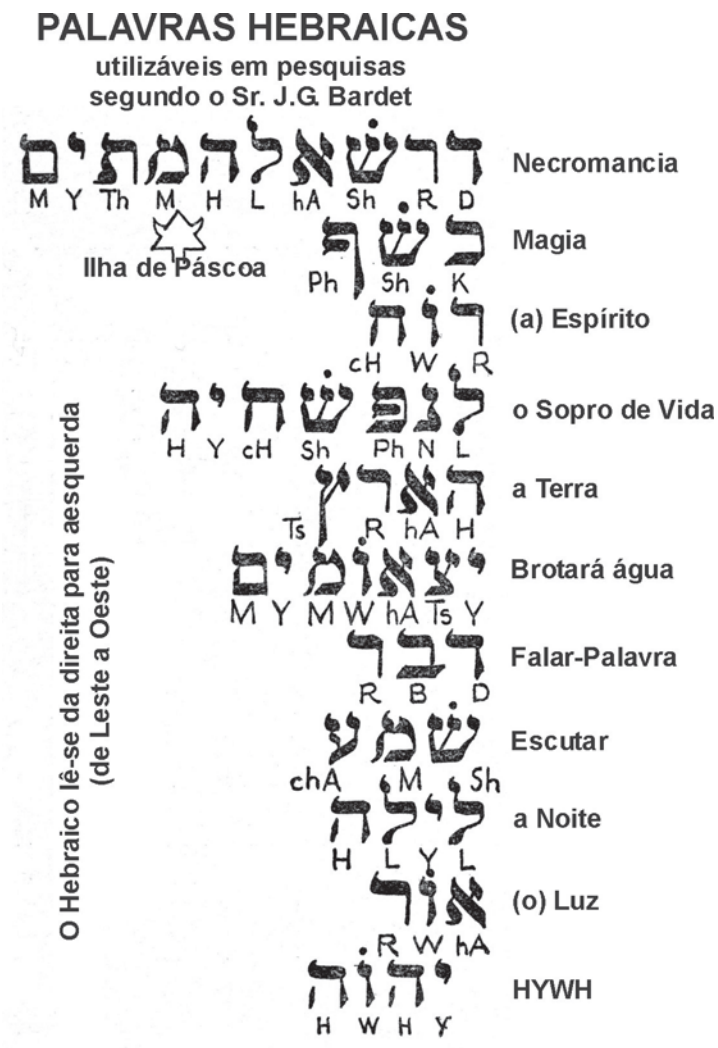
Utilizamos um emissor de emissão horizontal regulado por uma cor qualquer, fazendo reagir os três pêndulos hebraicos.

Interceptamos a emissão com um prisma de madeira.

1. Constatamos que as emissões em R W cH (espiritual) e em L N Ph Sh cH Y H (vital) atravessam o prisma sem desvio enquanto que a parte H ha R Ts (física) é desviada como aconteceria com um raio luminoso por um prisma de cristal. Estamos lidando aqui, sem dúvida, com uma vibração.



2. Interceptamos a emissão não desviada por um testemunho de planta ou de animal *vivos*. A parte L N Ph Sh cH Y H é detida e unicamente a R W cH continua em linha reta.

3. Interceptamos esta última emissão por um testemunho humano vivo ou morto, e aí não se encontra mais R W cH pra lá do testemunho. O homem tem qualquer coisa a mais do que um animal... o que já sabíamos antes. Trata-se, entre aspas, da negação do materialismo puro.Essas duas últimas emissões que não se comportam como vibrações físicas normais colocam um grande pon-

to de interrogação em nosso campo de visão. O que elas são na realidade?

Elas existem e têm implicações físicas, já que o pêndulo especializado gira — mas, com os meios de que dispomos, não é possível ir muito mais longe.

Entretanto, é preciso que nos sobrecarreguemos com a R W cH, mais do que desejaríamos, pois foi ela que nos propôs os problemas mais difíceis e que deixa o maior número de perguntas sem respostas... E também não vale a pena dar muita atenção as questões cuja clareza seja ofuscante.

A emissão em R W cH é incômoda do ponto de vista das ondas de forma. Ela ameaça não apenas deixar saturados os aparelhos, ou seja, os carregar até torná-los impróprios para o uso, como também perturbar as detecções, acrescentando-lhes margens de erro. A auto-sugestão, essa ferida em radiestesia, não precisa ser

acompanhada por todo o conjunto de influências mentais exteriores muito possíveis em R W cH.

A manutenção da R W cH tem outro inconveniente: diminui a precisão das emissões, nos dá um "pincel" quando desejamos a acuidade de um único fio. Por exemplo, a graduação exata do V+M em R W cH não dá uma emissão V+M, mas a da palavra hebraica Y H W H como o Waw *não* pontuado. A agulha do aparelho permite facilmente encontrar um V+M bastante perto do eixo, de uma maneira ou de outra, mas nunca se trata de uma vibração pura.

Obs. - O Waw, a sexta letra do alfabeto hebraico, e portando o número 6, pode ou não ter sobre ele um ponto. Segundo J.G. Bardet, o Waw era originalmente pontuado. Quanto a nós, a experimentação nos mostrou a necessidade desse ponto para um bom equilíbrio nas aplicações do Waw em ondas de forma.

Tentemos aí ver mais claro com essa R W cH

A palavra hebraica cobre o conjunto do "espiritual", mas nós formulamos a questão: qual o nível exato, real, desta R W cH do ponto de vista que nos afeta aqui, o da detecção com pêndulo?

Sem dúvida estamos além do animal e sua L N Ph Sh cH Y H, mas sem deixar para trás a criatura.

Pode ser que se trate de um dos motores do que se chama de fenômenos "Psi", onde a fronteira entre normal e anormal nem sempre é evidente, onde os Seres do Inferno, sempre à espreita, se introduzem com facilidade. PAPUS (doutor Encausse), em suas operações mágicas, não utilizava ele a estrela flamejante (pentágono estrelado), emissor em R W cH em seu altar de evocações?

É por isso que devemos eliminar todo "espiritual" das formas e dos aparelhos, se quisermos realizar um trabalho científico. A R W cH nos confina em um ambiente onde arriscamos no mínimo não sermos mais senhores dos fenômenos, assim como nas detecções.

Todas as formas que emitem ao mesmo tempo nos três níveis são aparentemente despolarizadas.Nós as qualificamos como "mágicas" porque elas fazem reagir os pêndulos hebraicos "Magia" (K Sh Ph) a direito ou invertidos, "Necromancia", etc.

O perigo dessas formas despolarizadas vem de sua receptividade ao espiritual sob influência de vontades conscientes ou não, diretas ou indiretas, que

podem modificar as propriedades dos dois outros níveis. São formas incompletas, com um "vazio" a ser preenchido.

Podemos, portanto, ser prejudicados pelo uso de formas aparentemente benéficas à saúde. Cedo ou tarde elas se tornam sem efeito ou se carregam de energias nocivas sem que saiba como ou por quê.

Estamos, com efeito, fora de um domínio científico limitado ou reprodutível. Esse setor das ondas de forma tem limites obscuros que agradam ao ocultismo. Melhor evitá-los. Os exteriores atraem com tudo o que se tinge de mistério, mas a porta se abre sobre um mundo cheio de ilusões, de contradições e de inversões, onde o Violeta passa para o Oeste e o Vermelho para o Leste. Você fica preso numa teia onde a aranha, pronta para o bote, se chama Sh T N (o Shatan hebraico).

Shin	Sh	21	3	
Tet	T	9	9	
Noun	N	25	7	
		55	19	1

A imitação da Unidade.

Um exemplo célebre de formas não polarizadas é o das estátuas da ilha de Páscoa, que veremos em um capítulo sobre formas. A experiência nos ensinou a desconfiar. Lembramo-nos particularmente de uma forma pirografada sobre uma placa de madeira, sem poder próprio, que dava a impressão de expandir-se num raio de 40 metros. Mesmo quebrada, essa forma ainda emitia ondas. Foi necessário queimá-la.

Será que um espírito honesto ficará satisfeito com essas explicações?

Acrescentemos, para completar, que o Criador, puro espírito, não tem qualquer necessidade de formas para que o homem atraia Seu interesse. Seu imenso amor por Sua criatura é suficiente, e esta foi criada livre para responder a esse amor e recusá-lo por meio da sanção *post mortem* da felicidade eterna ou do sofrimento sem fim.

A Igreja católica tem "signos" - os sacramentos e os sacramentais que, conjuntamente com a oração e a penitência, estabelecem a ligação espiritual com Deus. Mas essa ligação não tem medida comum com a da R W cH detectável com pêndulo.

Pedimos desculpas por colocar os pontos nos is dessa forma, mas as coisas devem ficar claras, sejam quais forem, de início, as convicções do leitor, que não queremos ofender de forma alguma. Existe aqui material para refleção para um espíritonão embotado.

OS CAMPOS

Os níveis acima correspondem a campos.

O CAMPO ESPIRITUAL

Esse campo em R W cH está claramente fora de preocupações deste estudo e já nos entendemos suficientemente sobre esse assunto.

O CAMPO VITAL

Este é o campo da L N Ph Sh cH Y H. Ele nos interessa à medida em que interfere junto dos campos psíquicos aos quais nos limitamos ao máximo em nossos propósitos. Apagá-los sem piedade seria um erro, ainda mais porque é fácil colocá-lo em evidência sobre o vivo, ao qual é específico.

O vivo equilibrado não emite de uma forma sensível e evidente o Campo Vital, somente no estado potencial. Para descobri-lo, nesse caso, é preciso usar certos artifícios: seja apoiar o polegar da mão livre sobre o mindinho dobrado; seja segurar um "canhão" [1] 8+10+5 ou 8+10+10+24; seja, simplesmente, segurar a ponta da folha de qualquer planta entre o polegar e o indicador.

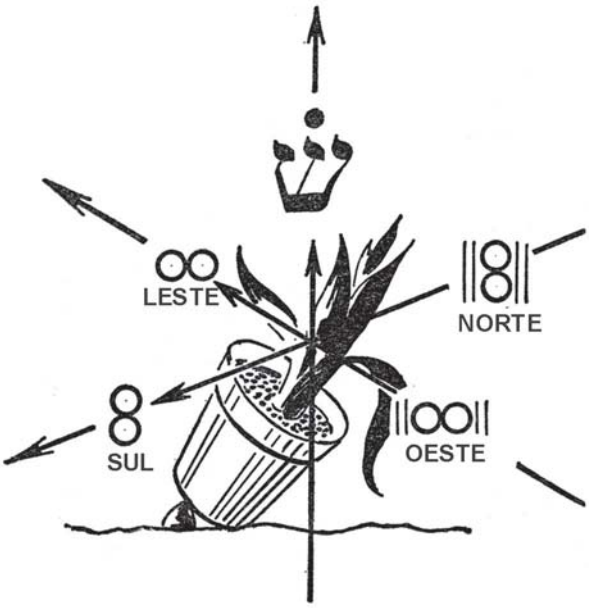
Evitemos esses artifícios desequilibrando uma planta num vaso por meio de uma inclinação pronunciada. Detectamos vibrações dignas de nota nas três dimensões de espaço.

1. Em cima, na vertical, o Shin, 21º caractere do alfabeto hebraico.

No domínio das ondas de forma que nos interessa, o Shin orientado bem para o Norte, no interior de um círculo desenvolve sobre esse círculo, o espectro de cores não diferenciadas do equador Chaumery-de Bélizal: tornamos a encontrar nosso tronco de árvore.

Isso é importante, pois o sentido do Shin, a orientação do espectro não-diferenciado no espaço, nos darão indícios sobre a "magia" das formas... e mesmo sobre magia e nada mais...

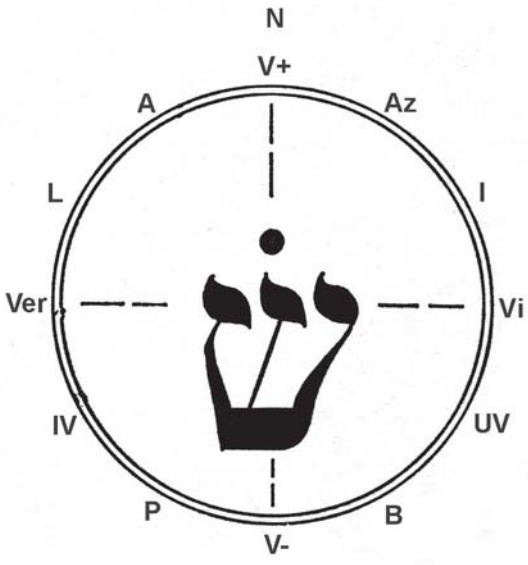
1. Um "canhão" é um prisma ou cilindro alongados para emissão axial de ondas de forma.



Uma rotação a 180º do espectro não-diferenciado sobre um testemunho de ser vivo, em relação ao normal, deve nos incitar à maior circunspeção.

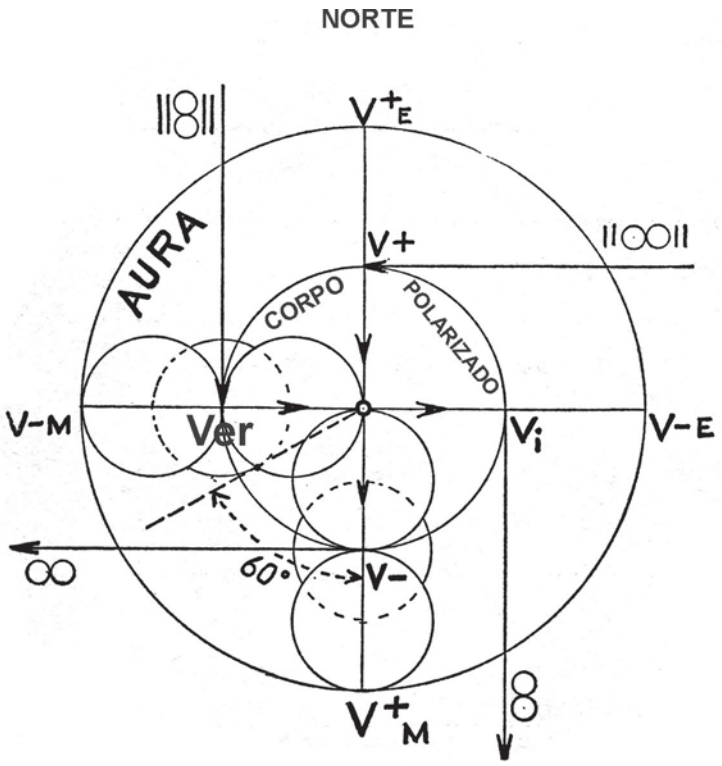
2. A Oeste, a vibração do Nó de vida em fase "Magnética", a Leste em fase "Elétrica". O Nó de Vida, materializado por dois círculos iguais tangentes na linha horizontal dos centros Leste-Oeste, é uma forma *fundamental* que reencontraremos ao tratar sobre o Magnetismo Vital. Ela indica uma transferência.

3. Ao Sul, a vibração de dois círculos iguais tangentes à linha dos centros Norte-Sul ou vertical. Ao norte, a mesma vibração em fase Elétrica. Chamamos essa forma de Eq. Ela indica um repouso.



Num vegetal de um certo volume, como era nosso tronco de árvore, essas duas últimas vibrações tangenciam o tronco ou o corpo polarizado: ao Sul e ao Leste em fase Magnética, ao Norte e ao Oeste em fase Elétrica.

Esses três componentes estão presentes em toda parte e o ser vivo, participante do Campo Vital, não é mais que o revelador disso. Um material inerte como



um estilhaço de rocha natural não emite o Campo Vital salvo em certas condições de movimento que seria necessário precisar — o que não fizemos — pois o movimento é uma determinada expressão de vida.

Dissemos em nossa introdução que a base de nosso estudo—mesmo não expressa—seria o Campo Vital. Com efeito, este campo, por sua expressão geométrica, se ligará aos polígonos que poderão definir o campo físico e sua estrutura. Voltará a juntar-se, também, ao hebraico, pelos números, confirmando em que ponto este último adere à realidade experimental.

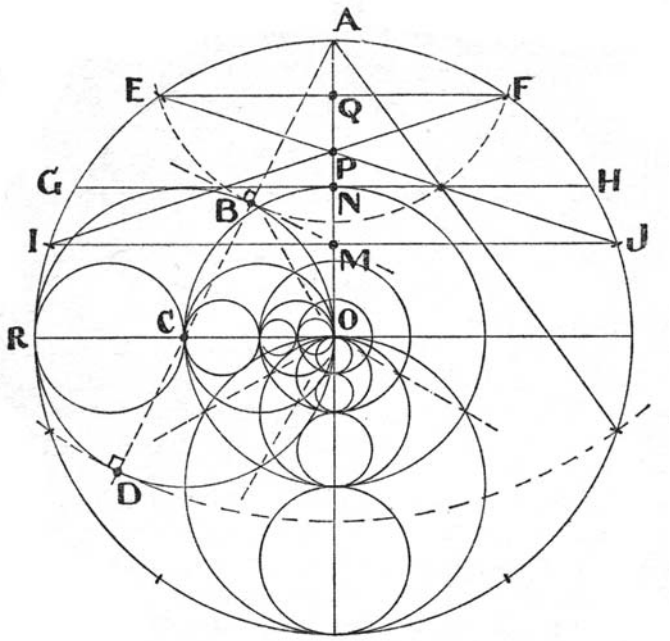
Damos, portanto, essa figura de base essencial construída sobre os componentes horizontais e que, por si mesma, emite o Shin, desde que o centro da figura seja furado de um lado a outro em seu suporte material.

O círculo que tem esse ponto furado como centro de um raio igual ao diâmetro de um dos círculos do Nó de Vida é onde se assenta o espectro não-diferenciado do equador Chaumery-de Bélizal, nas condições normais.

O círculo circunscrito às formas do Nó de Vida e do Eq é onde se assentam as cores diferenciadas da Aura.

Pode-se fazer um bom emissor dessa forma, independentemente da orientação, com a condição de se traçar (ou escavar) os eixos retangulares nas direções cardinais a partir do centro para eliminar a R W cH eventual de origem.

Uma agulha reta em fio de cobre rígido, de comprimento útil inferior do raio de círculo que representa o Corpo Polarizado, dobrada em ângulo reto para ter um eixo vertical no furo central, envia ao Sul *artificial* as cores indiferenciadas do equador Chaumery-de Bélizal.



Uma agulha com a mesma forma, cujo comprimento útil seja compreendido entre o raio do Corpo Polarizado e o da Aura, expede na mesma direção as cores da Aura.

Se se coloca sobre o suporte no qual a forma foi desenhada ou gravada uma figura supostamente "mágica" ou pêlos de vacas enfeitiçadas, por exemplo, a agulha mais curta regulada no Violeta não-diferenciado envia Vermelho ao Sul artificial. O Corpo Polarizado girou em 180º enquanto que a Aura não se modificou. A primeira constatação desse fenômeno nos deixou estupefatos, mas é preciso aceitar a realidade. Nessa ocorrência, o Shin a direito passa de cabeça para baixo sobre o centro.

Essa figura não nos dá mais do que uma porção limitada do campo. É preciso entendê-la, multiplicando os círculos o mais que permita o suporte.

Apercebemo-nos, então, que os círculos sucessivos têm diâmetros duas vezes maiores que os de seus precedentes imediatos. Falando de outra maneira, o crescimento obedece a uma lei de forma:

$$y = A \cdot 2x$$

ou se você preferir a uma progressão geométrica de razão 2.

Vale dizer que y é igual a A multiplicado x vezes por 2.

Essa lei exponencial com base 2 dá a estrutura primeira do Campo Vital e *enquadra tudo o que virá aí se inserir.*

A multiplicação celular, por divisão em dois de cada célula mãe, obedece a essa lei (mitose).

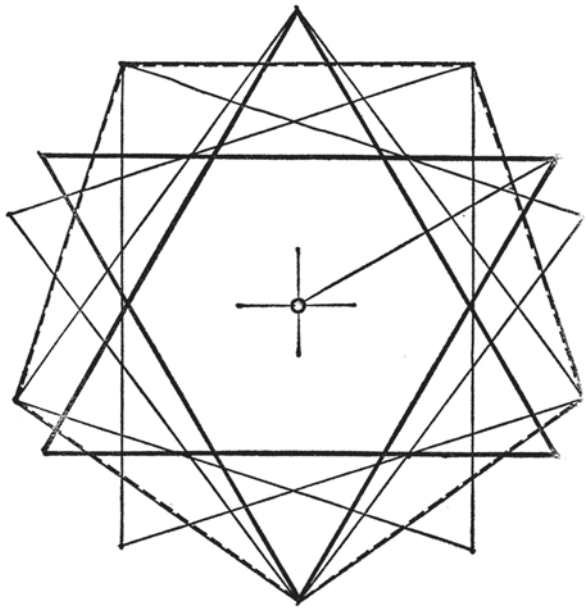
Em certos lugares, se diz, a vida está em ebulição...

Feche os olhos e imagine esse balé fantástico de bolhas imateriais em expansão a partir de cada um dos infinitos pontos do espaço, e você não terá mais que uma idéia pequena e bastante vaga do que seria a explosão permanente do Campo Vital se este se materializasse diante de nossos olhos...

O CAMPO DE FORMA FÍSICO

Este campo está imerso no Campo Vital. Muitas vezes é bastante difícil de fazer a distinção entre os dois. Você terá várias vezes a impressão de estar lidando com os dois ao mesmo tempo.

Multiplicando os círculos do Campo Vital, apercebemo-nos de que os círculos iguais com centros sobre o mesmo eixo,



onde o centro de um se encontra sobre a circunferência do outro, dão intersecções situadas sobre eixos raiados de hexágonos ou hexagramas, os quais restabelecem a simetria do espaço e nos levarão de volta ao físico dos cristais e das colméias de abelhas.

Por outro lado, constatamos que as condições geométricas estão reunidas para aplicar muito simplesmente a construção clássica do decágono e, em conseqüência, de pentágonos.

Se exprimirmos um campo limitado a um único hexagrama, um decágono estrelado, um pentágono convexo e um pentágono estrelado teremos uma porção válida de campo?

Nesse caso, será necessário colocar de antemão nossas condições, estabelecendo testes.

Sem nos estendermos num livro de que maneira alguma pretende ser um tratado sobre as ondas de forma, podemos dizer que *deveremos reencontrar sobre uma forma de campo as condições observadas no campo natural*.

Por exemplo, um disco em cartão colocado sobre um suporte material que representa a estrutura do campo deverá ser a sede sobre seu contorno do espectro do Corpo Polarizado, atrai sua Aura, efetuar a separação das polaridades e tudo com uma orientação *em relação ao suporte* e não em relação ao campo natural.

Da mesma maneira, um simples lápis apontado poderá emitir, no Sul artificial, uma das vibrações da Aura correspondente a sua orientação *em relação ao suporte,* etc.

Esses e outros testes são verificados quando se traça no mesmo circulo circunscrito (não materializado) o hexagrama, o decágono estrelado e o pentágono convexo, sem esquecer a semi-reta das UV E partindo do centro da figura furado de um lado a outro com seu limite no vértice N-E do hexagrama. Essa semi-reta forma um ângulo de 60º com o eixo N-S e, necessariamente, orienta o campo.

O pentagrama ou pentágono estrelado se insere facilmente na figura, mas não acrescenta nada ao equilíbrio. A respeito disso é bom dizer alguma coisa. Essa figura conhecida pelo nome de estrela flamejante, cara aos amantes das trevas e de fumaças "sulforosas", que se encontra em motivos decorativos de cerâmicas sumérias, é despolarizada como são todos os polígonos impares que, isolados, emitem em R W cH e em "Magia".

Você poderá objetar: "O cinco é uma característica do vivo, como os cinco dedos das mãos, o número de pétalas de muitas flores, as estrelas do mar, etc".

Está certo. Mas observe atentamente. Esses "cinco" não são mais do que aparências. Eles se transformam em dez e na paridade por duplicação, ou pela irradiação de eixos concorrentes. As pétalas das flores têm um eixo irradiante nervurado e também são duplicadas pelas pétalas.A estrela do mar é um volume irradiante, etc.

O ímpar é como um fermento no interior de uma massa. Não se pode "materializar" sem fazer apelo ao par em harmonia com o bipolarismo do físico. O ímpar deve vestir-se de par, mas o par não pode conter a vida, servir-lhe de envelope, se não estiver sustentado pelo ímpar. Fazemo-nos compreender bem?

É por isso que o pentágono é necessário à expressão do campo que, mesmo físico, está imerso no Campo Vital sem o qual não existiria.

Fechado esse longo parêntese, poderemos nos entregar a alguns cálculos da geometria elementar que antigamente se aprendia também nos cursos de humanas quando Euclides merecia ainda alguma consideração. Esses *cálculos darão diretamente as proporções que utilizaremos em arquitetura e que se encontra na natureza,*

exigindo de nós apenas um pouco de paciência. É aí que se constata a ordem simples sobre a qual está construída a natureza material inerte (aparentemente) ou animada.

Não lhe imporemos os detalhes dos cálculos dos quais uma das bases é o fato de que a hipotenusa de um triângulo retângulo cujos lados são 2 e 1 é igual a “5.

Construamos um círculo cujo diâmetro OR=R é um raio do círculo circunscrito ao futuro decágono. Tracemos o diâmetro do círculo circunscrito perpendicular a esse raio. Do ponto extremo A desse diâmetro, tracemos dois círculos tangentes ao primeiro, um exteriormente, outro interiormente. Seus raios são respectivamente os lados do decágono estrelado de convexo (figura da pág. **XX**).

O lado do decágono estrelado é AD:

$$R\cdot\frac{\sqrt{5}+1}{2}=R\cdot\varnothing,\ \varnothing \text{ é o Número Áureo}$$

$$\frac{\sqrt{5}+1}{2}=1{,}61803...$$

O lado do decágono convexo é AB.

$$R\cdot\varnothing-R=R(\varnothing-1)$$

Desses dados deduzimos:

O apótema OQ do pentágono convexo do lado EF é igual a:

$$R/2\cdot\varnothing$$

A intersecção dos dois lados do decágono estrelado está a uma distancia do centro OP igual a:

$$R\cdot(\varnothing-1)$$

O apótema do pentágono estrelado é igual a OM:

$$R/2(\varnothing-1)$$ (de memória)

O apótema do hexagrama é: ON=R/2

Obs. Os hexagramas sucessivos circunscritos e inscritos são figuras que se encaixam exatamente umas nas outras e que, geometricamente, respondem à estrutura exponencial de base 2. Os pentágonos e decágonos se inscrevem na estrutura imposta pelos hexagramas.

Com a ajuda dessas construções e cálculos, o campo pode se exprimir de maneiras múltiplas por figuras deduzidas. Mas podemos esperar uma outra expressão de campo a partir da palavra hebraica Y H W H (Eu Sou) com Waw pontuado.

O TETRAGRAMA hebraico Y H W H sobre o qual J.G. Bardet escreveu longamente em seu *Tesouro Secreto de Israel* é uma das expressões de Deus em hebraico a outra Elohim (há L H Y M) palavra plural *concordando com singular* e explicitando a ação criadora das Três Pessoas em um único Deus – e que nada tem a ver com os extraterrestres.

Y H W H de Números 26-17-8

Yod:	Y	1	1
He:	H	5	5
Waw:	W	6	6
Hé:	H	5	5
		26	17

explicita, em si, a Trindade em quatro caracteres:
Yod de número 10, indicativo do Pai.
Waw de número 6, indicativo do Filho.
Hé de número 5, indicativo do Espírito que recobra sua inspiração do Pai ao Filho e do Filho ao Pai.

Não iremos mais longe nessa direção, na qual estamos pouco à vontade. Contentemo-nos apenas com as ondas de forma.

Os Números *qualitativos* 10, 6, 5 nos fazem reencontrar o decágono, o hexágono e pentágono de agora a pouco, porque um número qualitativo é uma divisão da unidade, portanto do círculo. Mas procederemos de outra forma.

O Yod emite uma vibração V+M a 180º.

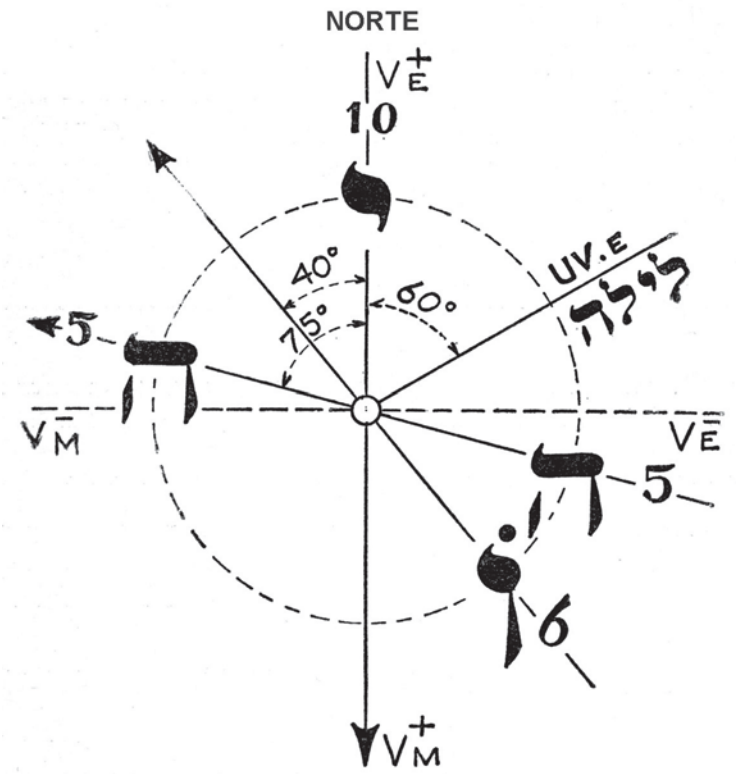
O Waw pontuado *emite* uma vibração situada sobre a Aura a 40º do Norte em direção ao Oeste, a 320º.

O Hé emite em Preto Elétrico a 105º.

Desenhamos cada caractere sobre seu eixo de emissão respectivo, respeitando a duplicação do Hé sobre um mesmo círculo não materializado. Apercebemo-nos de que os *caracteres hebraicos bastam para definir um campo que responde aos testes*.

Seus eixos de vibrações constituem o que poderíamos chamar de EIXOS DIRETORES do campo de forma.

Se os materializarmos por retas concorrentes é preciso, como antes, impor a orientação para a semi-reta UV E a 60º do Norte em direção ao Leste, afim de satisfazer os testes. O campo não ficará completo se não furarmos o suporte de um lado a outro no ponto de convergência dos eixos. Especifiquemos esses eixos:



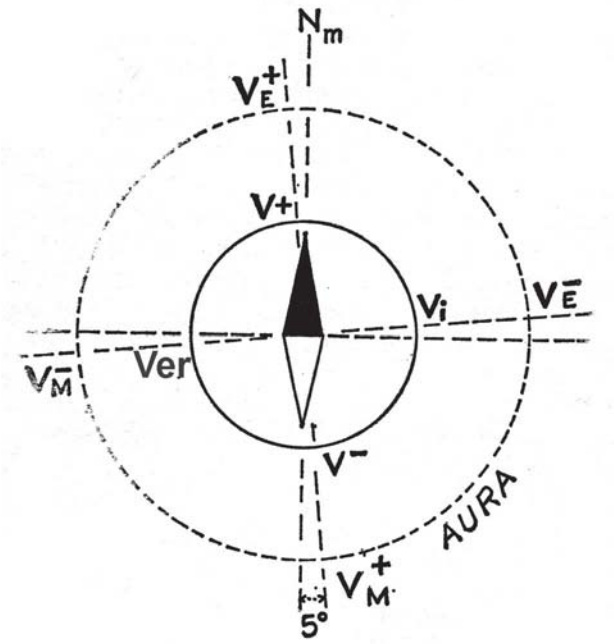
1. A reta N-S artificial, o Yod, 0º - 180º.
2. A reta do Waw , 140º - 360º.
3. A reta dos He, 105º - 285º
4. A semi-reta dos UV E em 60º

Quanto ao eixo eventual do V-, 90º - 270º, se o omitirmos, a vertical sobre o ponto de convergência dos eixos é positiva. Se esse eixo é traçado, a vertical sobre o ponto de convergência é negativa e o eixo 0º - 180º é positivo. Tude depende do que desejamos fazer, bem entendido que um testemunho deve ser tratado sobre eixo opsitivo.

Pedimos desculpas por sermos um pouco pesados na questão dos eixos, mas estes nos serão muitas vezes úteis para construir aparelhos liberados de campos naturais, para conhecer também mais facilmente a vibração de uma forma orientável. Com efeito, orienta-se mais facilmente em relação a um campo artificial geometricamente definido do que em relação a um campo magnético eventualmente perturbado, mesmo levando em conta os misteriosos 5º que vêm a seguir.

*ORIENTAÇÃO DO CAMPO DE FORM*A

Até aqui fizemos alusão aos pontos cardeais sem nos preocuparmos muito com precisão frente ao campo natural. Trabalhando mais ou menos sem referências, nos era quase indiferente que o Norte citado fosse magnético, geográfico ou qualquer outro. Devemos agora nos inquietar com isso, pois as conclusões interessantes que poderemos tirar do estudo dos campos artificiais, teremos de as aplicar ao campo natural no qual vivemos.



Coloquemos uma agulha de bússola em uma orientação qualquer no interior de um circulo desenhado ou em fio de cobre, bem centrada. Desencadeamos sobre o circulo um espectro de Corpo Polarizado em *relação à agulha*, uma Aura de raio duas vezes maior do que o do círculo e cujas polaridades (+) e (-) sejam levemente separadas pelo eixo da agulha imantada.

Mas, fato digno de nota, essas manifestações daqui por diante familiares *são desviadas em 5º em relação ao eixo da agulha.*

Podemos pois produzir ondas de forma a partir de polaridades magnéticas, mas devemos considerar esses misteriosos 5º. Se em aparelhos emissores de ondas de forma substituirmos a agulha habitual do fio de cobre por uma agulha imantada, esta sempre estará a 5º da outra no sentido dos ponteiros de um relógio para obter a mesma onda de forma.

As precauções devem ser tomadas quando da orientação de formas em relação ao campo magnético terrestre. O Norte da forma estará a 5º a Oeste do Norte magnético, ou seja, m 355º magnéticos.

Aí está um enigma a resolver e não resolvido. Por que esses 5º?

OBSERVAÇÕES

Os cálculos acima fazem aparecer o Número do Ouro com os decágonos e pentágonos, polígonos insuficientes ao equilíbrio do campo. O Número de Ouro, número irracional, inacabado e insuficiente não é mais que um dado parcial.

Todas as construções, todos os sistemas, como a Proporção Egípcia que veremos mais adiante, baseados *unicamente* no Número de Ouro (Seção Dourada) levam a pensar, por analogia, nas filosofias ditas "idealistas", nos sistemas que, partindo de fatos reais, mas particulares, os generalizam em construções intelectuais que pretendem englobar explicar todo o Universo e que nos fazem perder o juízo.

O mundo atual está repleto de ideal*ismo*.

Quão mais perto do real global está o Santo Tomás de Aquino com o *Ars Traditur Naturam* de seu Prefácio à Política (O saber fazer se inspira na natureza).

Além disso, o Número de Ouro, dado geométrico, ou melhor, limite algébrico jamais alcançado na realidade natural, tem um inconveniente maior que faz rejeitar seu emprego *exclusivo*: inverte o Vermelho e o Violeta do Corpo Polarizado – desligamo-nos da observação do tronco de árvore para entrar em plena magia!

Devemos primeiramente, Número de Ouro ou não, desconfiar de uma autoproclamada tradição esotérica. A algumas citações fragmentadas corretas misturam-se quantidades de escórias gnósticas, cabalísticas e outras, enfeitadas com vestes matemáticas, com pressupostos desconcertantes. É preciso procurar muito para se obter algo útil dessa mistura. As ondas de forma e a experimentação ajudam a fazer a triagem necessária.

Até aqui temos utilizado os detectores herdados de Chaumery-de Bélizal. Também temos idealizado outros, de construção mais simples e mais seletivos quanto aos níveis das ondas de forma. Isso é o que abordaremos no capítulo seguinte, juntamente com alguns emissores simples, baseados nos Campos de Forma, que nos servirão na continuação.

CAPÍTULO III

OS APARELHOS DE TRABALHO

Se você quiser, poderá pular este capítulo, caso não esteja interessado diretamente nas emissões e detecções. Percorrê-lo, no entanto, talvez acrescente algumas noções que ajudarão a compreender o restante.

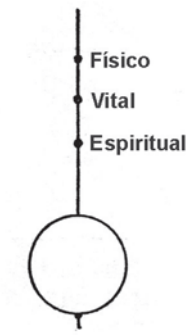
Somente alguns aparelhos serão apresentados; aqueles com que ensaiamos dariam para alimentar um fogão à lenha por um bom tempo.

Escolhemos os aparelhos mais simples, dentro da linha das pesquisas sobre os campos, de maneira a não romper o fio que prende o leitor.

Insistimos principalmente no Disco Equatorial, emissor bastante simples, através do qual se verá a maneira de manejar um emissor e de trabalhar concretamente as ondas de forma.

OS DETECTORES

Embora pareça, não é assim tão fácil encontrar um detector de ondas de forma que não sature, ou seja, que não se sobrecarregue, a ponto de se tornar inadequado para uma pesquisa, e que dê satisfação à maioria dos operadores.



Pêndulo neutro

Um bom detector de ondas de forma deve poder reagir à vibração escolhida sem que o mental participe de maneira dominante... porém, deve-se prestar atenção no que se está fazendo. Principalmente, é preciso não fazer con-

fusão com as fases “Elétrica” e “Magnética”, de um lado, e as polaridades, de outro.

Não nos esqueçamos que, sem exceção, estamos em domínio físico onde o reflexo do operador é, a nosso ver, um fenômeno de ressonância com as células nervosas.

Nó de parada

Distinção dos Três Níveis

Para facilitar, em geral, a seleção dos níveis de emissão com um pêndulo neutro (ou um detector de ondas de forma com o Pêndulo de Cone fictício Chaumery-de Bélizal), podemos utilizar três *nós radiestesicamente* neutros no fio de suspensão.

O nó de baixo corresponde ao “espiritual”, o nó intermediário ao “vital” e o nó de cima ao “físico”.

O nó a ser feito é o nó de parada, chamado de “nó de carreteiro”, em náutica, ou “nó em oito”. Esse nó é também recomendado para prender o fio sob o pêndulo. Os pêndulos descritos adiante trabalham somente em físico e normalmente não ocasionam uma excessiva fadiga nervosa, mesmo que tenham uma utilização prolongada nas análises em série.

Pêndulo Equatorial

É uma esfera com diâmetro aproximado de 6 centímetros. Além do furo de passagem do fio entre os dois pólos, outros furos são feitos no plano equatorial seguindo raios circundando os eixos diretores do campo de forma.

Um fio de cobre, fechado pela torção de suas extremidades, formando um indicador, desliza numa ranhura equatorial. Esse indicador, parado sobre uma graduação, permite ao pêndulo reagir à vibração correspondente por ressonância.

O equador é graduado com as 24 cores do espectro diferenciado da Aura. Isso quer dizer que um semicírculo equatorial é Magnético e o outro Elétrico.

Esse pêndulo, sensível e preciso, requer uma execução perfeita para que seja um instrumento válido. Procuramos também um outro pêndulo que “trabalhasse” sobre 12 cores equatoriais, em vez de 24. É o:

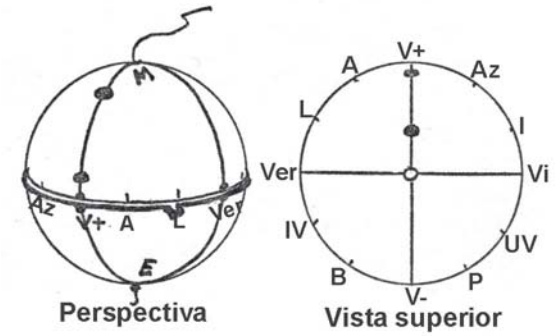
Pêndulo Equatorial "Unidade"

É uma esfera cufo o funcionamento é baseado em:

1+8+4=13

da palavra hebraica: hA cH D (Ehad) que significa "Um".

Escava-se o equador assim como dois meridianos perpendiculares. Num quarto de círculo de meridiano escavado, entre o equador e um dos pólos, perfuramos dois raios até o centro: um a 1/13 desse quarto de círculo a partir do equador e outro a 9/13, em comprimentos de arcos.



Pêndulo Equatorial "Unudade"

As quatro interseções de dois meridianos com o equador são ligadas através de furos diametrais, de um lado a outro, e, naturalmente, através do furo de passagem do fio entre os pólos.

O equador é, então, a base de 12 cores indiferenciadas do equador Chaumery-de Bélizal. Obtém-se a fase Magnética suspendendo-se o pêndulo pela ponta do fio que corresponde à semi-esfera com furos radiais no quarto de meridiano; e a fase Elétrica, suspendendo-se o fio pela outra ponta.

Como o pêndulo anterior, este comporta uma cinta em fio de cobre com indicador que desliza em torno do equador para fixar a cor correspondente.

O equador, dividido em 12 cores em vez de 24, permite uma regulagem mais precisa do indicador, aparentemente sem que sua sensibilidade seja afetada. Ganha-se também rapidez, para passar de uma fase à outra numa mesma cor; isso porque basta mudar a ponta do fio de suspensão.

Agora, vamos supor que se suprima a cinta de fio de cobre; esse pêndulo poderia detectar a fase de qualquer cor seguindo a ponta do fio utilizado.

Sobre uma cor não-diferenciada, obtemos a ressonância com as duas pontas do fio de suspensão. Portanto, se o pêndulo reagir a uma vibração quando estiver suspenso tanto por uma ponta do fio, quanto pela outra, estamos de frente a uma cor não-diferenciada.

Pêndulos Cilíndricos

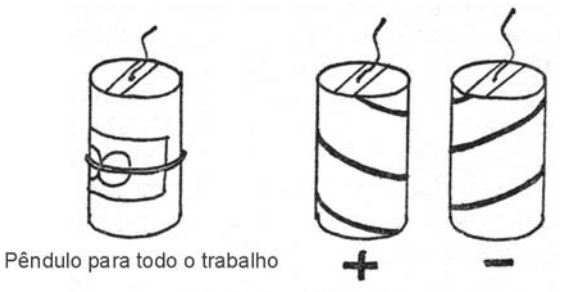
As pesquisas sobre as formas nos levaram a um pêndulo feito de um cabo de madeira cilíndrico de 3 a 4 centímetros de diâmetro por 5 a 6 centímetros de comprimento, perfurado no centro para passagem do fio. Pode ser usado por qualquer amador. É conveniente despolarizar a madeira ranhurando duas retas paralelas num dos topos simetricamente em relação ao seu centro. Basta limar um pouco.

Pêndulo para Fazer Tudo...

Sobre o cilindro anterior, limpo, aderimos a forma desenhada no papel, usando um elástico comum.

Para conhecer a vibração de forma do desenho, por exemplo, balançamos o pêndulo diante da saída de um emissor e observamos a cor que faz o pêndulo girar. Devemos manejar suavemente a agulha do emissor com pequenos movimentos, para evitar o "o impulso falso".

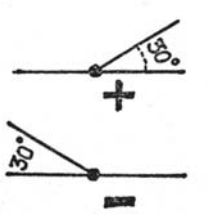
De qualquer maneira, essas formas testemunhais são muito úteis em inúmeras pesquisas e freqüentemente mais precisas que a regulagem de um indicador sobre o Pêndulo Equatorial. Pode-se também colocar uma foto no pêndulo; quem sabe?



Pêndulos Cilíndricos

Pêndulos de Polaridades

Pode-se gravar uma ranhura helicoidal num pêndulo cilíndrico, no sentido inverso ao do saca-rolhas para o pêndulo positivo (+), e no sentido do saca-rolhas para o pêndulo negativo (-). Não é necessário ranhurar para se ter uma reação. Provisoriamente basta um simples traço a lápis preto ou a tinta.



Se quisermos um único pêndulo, tomamos uma pequena esfera tipo a bola pequena de bocha, e fazemos um primeiro furo do Pólo Norte ao Pólo Sul da esfera para a passagem do fio de suspensão, no plano equatorial dois furos passantes diametralmente opostos. E um quarto furo a 60º (UVE), até o centro da esfera sobre o meridiano virtual coincidente com um dos furos equatoriais. Uma ponta de fio dá o (+), a outra ponta, o (-).

EMISSORES

Disco Equatorial

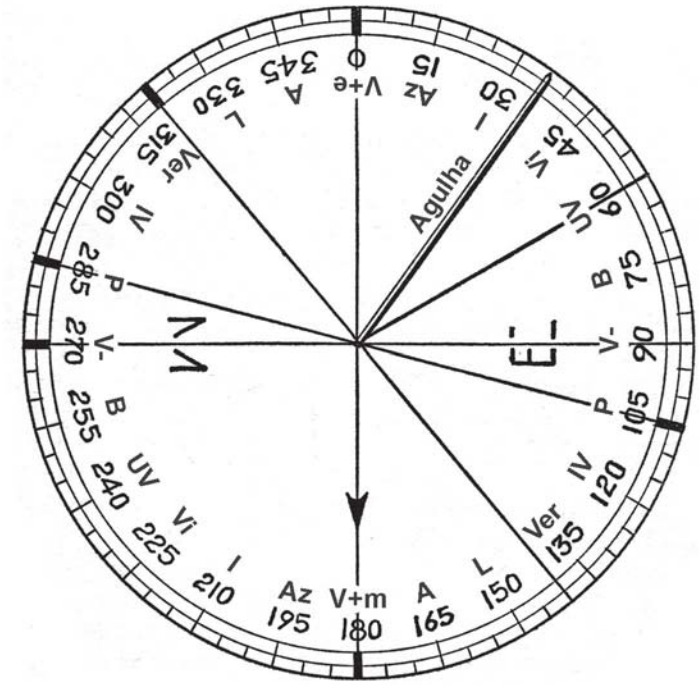
Reprodução do equador do pêndulo de mesmo nome, esse disco de 30 centímetros de diâmetro, aproximadamente, e 2 centímetros de espessura, em madeira compensada, é gravado com ranhuras seguindo os raios unindo alguns eixos diretores do campo de forma.

O centro do disco é perfurado de um lado a outro e no furo aloja-se o eixo de rotação da agulha de regulagem.

Essa agulha em fio de cobre suficientemente rígido, retilíneo, tem uma das extremidades dobrada em ângulo reto, servindo como eixo de rotação.

As graduações do disco são as da Aura, ou seja, das 24 cores diferenciadas dos dois espectros, Magnético e Elétrico.

Nós adotamos os graus que dão graduações exatas para a maioria das vibrações interessantes e que se integram na estrutura do campo



com base no hexágono e do decágono. Os graus sexagesimais nada têm de artificiais, nem de convencional – aderem à realidade experimental.

O zero é no V+E e vai no sentido das agulhas de um relógio:

90º no V+E, 180º no V+M, 270º no V-M,

para manter as normas habituais da bússola e do compasso.

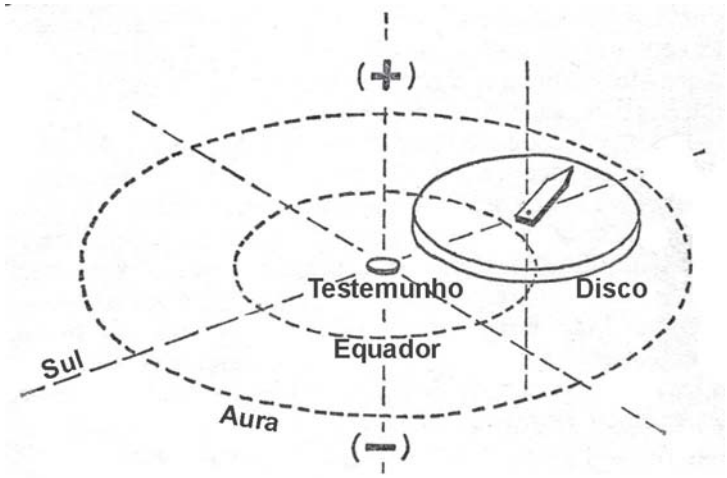
A emissão de forma horizontal, no plano do disco, tem lugar em face do V+M (180º). Se quisermos torná-la vertical, para comodidade na detecção, colocamos na mesa, em frente ao V+M, um cilindro neutro, um godê, etc. a emissão faz, então, em cima do corpo de revolução num ambiente normal.

Constata-se em cima do centro do disco uma polaridade (-) , na saída, uma (+), com uma única agulha campo natural.

A graduação de equilíbrio que anula as polaridades é o 320º – que anula aparentemente – porque as reencontramos através do procedimento habitual do polegar da mão livre sobre o mindinho. O 320º corresponde ao conjunto equilibrado de todas as ondas de forma; essa graduação se harmoniza com a estrutura equilibrada do campo materializado através das proporções 8-13-16-21-26, que abordaremos no capítulo sobre arquitetura.

Emprego do Disco

O disco é um instrumento de pesquisa quando se quer conhecer a vibração de uma forma ou de um testemunho colocado diante do V+M (180º), a onda curadora ou a doença de um enfermo. É também um aparelho de tratamento, quando submetemos um testemunho de ser vivo à sua onda curadora.



Identificação de forma ou pesquisa de onda curadora normal

As pessoas que trabalham no âmbito metal colocam a questão para seu pêndulo preferido; fazem girar a agulha do aparelho de pesquisa e obtém uma resposta – verdadeira ou falsa.

Não podemos nos contentar com uma probabilidade, por mais forte que seja, mas devemos obter uma certeza através dos diversos controles.

Estes são possíveis com as diferentes manifestações vibratórias que acompanham uma ressonância.

Coloquemos a forma da qual queremos conhecer a cor diante dos 180º do disco equatorial, orientando-a em *relação ao disco*.

A uma regulagem qualquer da agulha, observa-se uma polaridade (-) em cima do centro do disco e uma polaridade (+) do prolongamento do eixo 0º - 180º.

Quando a agulha alcança a vibração sintonia da forma, o (+) primitivo horizontal passa à vertical em cima da forma, o (-) aparece sob a forma. Não existe ambigüidade com os pêndulos helicoidais.

Na regulagem da ressonância entre disco e forma, esta última se comporta como um corpo polarizado, sendo o centro de um equador

Chaumery-de Bélizal com sua Aura de raio duplo, ambos orientados em relação ao Norte-Sul artificial do disco.

Os raios do equador e da Aura são função da potência do disco. Se o disco for de papelão fino, os raios atingirão alguns centímetros. Quando o disco de 30 centímetros em madeira compensada é suficientemente amplificado, os raios atingem vários metros.

Durante muito tempo; o fator potência geradora de distância nos confundiu sobre as ondas de forma exatas que acompanhavam a ressonância com aparelhos diversos. No início, não encontramos nunca as mesmas vibrações. Tornaram-se fontes de dificuldade porque o aparelho não é perfeitamente conhecido.

As polaridades, independentemente da potência, oferecem um bom ponto de partida. Somente depois pode-se fazer os controles com os pêndulos equatoriais ou com os de A. de Bélizal.

O mesmo fenômeno se observa quando se quer a onda curadora de um testemunho de um ser vivo uma *fase Magnética* obrigatória. Equador e Aura se manifestam ao redor do testemunho em condições idênticas às de agora há pouco. Por quê? É possível que aqui a onda curadora, equilibrando o paciente a distância, o faça entrar em ressonância com o testemunho e o transforme em um emissor de vibrações equivalentes ao tronco de árvore viva; isso porque, em vários aspectos do equador e da Aura, se detectam os componentes horizontais do Campo Vital, tangentes ao equador, enquanto que o Shin aparece na vertical do testemunho.

Se procurarmos a onda doença em fase Elétrica, quando se der a ressonância, os espectros do equador e da Aura girarão 180º, ou seja, na mesma orientação detectamos cores diametralmente opostas às de agora há pouco. Quando às polaridades na vertical do testemunho, estas também se invertem; (-) em cima, (+) embaixo.

Se estivermos lidando com uma forma dita mágica, a identificação da ressonância dá o (+) em cima da forma, assim como para qualquer outra; mas as cores girarão também 180º, como para a onda doença. Existe a inversão de cores, mas somente do *equador. A Aura permanece norma*l.

Quando acontece de não sabermos de antemão com quem estamos lidando, a onda curadora de um paciente vivo apresenta essa anomalia do equador; pode-se supor então a intervenção de magia ou bruxaria, passiva ou ativa, tomando o fato por uma probabilidade, porque nesse terreno a arte da camuflagem é o que manda...

A concepção do disco evita as conseqüências dos erros sobre um paciente tratado pelas ondas de forma, porque ele se desativa

automaticamente quando uma vibração é prejudicial. Isso é precioso quando nos servimos do disco para tratar uma doença. Com efeito, de um modo geral, toda vibração prejudica, cedo ou tarde, pela saturação, e se torna nociva. Com o disco, não precisamos nenhuma inquietação. Além disso, constatamos muito facilmente os períodos de ação ou desativamento, desde que uma saturação aconteça, pela presença ou ausência do raio de união entre o paciente e o testemunho; esse raio não é outro senão o Nó de Vida, nas suas duas fases; ir e voltar. Essa segurança dá toda abertura para amplificar a potência em vista de uma ação enérgica, pelos meios que veremos mais adiante.

As vibrações curadoras são muitas; devem ser adaptadas ao paciente e ao seu caso específico, mas sempre na fase Magnética. Lembremos que as afecções pulmonares são geralmente sujeitas a uma vibração entre B e V-, os cânceres, entre V- e P. As obras de A. de Bélizal, notadamente *Física Micro-Vibratória e Forças Invisíveis*, dão muito mais detalhes, e o leitor poderá se reportar a elas.

A "Bomba" Equatorial

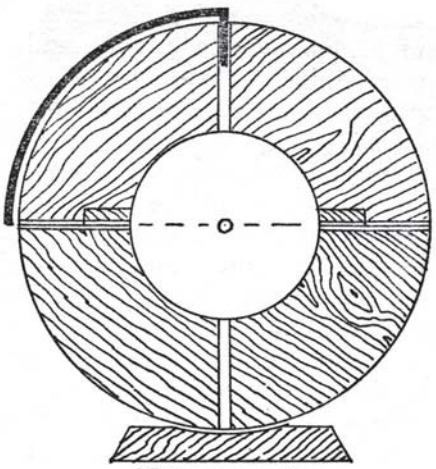
Inspirada na "Bomba C30" de A. de Bélizal, a Bomba Equatorial foi concebida para se obter uma emissão exata no centro da esfera. Ela emite no exterior, mas não se pode acompanhar a evolução de um paciente senão sobre um outro testemunho exterior à Bomba; pode ser com o disco equatorial ou com a régua de análises.

Essencialmente, a Bomba é uma esfera de madeira ôca, constituída de dois hemisférios que se encaixam um no outro na altura do equador. Seu diâmetro pode ser de 20 ou 30 centímetros, por exemplo, conforme as necessidades e a potência desejada; a não ser que você não a queira muito grande. A. de Bélizal tem uma de 60 centímetros de diâmetro; esse é o limite para as facilidades de manipulação.

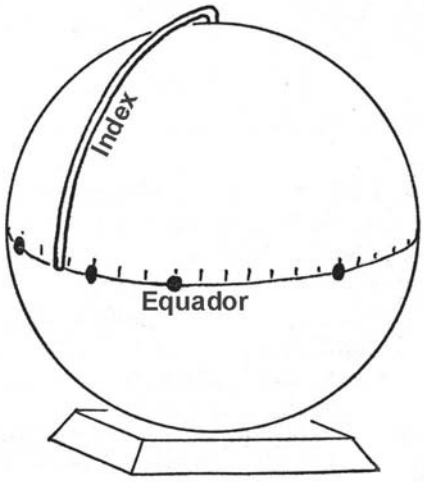
A cavidade interior esférica, concêntrica à esfera exterior, é bastante ampla para nela se colocar um testemunho, um recipiente de líquidos, etc., de maneira que com a ajuda de um eventual suporte o objeto a ser tratado esteja exatamente no centro.

Os dois pólos são perfurados de um lado a outro. No plano equatorial, fazemos buracos também de um lado a outro, seguindo os raios, e ligando alguns eixos diretores do campo de forma.

As graduações são as mesmas do pêndulo equatorial, com as divisões em cores diferenciadas. A vibração interior é provocada por um fio de cobre suficientemente rígido, centrado sobre o pólo supe-



Vista em corte



Perpectiva

rior, ligando um meridiano da esfera e cortado ao equador. É a extremidade inferior do fio de cobre que dá a vibração sobre o equador graduado.

Como o Disco, a Bomba não é perigosa e se desliga da mesma maneira quando acontece uma saturação do paciente vivo. Não é mais potente do que o Disco amplificado quando se coloca um testemunho à sua frente num bocal aberto. Sua principal vantagem é manter o testemunho ao abrigo da poeira.

Como o Disco, a Bomba pode carregar um corpo sólido ou líquido, de uma vibração definida. Beber água carregada de V-M, por exemplo, com a condição de se regular ao pêndulo ou à régua de análises as doses e os intervalos de ingestão dá,com freqüência, resultados espetaculares em pessoas que moram habitualmente em ambiente de V-E. mas atenção: o V- é uma vibração dessecante que, em casos de *abuso*, tem feito muitas vítimas: são mumificadas em vida e morrem por causa disso.

OS AMPLIFICADORES

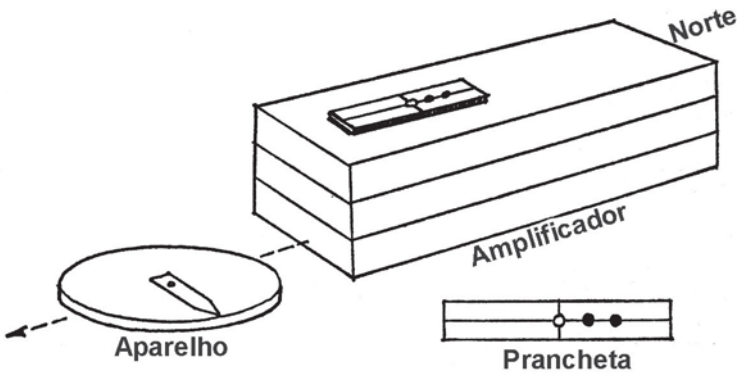
A. de Bélizal utiliza semi-esferas para amplificar a potência de seus aparelhos. As semi-esferas são figuras inacabadas que exigem especialistas torneiros para sua fabricação. Elas emitem em R W cH , que nós procuraremos, sobretudo, evitar. Pode-se, no entanto, reconduzi-las ao Físico: grava-se dois diâmetros perpendiculares sobre o lado plano da última semi-esfera, e assim, ganhamos em precisão.

Quanto a nós, era a simplicidade da fabricação que nos atraía.

Surgiram dois meios, entre outros.

Primeiro Meio Para Todos os Aparelhos

É possível empilhar tábuas, por exemplo, de 10 a 20 centímetros de largura por 1 metro ou mais de comprimento, na orientação dos 355º magnéticos.



Sobre a tábua superior, coloca-se uma prancheta trabalhada – veja a ilustração – que comunica seus poderes de captação e de transmissão para toda a pilha.

Na parte superior da prancheta grava-se duas ranhuras perpendiculares conforme os eixos da simetria, e seu cruzamento é perfurado de um lado a outro. A meia distância entre esse furo central e a extremidade Norte fazemos um furo não passante sobre o eixo ranhurado longitudinal; depois um outro furo não passante, eqüidistante do primeiro e do furo central. Qualquer criança é capaz de fazer isso. Assim, materializamos o acorde perfeito maior, bem conhecido como em acústica:

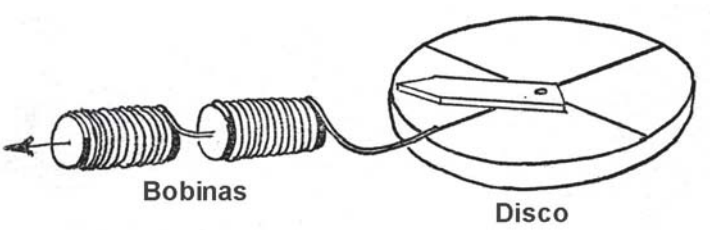
0 – 1 – 5/4 – 3/2 – 2

Tendo chegado a esse ponto, devemos agora prestar muita atenção quando amplificarmos outros emissores além do Disco e da Bomba, pois estamos expostos radiodermias. Aqui não estamos mais no “homem com uma bola na ponta de um fio...”, citado no início da introdução deste livro.

O aparelho a ser amplificado, Disco ou Bomba, está, naturalmente, disposto no Sul da pilha de pranchas e, se necessário, orientado.

Segundo Meio Somente para o Disco Equatorial

No 180º (V+M) do Disco, aderimos, com uma fita adesiva ou cola, a extremidade descoberta de um fio de cobre isolado. O resto do fio é enrolado, no sentido inverso ao do saca-rolha, em torno de um tubo de papelão ou num bastão de ferrite, formando um solenóide. Pode-se multiplicar os estágios bobinados; a onda de forma sai no eixo da última bobina.



Diante do solenóide emissor da onda de forma, a forquilha reage nitidamente em ambiente não corrigido, o que deixa supor a introdução, pela bobina, de um fator suplementar.

Pode-se, em todo caso, acumular os dois meios de amplificação.

GRÁFICO PSICOMÉTRICO

Embora esse gênero de esporte não faça parte do nosso estudo, ele pode interessar a certos leitores. O aparelho ou desenho, inspirado num aparelho criado por M. de Bélizal, dá resultados análogos com emissões de base bastante diferentes.

Aqui, conservamos deliberadamente a emissão em R W cH, com todos seus riscos. Um resultado correto depende essencialmente da honestidade moral do operador e de sua convicção de que sondar os rins e o coração é função apenas de Deus. É preciso saber limitar a curiosidade.

O objetivo principal do gráfico é testar a vitalidade de um sujeito e sua honestidade; de saber, mais ou menos, o que é necessário para orientar nosso comportamento a seu respeito. Além disso, com a ajuda de formas ou de palavras *ad-hoc*, pode-se testar algumas faculdades intelectuais. Mais do que isso é correr o risco de se enganar redondamente...

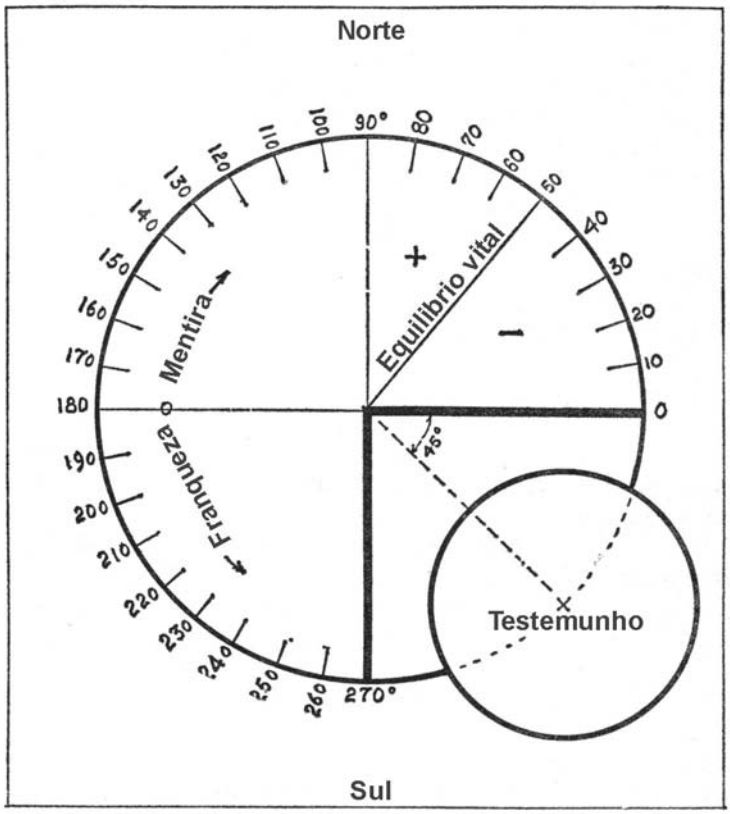
O desenho materializado, feito com um traço gravado em madeira compensada ou com um traço grosso a tinta nanquim sobre papel, consiste em:

1. Um grande círculo interrompido por um pequeno, cujo centro se encontra no grande.
2. Esse pequeno círculo é enquadrado por dois raios perpendiculares do círculo maior, sendo que a bissetriz do ângulo assim formado passa pelo centro desse pequeno círculo.

O grande círculo é graduado de 0º a 270º, sobre os três quadrantes livres, no sentido inverso dos ponteiros de um relógio. O equilíbrio vital se encontra a 50º.

De 0º a 90º, estamos em L N Ph Sh cH Y H, no Campo Vital. Um indivíduo com boa saúde se encontra acima de 50º, porém o mais próximo possível. À medida que nos aproximamos de 0º, a vitalidade diminui.

De 90º a 270º, estamos em R W cH, no espiritual. Esse semicírculo se divide em dois quadrantes. De 180º para 90º, submerge-



se na mentira; e os indivíduos que aí se encontram devem ser objeto de desconfiança.

De 180º para 270º, a fraqueza e a honestidade são maiores, à medida que se evolui na direção dos 270º. As pessoas razoavelmente honestas, com as quais se pode tratar sem correr o risco "de elas se fazerem passar por" (a natureza humana é fraca), se situam na direção do meio do quadrante.

Para testar a inteligência, pode-se usar a palavra hebraica hA W R (Haour), Luz, por exemplo, convenientemente orientada em relação ao disco. Esse termo hebraico em caracteres "quadrados" emite UV M e pode ser substituído por uma forma equivalente, como um losango de diagonais 6 e 2, entre outras. hA W R, na Aura, é o oposto de L Y L H (Laïlah), Noite, que é UV E.

Uma inteligência média vai de 80º a 90º; é inútil faze-la ambicionar um curso superior... Além de 120º, a inteligência é aguçada.

Se analisarmos as vibrações da forma do gráfico, encontraremos o Shin hebraico acima do centro do grande círculo; a emissão Nó de Vida a Oeste, etc. A figura emite o Campo Vital.

Acima do pequeno círculo vazio, detecta-se a fase Elétrica do Nó de Vida; no espaço compreendido entre o pequeno círculo e os dois raios perpendiculares, as duas vibrações de L Y L H e de H ha R Ts. Sobre o perímetro do grande círculo e sobre os dois raios, o Nó de Vida. Todas essas vibrações serão estudadas mais adiante e então você poderá rever este capítulo. Mas isso não impede que você se utilize do gráfico a partir de agora.

Eis como:

Pode-se balançar um pêndulo neutro sobre do centro do grande círculo; ele se orientará para a graduação desejada. Faça a separação dos níveis com os nós do fio de suspensão.

Para maior precisão, percorre-se o grande círculo com um ponteiro. Na graduação procurada, o pêndulo gira. Cada um com seu método...

De qualquer maneira, insistimos uma vez mais na retidão dos sentimentos do operador. Além do mais, um espírito falso escapará da realidade, na maior parte dos casos, o que tornará uma análise sem valor.

Regra absoluta: nunca usar o gráfico com emissor, sob pena de retorno perigoso para o operador. Efeito bumerangue.

Falando francamente, o gráfico nos interessa muito mais pelo seu aspecto teórico que pela sua utilização. Com efeito, provocamos um "curto-circuito" na passagem do V - E ao V+M, por meio

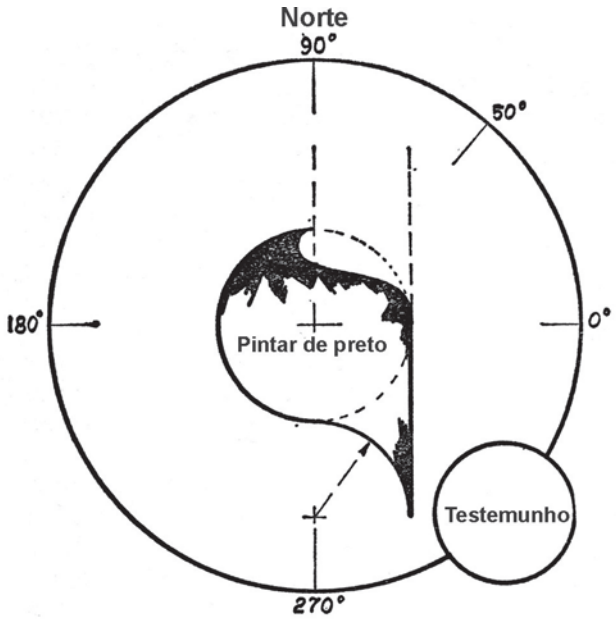


Gráfico "Psicométrico"
O "Yod" hebraico

dos dois raios, esse V+M espalhado pela circunferência da qual já falamos ao tratar das emissões em R W cH, com a palavra Y H W H sobe o próprio raio, entre seus dois V+M, aqui a 270º.

A nosso ver, esse gráfico é o que melhor separa, na mesma figura, os três níveis de emissão.

O quarto de círculo entre os dois raios simboliza a criação material H hA R Ts que volta, completando o círculo, na unidade Criador - Criação.

Mas estamos caindo em especulações que devemos evitar. É suficiente sabermos que não se pode materializar o número três sem inverter o Shin da vertical no Campo Vital. Façamos isso por meio do triângulo ou pelos três quadrantes do círculo não concluídos pelo quarto quadrante.

O gráfico não é mais que o desenvolvimento do Yod hebraico. Pode-se desenhar, indiferentemente, o Yod ou o gráfico com círculos e raios; as interpretações do testemunho serão as mesmas.

Deixemos de lado essa proposta; não vamos embarcar num esoterismo de mau gosto e doentio, com o qual nada temos a fazer.

CAPÍTULO IV

FORMAS E EMISSÕES

As formas!

Labirinto dos labirintos...

As formas são apenas um dos fatores das emissões de ondas de forma, já que tudo as emite. Mas como nós as vemos e, por isso, nos impressionam mais.

Quando começamos o estudo das ondas de forma, ficamos sufocados pelas formas, na ausência de bases suficientes para uma análise correta. Fazíamos, na época, o que A. de Bélizal chamou de "Caleidoscopite", doença compreensível num neófito entusiasmado com as perspectivas que as ondas de forma oferecem.

É certamente apaixonante tentar uma análise de quantidades de formas, de seus componentes e formular questões sobre sua razão de ser funcional. E ainda seria necessário poder descobrir, e em seguida classificar, suas propriedades, como se se tratasse de plantas num herbário.

Não chegamos a isso, ocupados que estávamos, sobretudo, em avançar em direção do ataque a problemas concretos imediatos, sem nos preocuparmos com os focos de resistência que pudessem ter subsistido antes.

As vibrações particulares que você encontrará ao longo deste capítulo foram muitas vezes encontradas por acaso e diante de uma solução também particular. Não temos qualquer gosto pela erudição, a contabilidade e a classificação: assim, não espere mais do que algumas indicações que lhe ajudarão a encontrar o caminho no meio da confusão de vibrações nascidas de uma infinidade de formas.

Se você apenas soubesse usar um pêndulo! Isso simplificaria em muito as coisas.

Pois o olho, a preferência ou o sentimento são detectores ávaros – e quantas vezes enganosos – a menos que se disponha de um faro excepcional, do qual seria prudente não acreditarmos *a priori* desprovidos nesse domínio muito especial.

Comparados com nossos ancestrais, que tinham a sensibilidade intacta – como ainda têm certos povos primitivos –, não passamos de pessoas enfermas.

Como nossos sentidos embrutecidos pela droga das vibrações de todos os gêneros e todos os dias – neon, automóveis, TV, eletrodomésticos, etc – poderiam revelar, sem falar em analisar, a vibração sutil de forma que redemoinha a partir de uma tomada elétrica à cabeceira de nosso leito, ou vem de uma estatueta sobre nossa mesa de trabalho?

Orientações

Para começar a destrinchar o tema, devemos atribuir uma importância fundamental à orientação no espaço. A vibração de uma forma, e mesmo sua "cor" podem ser muito diferentes se acontecer de um de seus pontos estar orientado para o Norte, o Sul ou o Zênite, e muitas vezes com uma grande precisão. As propriedades de uma forma em um plano ou em volume, e, portanto sua influência sobre o ambiente e as pessoas que nele se movem, podem se inverter devido a orientações, que não coincidem necessariamente com a disposição das salas ou com os móveis.

O marido pode julgar, com seu pêndulo, que a posição de tal armário, em relação a outro móvel, atrapalha seu sono, enquanto que a esposa, de um ponto de vista completamente diferente, pode se opor a esse julgamento... a menos que o sentimento não prevaleça sobre o senso pessoal de estética...

Para o estudo das formas, durante a maior parte do tempo, a orientação se faz em relação ao Norte, mais raramente em relação ao Leste.

A orientação exata está em 355º magnéticos para o Norte e em 85º magnéticos para o Leste. O zero magnético, não nos esqueçamos, é a posição assumida pela extremidade Norte da agulha de uma bússola desde que não haja causas perturbadoras suscetíveis de desviá-la. Reencontramos aqui os 5º de distância entre o campo magnético e o campo de forma. Mas pode-se evitar a sujeição do campo magnético terrestre.

1. Dispõe-se a forma no interior de um círculo desenhado ou feito de fio de cobre interrompido por um pequeno intervalo e prolongado em direção ao centro por duas retas paralelas de comprimento claramente inferior ao do raio. Orienta-se então a forma em relação ao círculo, o Norte de Forma na direção do ponto do círculo oposto às duas paralelas. Faz-se isso para o estudo global da vibração emitida pela forma na vertical do centro do círculo, estudo que se faz com pêndulo ou com um aparelho. Esse círculo permite a análise nos três níveis, o que não é o caso dos dois métodos seguintes.

2. Enquadra-se a forma sobre seu eixo Norte-Sul por meio de dois pequenos círculos, um ao Norte, com toda a sua superfície pintada de negro, o outro ao Sul, deixado em branco. Cria-se assim um minicampo de força suficiente para isolar a forma do campo de ambiência.

3. Dispõe-se a forma sobre uma redução de campo de forma orientando-a em relação a esta. É o método mais simples.

Uma vez orientada a forma em relação ao campo magnético terrestre ou segundo um dos três meios expostos acima, examina-se uma vibração global, seja com pêndulo, seja diante do eixo V+M (180º) de um emissor do tipo do Disco Equatorial. Se este último for utilizado, orienta-se a forma simplesmente em relação ao disco, sem qualquer outra complicação.

Se desejarmos detalhar a procura e analisar partes da forma com um pêndulo, basta colocar sobre essas partes um bastão de ferrite talhado com ponta arrendondada, mantido com a mão livre em posição vertical e balançar o pêndulo em cima. Para simplificar muito contentemo-nos com o indicador.

Há aqui formas suficientes para um eventual principiante exercitar-se, à espera do domínio de sua arte.

CRITÉRIOS DE APRECIAÇÃO

Existem formas benéficas ou inofensivas, e muitas são nocivas, pelo menos em termos. Um organismo, de qualquer maneira, não conseguiria suportar indefinidamente uma vibração uniforme, mesmo que fosse a melhor delas.

Certos critérios podem ser úteis.

Em princípio:

As formas Magnéticas não são perigosas, mas todas as Elétricas o são. As primeiras carregam, as segundas esvaziam, é a regra

geral e o equilíbrio situa-se em uma certa compensação entre as duas.

Repitamos, é necessário, sobretudo, desconfiar das formas que emitem em "Magia", ou seja, que fazem reagir o pêndulo hebraico K Sh Ph ou o equivalente da Ilha de Páscoa, ou ainda as que fazem girar o pêndulo Necromancia ou Shin ao contrário. Essas formas sem polaridades *próprias* devem ser eliminadas tais como são.

Pode-se, entretanto, eliminar a sua nocividade em R W cH suprimindo esta R W cH. Para fazer isso, traça-se duas retas em ângulo reto cruzando-se num centro determinado para não alterar sua emissão em "Físico" que subsiste. Em geral, o centro emite o Nó de Vida. Melhor ainda é completar com os eixos diretores do campo de forma. O essencial é levar a forma ao bipolarismo normal do mundo físico.

Teremos um exemplo:

Entre os ideogramas da ilha de Páscoa, existe um que emite o Violeta Magnético em "Físico" e os Sh D Y M (Shadaim), as Potências Demoníacas, em R W cH.

Esse ideograma é constituído por duas "amêndoas", uma no interior da outra, com os pontos Norte e Sul.

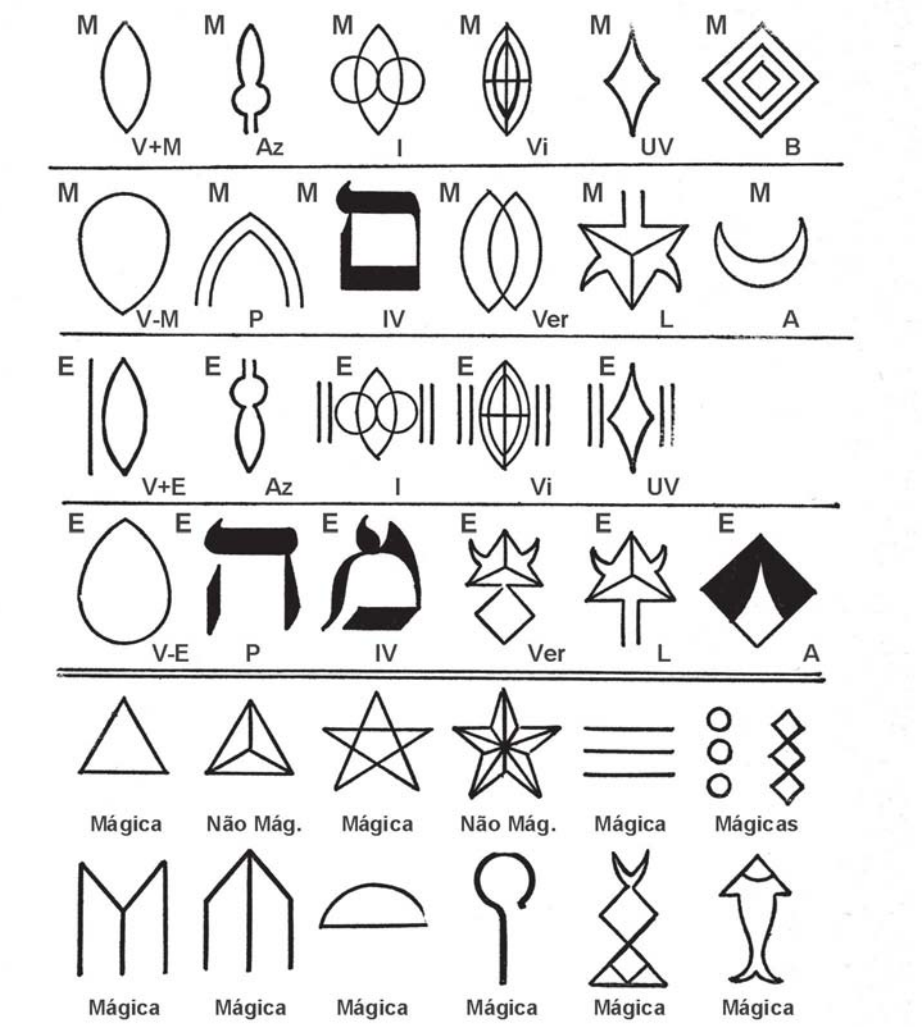
Em geral, uma forma fechada no interior de uma outra forma fechada é uma subtração. Nesse caso específico, a forma de base é a Amêndoa de Glória que rodeia o Cristo nos tímpanos das catedrais. Pode-se interpretar a subtração acima como um zero; o símbolo do anjos decaídos, privados de toda Glória divina.

A forma simples dessa "amêndoa" que, Norte – Sul, emite o Ts R W R (Tsoror) hebraico de vibração V+M (Verde Positivo Magnético) não é mágica, nem de origem hebraica. Encontra-se essa forma nas placas gravadas na Ilha de Páscoa.

Na horizontal ou no sentido Leste – Oeste, a "amêndoa" simples é o hieróglifo egípcio "Boca", que emite em magia a onda de carga Z+ do magnetismo vital que veremos mais adiante.

Para voltar ao Violeta, com duas retas retangulares incorporadas segundo os eixos da simetria, "a magia" desaparece e o 4 "terreno" leva a emissão para o nível "Físico".

Você encontrará ou já conhece formas simbólicas ditas tradicionais muitas das quais (não todas) emitem em R W cH e, exatamente por suas próprias formas, têm *preferências receptivas* por certas cargas que fazem delas símbolos ativos, mas não necessariamente benéficos.



Se você tiver que torná-las inofensivas, o mesmo meio das duas retas perpendiculares pode ser empregado para evacuar a R W cH, retas completadas se necessário pelos eixos diretores do campo de forma. Freqüentemente basta colocar essas formas sobre uma outra que produza os eixos diretores.

No caso de formas abertas, é necessário prolongar as retas retangulares ou os eixos diretores até as bordas do papel suporte, ou nele desenhar os diâmetros de um círculo.

Depois de reencontrado, o bipolarismo, uma forma completa bem orientada emite, em princípio, UV E sobre seu traçado UV M nos intervalos quando se aponta com um bastão de ferrite com ponta.

Você também pode se perguntar como é possível fazer passar uma forma do Magnético ao Elétrico ou vice-versa.

Se a forma não é simétrica no sentido Norte-Sul, é suficiente inverter esse sentido para mudar a "fase".

Isso faz com que você compreenda a importância da orientação. Um móvel ou objeto de formas mais ou menos abstratas, como os cérebros de hoje parecem gostar de conceber, podem ser inofensivos ou francamente nocivos, segundo o azimute.

De uma maneira mais geral, para transformar em Elétrica uma forma Magnética, deve-se enquadrá-la a Leste e a Oeste entre dois pares de traços paralelos Norte–Sul.

Para tornar Magnética, uma forma naturalmente Elétrica, deve-se enquadrá-la ao Norte e ao Sul entre dois pares de traços paralelos orientados no sentido Leste – Oeste.

Esses traços paralelos são condensadores.

Em cada caso particular é preciso buscar a melhor solução.

FONTES DAS FORMAS

Em muitas das inumeráveis formas imaginárias ou tiradas da geometria, por exemplo, existem famílias de formas plenas de interesse. Tais são os ideogramas da ilha de Páscoa, o hebraico "quadrado", os hieróglifos egípcios, as figuras ditas "tradicionais", o I Ching chinês, etc.

Comparações entre famílias poderiam, inicialmente, facilitar as pesquisas do sentido por identidade de emissão, do conhecido ao desconhecido, pelo menos em certos casos.

Entre os ideogramas da ilha de Páscoa muitos são "mágicos", não nos surpreendamos com isso. O mesmo acontece com hieróglifos e diversas outras figuras. Para um estudo avançado, é necessário fazer as distinções de níveis, mas isso não é necessariamente muito fácil.

Temos a oportunidade de dispor de um idioma cujos significados são conhecidos e que poderia servir de base de comparação por suas propriedades extraordinárias: o hebraico "quadrado" bíblico sem pontuação massorética. Uma palavra hebraica *emite* sua significação em vibração de forma, de onde vem o seu interesse em testemunhos para pêndulos ou pesquisas. O que também é interessante, trata-se de um idioma que se pode numerar dando a cada caractere seu número de ordem no alfabeto, incluindo os cinco

caracteres finais. Devemos a A. Bardet o fato de ter reencontrado o Número total da palavra, servindo-se da chamada redução "teosófica" (prova dos nove).

De acordo com ela, R W cH, 20+6+8=34 resulta em:

R	20	>	2		
W	6	>	6		
Ch	8	>	8		
	34		16	>	7

Já fornecemos um quadro dos caracteres hebraicos e os únicos utilizáveis racionalmente. É preciso eliminar o hebraico rabínico ou aquele, mais ou menos deformado, que se encontra com os cabalístas nos pentáculos e fórmulas mágicas.

Cada caractere hebraico, *expressão de um número*, pode se materializar geometricamente, por exemplo, por um intervalo. Tomemos um bastão cilíndrico, e o dividamos por círculos ranhurados à sua volta, separados por distâncias proporcionais aos Números dos caracteres de uma palavra: a extremidade do bastão emitirá a vibração da palavra. Isso provoca a exclusão, diga-se de passagem, da numeração cabalística por dezenas e centenas, que nada oferece de válido experimentalmente e leva a especulações gratuitas. A cabala é um composto onde construções intelectuais, idealistas no sentido filosófico, se misturam a "verdades" nem sempre *confiáveis*.

Voltemos ao nosso assunto com um exemplo. A palavra cH Y H (Raiah), Vida, é equivalente ao Nó de Vida nas duas fases.

O bastão de comprimento total 23, dividido por ranhuras circulares em 8+10+5 emite o Nó de Vida em fase Magnética pela extremidade 5, em fase Elétrica pela extremidade 8. Esse bastão tornou-se aquilo que chamamos de "canhão" que, seguro como uma antena pela extremidade 5, permite encontrar um grande número de coisas perto ou a distância.

Poderiamos quase escrever o hebraico com intervalos. As propriedades dessa língua são, portanto, de um interesse fundamental para o estudo dos Números; mas atenção: seja extremamente prudente. Isso para seu próprio bem, pois os Números são empregados na magia. Se você sentir que está saindo do caminho correto, destrua, queime, sem remorso nem piedade. Por experiência própria sabemos o quanto certas situações de ambientes são penosas enquanto a causa de perturbação não for retirada ou ainda enquanto não se conseguir dominá-la através de um bom equilíbrio.

ALGUMAS FORMAS E ONDAS DIGNAS DE ATENÇÃO

OS HEPTÁGONOS

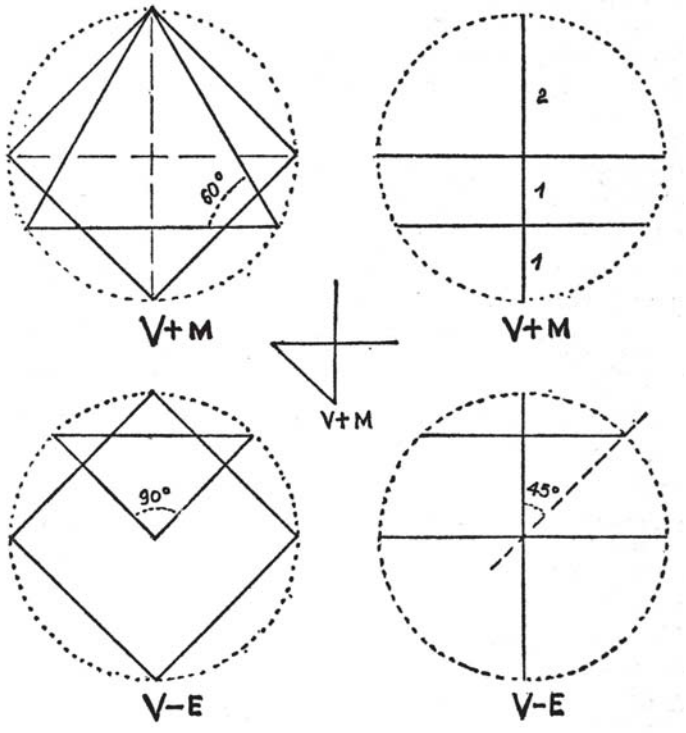
Disponhamos três garrafas idênticas sobre o assoalho, formando um triângulo de qualquer tipo. Mágica ou não, sua emissão de ondas de forma dependerá da orientação do triângulo em relação ao Norte magnético. Coloquemos um quadrado de cerâmica, por exemplo, entre as garrafas. Detectamos acima do conjunto uma emissão de forma cuja "cor" é função da orientação do quadrado em relação ao triângulo das garrafas. O Norte magnético parece não intervir.

Pode-se generalizar: um quadrilátero e um triângulo de qualquer tipo, sobrepostos, emitem uma vibração constante, perpendicular a seu plano e independente da orientação no espaço.

Um quadrilátero pode ser substituído por diagonais, um triângulo por uma base e a altura correspondente.

Experimentos feitos com retas concorrentes, quadriláteros, triângulos e outras combinações tendem à seguinte conclusão geral: todo sistema que resulta em sete ângulos dispostos por *três e quatro* em um mesmo plano ou em planos paralelos emite uma vibração

HEPTÁGONOS



perpendicular a esses planos e de cor constante, seja qual for a orientação do sistema no espaço.

Pode-se dar a essa família da figuras o nome de heptágonos.

Essa família de heptágonos pode levar a um número inverossímil de combinações nas quais o espírito se libera. Permite criar numerosos desenhos decorativos ou de outros tipos, prevendo-se a emissão de forma, se se tiver aprofundado bastante a questão. Aí há material para pesquisa.

A orientação não influencia a cor da emissão, mas há casos muito particulares onde a influência dessa cor pode variar segundo a orientação.

Alguns heptágonos são úteis como figuras testemunho.

Um quadrado e um triângulo eqüilátero inscrito em um mesmo círculo, por exemplo, são uma emissão Verde Positivo Magnético se uma altura do triângulo coincide com uma diagonal do quadrado.

Obtém-se um outro heptágono Verde Positivo Magnético juntando por uma reta as extremidades vizinhas de duas diagonais do quadrado.

Quanto ao Verde Negativo Elétrico, é produzido com um triângulo retângulo isósceles no qual o vértice do ângulo reto está no centro do círculo circunscrito ao quadrado e onde a hipotenusa é perpendicular a uma diagonal do quadrado.

Esses últimos heptágonos são úteis em pêndulos cilíndricos, gravando-se ou desenhando-se as formas, muito simples, sobre o topo, sem que seja necessário, e nem mesmo vantajoso, despolarizar a madeira.

A ONDA DE CHARTRES

Em outubro de 1966 publicamos um artigo sobre o que chamamos de “A Onda de Chartres” na revista *La Radiesthésie pour Tous* dos irmãos Servranx. Na época, esse artigo sensibilizou alguns leitores e daremos aqui um resumo dele. De 1966 pra cá encontramos e utilizamos diversas vezes essa vibração, cujo interesse não foi desmentido.

O trabalho de Louis Charpentier, *Les Mystères de la Cathédrale de Chartres* (Laffont Éditeur), orienta muito naturalmente o espírito na direção das ondas de forma.

A base geométrica da construção, a harmonia das proporções, a referência (suposta) à pirâmide de Quéops contribuem para isso,

sem falar de uma misteriosa influência telúrica nesse lugar de elevada vibração da Gália que parece ter determinado a orientação anormal da catedral. Nossos ancestrais decididamente tinham conhecimentos bem superiores aos nossos em certos domínios.

Estudando numerosas ilustrações do monumento encontramos uma onda muito especial que não pode ser ocasional e que chamamos de "Onda de Chartres".

Suas propriedades essências são muito curiosas.

- Trata-se de uma onda composta por todas as cores do espectro, pois ela se deixa decompor por um prisma na ordem inversa do branco normal (onda de forma), como uma espécie de branco invertido

- Ela inverte todas as cores do espectro não-diferenciado em seu simétrico. O Vermelho torna-se Violeta, o Amarelo passa ao Azul, etc.

- A Onda de Chartres se transforma ela própria em Preto por uma espécie de autodestruição quando duas figuras geradoras dessa onda se opõem. Pode tratar-se de um teste de que temos na verdade uma Onda de Chartres.

- Acrescentada ao Branco normal, a Onda de Chartres dá, *ao mesmo tempo*, o Vermelho e o Violeta.

A forma de base para a emissão é a ogiva, o que leva a pensar que o estilo gótico não é somente uma moda gratuita, mas responde a outras considerações mais profundas além das necessidades de resistência dos materiais.

A ogiva em fio de cobre é cômoda para o estudo, pois não importa qual a posição dessa forma, a emissão é axial. Pode-se compreender isso uma vez que a ogiva é feita de dois círculos secantes. As cores se cortam ao longo de todo o eixo de simetria em cores simétricas, geradoras da Onda de Chartres.

A Onda de Chartres é encontrada em um grande número de formas, mas é preciso desconfiar, pois raramente é pura. É muito difícil marcá-la no quadrante de um aparelho. A fase Magnética está situada a aproximadamente 300 grados no Pêndulo Universal de Bélizal, entre UV e B, a 251º da minha divisão do disco.

É muito mais cômodo utilizar pêndulos cilíndricos com formas testemunho. Entre essas formas, uma lua crescente pintada de preto, com a abertura no Oeste em Magnético, e no Leste em Elétrico.

Essa forma é para aproximar influências lunares sobre a vegetação. Por exemplo, um trevo violeta semeado no quarto minguante tem menor probabilidade de provocar gazes nas vacas do que quando

semeado no quarto crescente. Um adubo colocado no pasto entra na terra mais rápido se for espalhado durante o quarto minguante. A semeadura de grãos durante o crescente favorece as folhas e os grãos e, durante o decrescente as raízes etc. Não se deve desprezar, sobre o pretexto de uma ciência racionalista, as observações de gerações de agricultores.

A palavra hebraica que corresponde à Onda de Chartres é hA R Ts (Haretz), Terra, e não mais H há R Ts, Terra.

Quais são as propriedades da Onda de Chartres? Não se pode mais do que supor, no momento. Quando se apóiam livremente duas travessas de madeira inclinadas, uma sobre a outra, para formar um teto, encontra-se a Onda de Chartres no ponto de contato. Isso, porque esse ponto de contato é em parte equivalente ao esforço dos pesos do cume da ogiva. Seria, então, a Onda de Chartres a onda equilíbrio de sistemas sob tensão ativa?

O MAGNETISMO VITAL

O que se costuma chamar de "Magnetismo Vital" sempre foi algo bastante mal definido. Foi o que fez os bons velhos tempos de Mesmer, os curadores e reivindicam para si e assim por diante. Tentemos aqui colocar um pouco de ordem nisso.

Pouparemos ao leitor um ponto de partida difícil. Foi necessário começar por encontrar formas simples que emitem a mesma vibração que certas partes dos seres vivos. Após numerosas pesquisas e eliminações, pôde-se destacar três vibrações fundamentais: a onda de carga Z+, a onda de descarga Z- e o Nó de Vida.

A Onda de Carga Z+

Havíamos chamado de Z+ o começo, porque acreditávamos que seu Número era zero. Isso é falso, mas a denominação, cômoda, ficou por questão de hábito.

Essa onda é emitida pela palma da mão e pela boca quando os olhos estão abertos, pelas costas da mão se os olhos estão fechados, pela parte das plantas que está acima do solo, etc.

Esse curioso fenômeno de inversão quando os olhos estão abertos ou fechados explica o fato de os magnetizadores que tratam dos doentes com a palma da mão sentirem, às vezes, a

necessidade de fechar os olhos: passam então, inconscientemente, da carga à descarga Z-, que veremos em seguida.

A vibração Z+ é emitida por formas diversas, muitas das quais são conhecidas: dois crescentes unidos pela parte de trás, o signo-de-Salomão ou estrela-de-davi, a flor-de-lis dos reis da França, o arminho da Bretanha, formas antigas consideradas sagradas, etc.

A palavra hebraica correspondente é D B R (Dabar), palavra, falar, o Verbo, cujo número é 26-8-8, aproximando-se do número de Y H W H, 26-17-8.

No espectro, Z+ encontra-se a 250º entre o Ultra-Violeta (UV) e o Branco (B) em fase Magnética, a 1° da Onda de Chartres.

Em fase elétrica, Z+ é fortemente nociva.

Obtém-se Z+ por oposição de cores sobre o espectro não-diferenciado:

AZ+P, I+IV, Vi+Ver, UV+L, B+A

e (V+M) + (V-E)

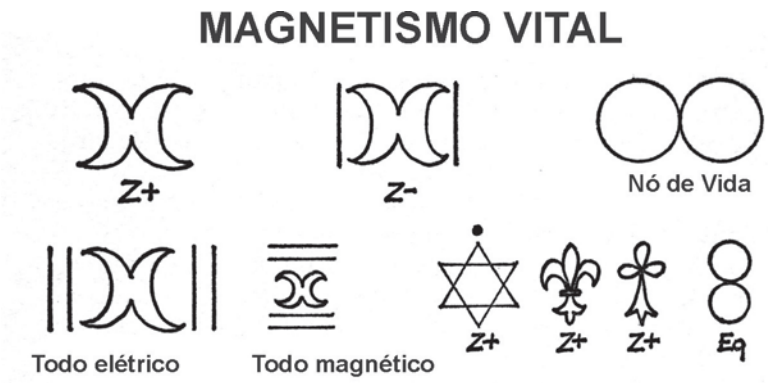
o que nos dá uma forma suplementar, não-indiferente à orientação, o heptágono V+M superposto ao heptágono V-E.

A Onda de Descarga Z-

Essa onda é assim chamada por simples oposição a Z+. É emitida pelas costas da mão quando os olhos estão abertos, pela palma da mão e pela boca quando os olhos estão fechados. Encontra-se Z- nas plantas abaixo do solo, na raízes.

As formas de Z- podem ser obtidas a partir das formas de Z+ juntando-se a elas a Onda de Chartres, ou seja, de fato, com um traço Norte-Sul de cada lado, a Leste e a Oeste.

A palavra hebraica correspondente é Sh M chA (Shamch'ah), escutar, escuta, de número 50-14-5.



Sua posição no espectro é a 290º entre Preto e Infra-vermelho em fase magnética.

Essa vibração poderia, a rigor, ser empregada para facilitar o sono, mas é preciso parar a emissão assim que o resultado seja obtido, pois, prolongada, ela nos esgota. É muito mais desejável tentar um sono mais natural colocando o ambiente em equilíbrio através de restauradores de campos corretos.

O Nó de Vida

Essa vibração que faz a trindade com Z+ e Z- é uma *onda fundamental* do Campo Vital, cuja fixação artificial num organismo é preciso evitar. Ela impediria a rapidez das reações naturais.

Já vimos essa forma de emissão, dois círculos tangentes à linha horizontal dos centros, ou Leste-Oeste, eventualmente, o signo matemático "Infinito", desenhado com traços de *espessura uniforme*.

Já vimos um equivalente hebraico, cH Y H, mas podemos utilizar as três formas:

cH Y, Vivo (masculino) e cH Y H, Viva (feminino) emitem, respectivamente, pela extremidade 10 ou 5 de um canhão dividido em intervalos, a fase elétrica na outra ponta.

cH Y Y M (Raim), as Vidas, emitem em fase magnética nas duas pontas do canhão. Trata-se de um canal orientado em fase magnética.

A vibração do Nó de Vida se encontra no espectro a 200º entre Azul e Índigo em fase magnética, e a 20º em fase elétrica.

Essa onda é detectada em magnético ao nível do solo nos vegetais, no cérebro e no umbigo dos mamíferos. O Nó de Vida também é encontrado na boca dos humanos *mortos* e nos orifícios respiratórios dos animais *vivos*. Igualmente, como um cordão umbilical com a Fonte das Vidas, no temporal esquerdo de humanos vivos, descoberta de G. Bardet que, a esse respeito, deduziu um certo número de conclusões que não iremos mencionar aqui. Mas o Nó de Vida pode servir para revelar o estado de vida ou de morte em uma foto, segundo seja encontrado no temporal esquerdo ou na boca.

Misturamos aqui os níveis, pois nem sempre estes são fáceis de se distinguir. A vida para G. Bardet é uma abstração. Ele vê, nas cH Y Y M, as Vidas, cinco níveis: psicoquímico, vegetal, biológico, psíquico e pneumático, desde o nível mais baixo, o

do turbilhão de componente microfísicos do corpo, até o nível espiritual mais elevado.

Obs.: Há uma outra maneira de encontrar o estado de vida ou de morte de um ser humano. As palavras hebraicas Ts R W RH cH Y Y M (Tsoror Hé Raïm), a Amêndoa das Vidas, o Envelope das Vidas e o Grão das Vidas reagem sobre um morto. Essas palavras emitem o Índigo Magnético.

Outras Ondas Vitais

Há outras ondas de magnetismo vital, em geral, compostas das três principais com as quais se pode reconstruí-las. Uma deve ser assinalada, aquela cuja forma de emissão é formada por círculos iguais tangentes da linha dos centros vertical Norte-Sul. Trata-se, como já encontramos antes, da componente Norte-Sul do Campo Vital que se pode também representar fazendo girar em 90º a forma matemática "Infinito".

Essa vibração se encontra a 230º entre Violeta e Ultravioleta em magnético, e a 50º em elétrico.

Nós a havíamos chamado de Eq porque durante um certo tempo acreditávamos ter encontrado com ela uma forma de equilíbrio. Na prática, revelou-se bastante insuficiente. Completada, nós a reencontraremos nos círculos recíprocos.

Propriedades Gerais

No conjunto, as ondas Z+ e Z- são ondas de compensação senoidal, ou seja, ondas que tendem constantemente a modificar um equilíbrio em dois sentidos opostos, em uma pulsação indefinida. Seu uso artificial deve, portanto, ser limitado no tempo e é preciso interromper a ação antes que haja saturação do organismo, o que sentem implicitamente os magnetizadores sérios.

O CÍRCULO

Essa figura simples, símbolo da unidade, tem uma importância fundamental em ondas de forma. De acordo com isso, ela responde nos três níveis. Não é pois de se admirar que seja utilizada com uma proteção sob a forma do Círculo Mágico!

Duas propriedades fundamentais nos serão suficientes.

1. Se se submete ao exterior de um círculo horizontal numa emissão dirigida para o centro, esta passa a vertical do centro.

Essa propriedade tem sido utilizada diante de um emissor de emissão horizontal para torná-la vertical. Numa medida mínima, o círculo tem tendência a concentrar um ambiente e portanto a facilitar sua análise na parte abaixo do centro.

2. Inversamente, se dispõe uma forma orientada de vibração pura no interior de um círculo, a emissão se encontra dispersa à volta do círculo. Se se trata de uma vibração composta, analisa-se o perímetro do círculo. Foi o caso do Shin, que dá no círculo vibrações não diferenciadas do equador Chaumery-de Bélizal.

Um remédio ou uma planta, por exemplo, colocados no interior de um frasco de boca aberto, dispersam ao redor sua vibração a uma distância função do peso do bocal cilíndrico. Pode-se dar conta disso segurando na mão livre um testemunho de planta ou remédio.

Um canhão 8+10+5 colocado horizontalmente sobre o frasco aberto transforma a emissão dirigida na saída da extremidade 5, limitando-se ao tempo de exposição. Trata-se de apenas uma das combinações possíveis tomando-se o círculo como ponto de partida.

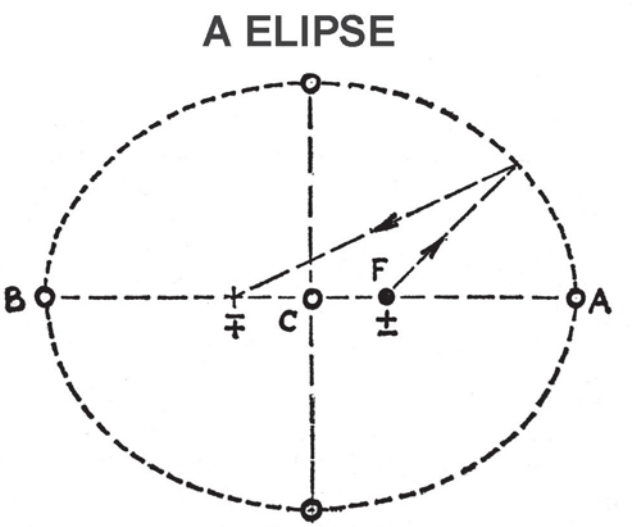
A ELIPSE

Todos os cônicos têm propriedades interessantes. Nós nos limitaremos à elipse.

Seja uma elipse materializada sobre uma chapa de compensado por meio de uma ranhura gravada e por seus dois eixos de simetria igualmente ranhurados. Fura-se de um lado ao outro o centro e as extremidades dos eixos. Marca-se apenas um começo de furo no local de um dos focos.

Sabe-se, em óptica e em acústica, que a emissão que parte de um foco atinge o outro por reflexão na curva.

Em ondas de forma, é exatamente a mesma coisa, incluindo-se aí a parte L N Ph Sh cH Y H (em “Vital”), que, como vimos, passava em linha reta através do prisma e que, aqui, reflete-se sobre a elipse. Trata-se de uma vibração ou um componente corpuscular que ricocheteia como uma bala em uma superfície? Encontrar a resposta é algo que ultrapassa os meios que possuímos.



Seja como for, iremos ter uma prova suplementar de que os "magnéticos" e "elétricos" correspondem em um sentido em relação a um ponto de referência, neste caso cada foco da elipse.

Com efeito, coloquemos uma forma de qualquer cor, por exemplo vermelho magnético, sobre o foco materializado: encontramos uma emissão vermelho elétrico na vertical do outro foco. Acontece o mesmo para qualquer vibração, não importa qual seja: a mesma cor, mas de fase oposta. Dito de outra forma, aquilo que entra em um foco sai pelo outro. Mas não há reciprocidade de focos: uma forma no foco não materializado emite ondas somente na vertical e nada no outro foco.

Pode-se então se perguntar se essa propriedade não poderia ser utilizada contra uma doença microbiana. Por exemplo, se colocasse uma cultura microbiana no foco materializado, o testemunho do doente no outro foco receberia uma emissão antimicrobiana. Vale experimentar.

Melhor que isso, se colocamos umo testemunho do mesmo paciente em cada foco, parece que um reequilibra o outro, agindo com uma espécie de auto-vacina automática!!!

Num outro domínio completamente diferente, sem dúvida você conhece o problema dos "pontos negros" das órbitas planetárias. Em um dos focos está o Sol. Mas, e no outro? Haveria um anti-Sol?

ESPIRAL "FIBONACCI"

Entre as forma naturais vivas, algumas delas comportam espirais em números bem definidos. Por exemplo, se observarmos uma pinha ou o miolo de uma margarida, constatamos que as escamas ou as flores estão em espirais de sentidos inversos, cujos números, em cada sentido, são dois termos consecutivos da seqüência chamada de "Fibonacci", ou seja:

5 e 8, 8 e 13, 13 e 21, etc.

Essas espirais resultariam da multiplicação celular por bipartição *(ver Formes et Forces, por René Huyghe, Flammarion Éditeur).*

A presença dessa seqüência na qual cada termo é a soma dos dois precedentes nos deu a idéia de construir uma espiral por pontos que permita verificar o fundamento correto da seqüência.

Esses pontos estão distantes de um centro comum a um comprimento proporcional aos números da seqüência e colocados em eixos concorrentes nesse ponto comum, separados mutuamente de 120º e depois de 60º.

Após diversos ensaios, fomos levados à seguinte solução:

- O Centro, primeiro 1 da seqüência, é furado de um lado a outro do suporte material.

- O segundo 1, colocado no eixo a 120º do Norte-Sul, está distanciado de 1 do centro e com um furo não passante.

- Os 2 e 3 da seqüência são omitidos, mas é necessário fazer um furo não passante no 4 no eixo a 240º (o 4 não faz parte da seqüência de Fibonacci).

- O 5 é excluído.

- O 8 furo não passante no eixo 0º ou 360º.

- A partir do 13 furado de um lado ao outro sobre o eixo 60º, os pontos da seqüência 21, 34, 55,... são furados igualmente de um lado a outro sobre eixos separados de 60º: ou seja 21 em 120º, 34 em 180º, 55 em 240º e assim por diante, até quando o suporte o permitir.

1, 4, 8, os primeiros números da espiral, fazem pensar na palavra hebraica:

hA cH D (1+8+4), que significa “Um”.

O círculo do raio 13, do número do “Um” hebraico, reproduz as cores não-diferenciadas do tronco da árvore em relação à orientação 0º-180º.

É a aquisição material sólida instantânea da unidade do vivo cujo crescimento futuro é programado pela estrutura do campo.

O círculo de raio 26 é onde se assentam as cores diferenciadas da Aura. Além, não se encontra mais do que as polaridades.

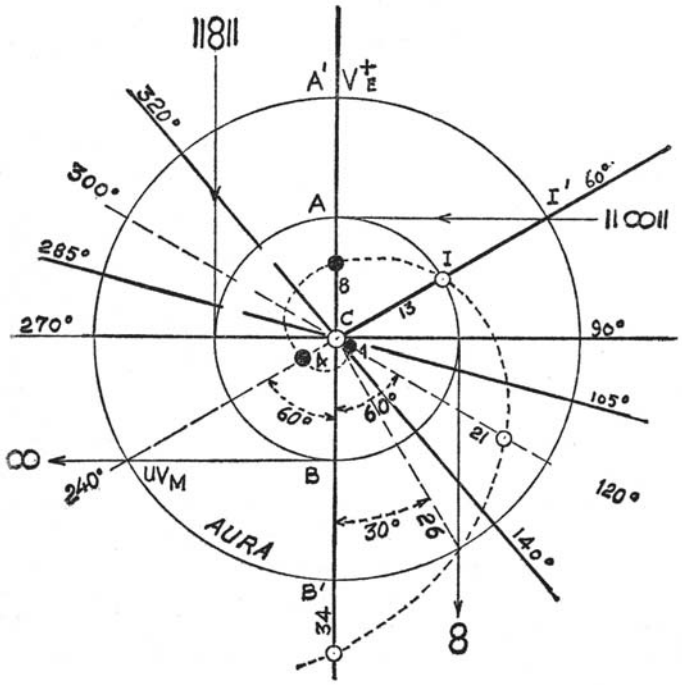
Completada pelos eixos cardinais ranhurados 0º-180º (N-S) e 90º-270º (L-O) que fixam o nível físico. E pelos eixos diretores do campo de forma, a espiral desencadeia tudo o que observamos em torno do tronco da árvore ou do corpo polarizado. Nós não nos desligamos do real.

Essa espiral pode, com agulhas convenientemente dispostas em eixo no centro, fazer o papel de emissor.

Com uma agulha de comprimento útil inferior a 13 obtém-se, diante dos 180º, as cores não-diferenciadas.

Com uma agulha de comprimento útil compreendido entre 13 e 26 têm-se, diante dos 180º, as cores diferenciadas da Aura, em magnético e em elétrico.

Utilizando-se agulhas superpostas que possam girar independentemente umas das outras, se for do seu interesse, você poderá construir um aparelho para usos múltiplos: análises, tratamentos em testemunhos, buscas, etc.



Uma observação rápida: as diferenças entre os primeiros números da espiral:

4-1=3 8-4=4 13-8=5

são os lados do triângulo retângulo egípcio que permite traçar um ângulo reto com a corda de 12 nós (13 intervalos).

Assinalemos, para terminar, que um prego fincado num tronco de árvore viva, em um ponto da geradora vertical sede da vibração Índigo não-diferenciada, faz detectar a Onda de Chartres sobre uma *espiral* no exterior do tronco. Esse gerador Índigo (55º magnéticos verdadeiros) é uma linha sensível da planta viva que se poderia ter o interesse de estudar *in vivo*. Ela ajudaria a transplantar uma árvore dando a ela novamente sua orientação original, desde que a marcação fosse feita antes da sua retirada do solo.

A ESPIRAL "UNIDADE"

Nós colocamos em espiral a palavra hebraica hA cH D (1+8+4), já vista, nos servindo de pontos, como agora há pouco.

Sobre três raios de um disco separados uns dos outros por 120º fizemos furos não passantes separados do centro por 1 e 9, depois furamos de um lado a outro o último, distante 13 do centro. Seja:

Distância até o centro: 1 no raio 180º. Furo não passante.

Distância até o centro: 9 no raio 300º. Furo não passante.

Distância até o centro: 13 no raio 60º. Furo de um lado a outro.

Executamos as ranhuras habituais 0º- 180º e 90º- 270º assim como o raio 60º passando pelo ponto 13 e completamos os eixos diretores do campo.

O círculo virtual de raio 13 é, como poderia se esperar, onde se assentam as cores não-diferenciadas do equador Chaumery-de Bélizal. Fato novo: *além de 13 não há Aura*.

O que produz uma agulha de comprimento útil superior a 13?

A espiral que descreve o círculo inteiro de sua origem ao seu fim conta a vida inteira do ser vivo, e pode-se determinar a idade *fisiológica* deste.

Estamos no tempo: juventude, maturidade, velhice.

É possível que a espiral esteja em relação com a atividade celular, pois ela reproduz sob uma forma ideal o chamado crescimento"sigmóide" do ser vivo, ou seja, lento do início, acelerado, depois diminuindo até a morte, exprimindo a luta entre a expansão da vida e o freio da entropia

Dividamos o círculo em 100 partes a partir do raio 60° no sentido dos ponteiros de um relógio, o sentido de crescimento da espiral. Poderemos teoricamente ter uma idéia da idade provável da morte colocando um testemunho diante de 180°, fazendo girar uma agulha em torno do centro e balançando um pêndulo (+) por exemplo sobre o testemunho.

$$\frac{M \cdot X}{100} = A \quad \text{ou} \quad M = \frac{100 \cdot A}{X}$$

Onde:

X= divisão do círculo

M= idade provável da morte

A= idade atual

Nas condições *atuais* de saúde. Se a doença se aproxima da data da morte no disco, o retorno à saúde é difícil.

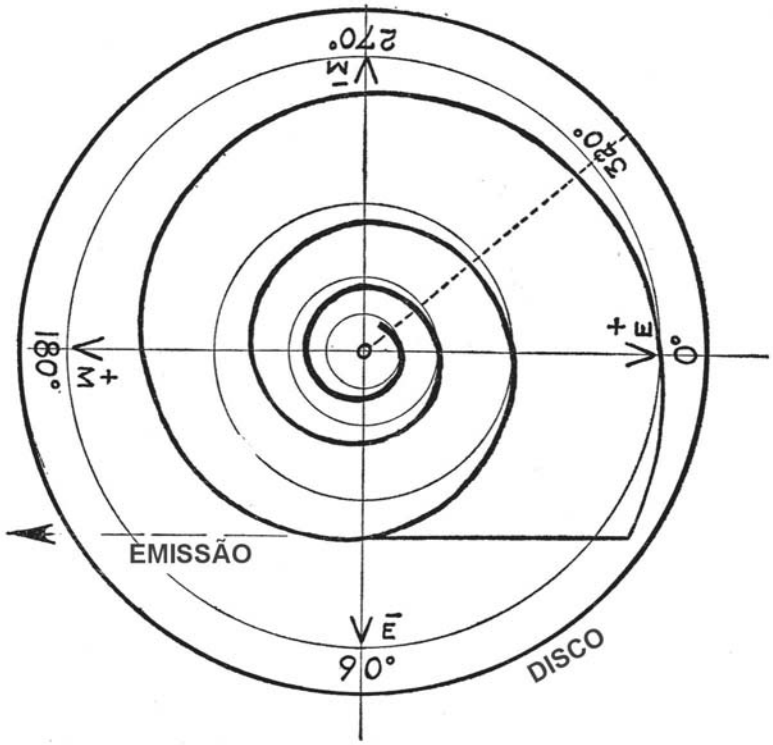
Mas é bom ser prudente com os seres humanos, não lançando prognósticos a torto e a direito...ou ficar contando com a chegada de uma herança. Menos precauções são necessárias com as plantas e os animais. Pelo contrário seria muito interessante verificar os dados do disco sobre as plantas sazonais, a durabilidade das sementes, e as qualidades de germinação, etc.

O CARAMUJO

O caramujo, a concha indiana, e todas essas formas derivadas da espiral têm sido há muito tempo objeto de pesquisas de radiestesistas.

O engenheiro Turenne, Chaumery e Bélizal, entre outros, abordaram esse estudo, cada um deles a partir de sua óptica pessoal e com um objetivo preciso.

O caramujo (*escargot)* de Chaumery e Bélizal é um contorno cortado onde cada raio virtual aumenta a partir do centro zero de 1/12 por 1/12 de circunferência no sentido dos ponteiros de um relógio até



o ponto de raio 1, onde a espiral detida se reúne ao centro de origem por uma reta.'Previsto para entrar no método geral desses senhores, o seu caramujo emite as vibrações não diferenciadas do equador da esfera.

Também temos outro pontos de vista.

Temos estudado o mais de perto possível o *escargot*, muito apreciado pelos *gourmets*, suas propriedades emissoras e a forma de sua concha, que é uma espiral logarítmica.

Sabe-se que a espiral logarítmica encontra-se com freqüência no mundo vivo e sobre isso já foram escritas excelentes teorias. Cascas de moluscos, chifres de ruminantes e outros itens são ilustrações naturais da espiral, expressão viva do movimento de turbilhonamento.

É inútil ficar relembrando longamente as propriedades geométricas da espiral. O raio que vem do centro se estende em progressão geométrica enquanto varre o espaço em progressão aritmética, em velocidade uniforme, se assim você preferir.

A equação dessa espiral em coordenadas polares é da forma

$R = K^t$

Onde *R* é o raio, *K* uma constante e *t* o ângulo de rotação do raio em torno do centro.

Os comprimentos de *R* são, portanto,

$K, K^2, K^3,$ etc,

quando *t* for:

1,2,3...

sendo *t* um número inteiro da circunferência total tomada por unidade.

Para um ângulo qualquer *t, os raios cortados pelas espirais sucessivas são iguais a*

$K, K^{2t}, K^{3t}, ..., K$

E a relação de dois raios sucessivos é

$$\frac{K^{nt}}{K^{(n-1)t}} = K$$

Embora os raios K das progressões geométricas sejam variáveis de uma espécie para outra, na natureza, construiremos uma espiral de razão 2 para nos encontrarmos em acordo direto com a estrutura exponencial do campo de forma.

$R = a \cdot 2^t$

Contrariamente ao que pensávamos antes de ter olhado de perto uma concha de caramujo com uma lente de aumento, a espiral não parte do centro, nem de um círculo aparente, mas vem de um ponto vizinho do centro com um R diferente de zero. Por outro lado, o plano de parada final é perpendicular a um raio no ponto em que este corta a última espiral.

Este caramujo centrado e gravado em um suporte de madeira compensada é um notável emissor de vibrações da Aura nos dois níveis "Vital" e "Físico", sem levar em conta a orientação em relação aos pontos cardeais e sem adição de eixos.

Uma agulha de fio de cobre com eixo no centro faz emitir a vibração da Aura no eixo oposto da reta de parada, no prolongamento de cauda virtual, num eixo positivo.

O V+E da Aura está sobre o raio paralelo à reta de parada, o V+M sobre o raio oposto. V-E está no raio perpendicular à reta de parada, o V-M no raio oposto.

Uma forma colocada no suporte e orientada em relação ao Caramujo em qualquer lugar é captada pelo caramujo e emite no prolongamento da cauda virtual, salvo se essa forma estiver colocada sobre o raio 320° que anula toda emissão.

Um testemunho de ser vivo colocada sobre o raio 320° emite (+) sobre e em volta dos espectros do corpo polarizado e da Aura.

Esse testemunho é automaticamente reequilibrado, o que simplifica todas as regulagens...

Pode-se passear um lápis apontado, orientado em relação à forma sobre o suporte, *ou próximo a ele*, e a emissão da Aura correspondente à orientação do lápis sempre tem lugar no interior do prolongamento da cauda virtual.

Esse Caramujo é, provavelmente, uma das mais poderosas formas que conhecemos em relação ao seu peso.

Os aficcionados de radiônica (emissão à distancia) que porventura existam entre os leitores poderão fazer soar o seu violino de Ingres sem fazer magia, pelo simples jogo das vibrações de forma, com a condição de não se servirem de fórmulas escritas por eles próprios, as quais os fariam entrar no circuito com os retornos possíveis. As cores, remédios ou vibrações do próprio Caramujo etc.., oferecem possibilidades suficientes.

A vibração geral do Caramujo é 320°, como toda forma equilibrada que se respeita.

É possível que o animal Caramujo deva uma parte de suas propriedades medicinais à notável forma de sua casca.

Não conhecemos todas essas propriedades, longe disso! Mas A.de Bélizal entusiasmava-se para cicatrizar úlceras varicosas.

AS ESTÁTUAS DA ILHA DE PÁSCOA.

Essas estátuas são um enigma, sob mais de um ponto de vista, e são numerosas as hipóteses formuladas. Seja o que já se tenha dito, essas hipóteses, para tornarem-se válidas, devem apoiar-se também nas emissões de ondas de forma das estátuas. Relataremos aqui nossas observações, mas outros pesquisadores, com a ajuda de dados fornecidos sobre as ondas de forma ao longo deste livro, poderão ainda investigar mais, sem esgotar o assunto.

Eis o que encontramos:

1. As estátuas são formas não apenas despolarizadas, mas despolarizantes, emissoras em "magia", fazendo girar os pêndulos K Sh Ph e Shin ao contrário e Necromancia, e invertendo o equador da esfera Chaumery-de Bélizal: não se trata de formas que pertencem ao mundo natural equilibrado, acabado. Como todas as formas despolarizadas, podem ser colocadas sob influencia de uma vontade orientada. São formas, se podemos assim caracterizá-las, disponíveis.

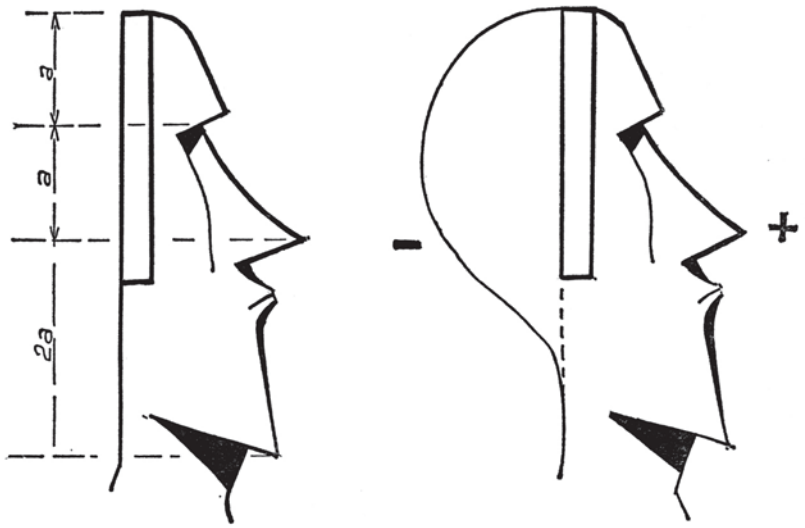
A despolarização se deve a forma chata da parte de trás do crânio e das costas. O chapéu ou as orelhas não mudam nada disso e são, ao que parece, antes de tudo amplificadores.

Decalquemos, um sobre o outro, dois desenhos de perfis de estátuas. A um deles daremos a parte de trás normal, arredondada, do crânio, e ao outro, a parte de trás reta das verdadeiras estátuas. O desenho com a parte de trás arredondada tem polaridade (+) na parte da frente, (-) na parte de trás. Se aproximarmos o outro desenho do precedente, as polaridades se apagam.

2.Coloquemos uma forma de emissão diante do perfil da estátua, à altura do nariz: encontramos a vibração da forma à mesma altura da parte de trás da estátua e por ela amplificada.

Se a forma está atrás, a emissão é encontrada na parte da frente: existe reciprocidade.

Se, por outro lado, desenha-se nas costas da estátua o desenho gravado sobre as estátuas da primeira época, o círculo, os três traços paralelos e o terceiro parecido com um M, o círculo junta, canaliza todas as emissões, tanto as da frente quanto as de trás. Trata-se ao mesmo tempo, tanto de um "microfone" quanto de um "auto-falante".



Pode-se portanto sugerir que estas estátuas eram emissores-receptores. Quando foram construídas teriam estado à escuta do mundo exterior, mais ou menos como os espelhos dos rádio-telescópios atuais estão à escuta dos ruídos do cosmos

Nessa ilha isolada, é fácil imaginar pessoas longe de tudo tentando captar em volta de si mesmas o que outras podem emitir, emitindo elas próprias ondas-pensamento, ou de outro tipo, na direção de receptores hipotéticos, suposição tanto mais válida já que a civilização de escultores muito provavelmente não era originária da ilha e que seus conhecimentos não se detinham no horizonte.

Essa possibilidade de emissão-recepção é reforçada pelas orientações em leque assinaladas por Fr. Mazière em seu livro *Fantastique Île de Pâques*. Curiosamente, o leque deixa vazio um quadrante, o N-L, na região oposta ao quadrante vazio do campo de forma, o S-O

Qualquer outra opinião que se possa formular, religiosa, mágica, etc.- não pode impedir de revelar a soma dos conhecimentos suposta pela concepção dessas estátuas, conhecimentos atingindo um nível científico, pelo menos na época de seu classicismo, pois as estátuas dos ahus são cópias vagas, apesar de sua emissão potente de ondas.

Servimo-nos de pêndulos para amplificar nossas reações e para selecionar as vibrações: somos degenerados com os sentidos diminuídos.Mas, em épocas passadas, mergulhado numa natureza quase virgem, o homem devia sentir diretamente os efeitos das vibrações, da mesma forma que um animal caçado detecta, a procura feita pelo pêndulo e foge, como também os aborígenes da Austrália sabem o que se passa a centenas de quilômetros de distância.

As estátuas, então, realmente “falavam”.

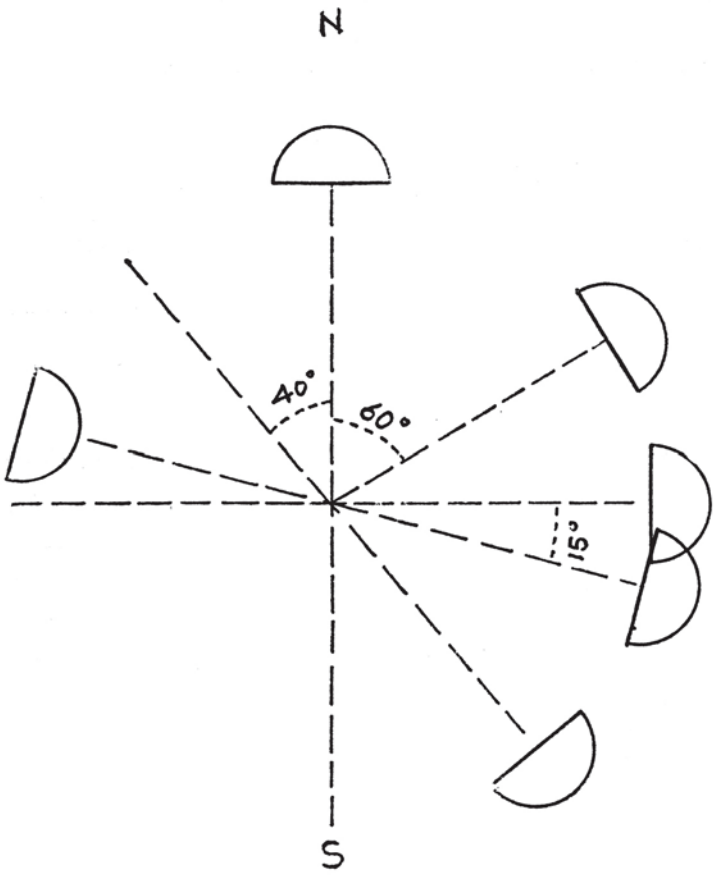
Pensemos também na possibilidade de transmitir mensagens em “grafia”, por meio de ideogramas, segundo uma técnica semelhante à que expomos no curto capítulo sobre mensagens a distância por ondas de forma. É muito simples.

Essas formas de estátuas despolarizadas podem também ser carregadas por um ato de vontade, já o dissemos, e ter uma influência a distância. Mas nesse ponto saímos do racional para entrar no livre-arbítrio do mental.

Seja como for, essas formas quando *isoladas* são fortemente nocivas, de um lado por seu V- na frente e, de outro, por sua influência despolarizante.

O V- na altura da boca permitiu a L. Chaumery e A. de Bélizal mumificarem a carne perfeitamente, usando uma reprodução de estátua com 30 centímetros de altura.

A influência despolarizante é difícil de suportar, mesmo de uma forma reduzida. É necessário um ambiente perfeitamente reequilibrado para não se ressentir fisicamente dos efeitos nocivos.



É possível que a multiplicação das estátuas prudentemente colocadas e orientadas anule sua nocividade individual. Seria preciso realizar ensaios que talvez indicassem um ponto de concentração emissor-receptor privilegiado, pois o conjunto dá a impressão de formar um sistema, já que é muito difícil admitir a colocação ao acaso de estátuas tão bem calculadas.

Mas o sistema está inacabado.

Na escala do peso das estátuas reais, uma restauração mal-empreendida provocaria sem dúvida um desiquilíbrio tal do ambiente que seus promotores desempenhariam o papel de aprendizes de feiticeiros com a maior boa-fé.

Poderia tentar-se previamente um ensaio com semi-esferas sobre maquetes.

Com efeito, uma semi-esfera tem propriedades de transmissão idênticas às de uma estátua:uma forma colocada no lado bojudo emite as ondas pelo plano vertical e, inversamente, uma forma no lado plano emite-as pelo cume da semi-esfera. Se se utiliza um testemunho de ser vivo em lugar de forma, o "Raio de União" (Nó de Vida) entre testemunho e o sujeito não é detectado, a não ser que a reta que os une seja perpendicular à parte plana da semi-esfera é assim que se passa com uma estátua. Estamos lidando com uma antena *estritamente direcional.*

Mas com seis semi-esferas dispostas em círculo sobre os eixos diretores do Campo de Forma, como na figura, uma forma colocada no interior do círculo emite ondas em toda a sua volta, para o exterior, e uma forma no exterior emite ondas na vertical do centro. Quanto ao "Raio de União" sujeito-testemunho, ele se estabelece seja qual for a orientação do conjunto de semi-esferas.

Uma outra possibilidade se oferece combinando-se heptágonos irradiando em torno de um ponto de maneira obter-se uma polaridade (+) em cima do centro, o que tornaria o ambiente habitável.

As pesquisas e as suposições estão longe de estarem terminadas...

Se a natureza proveu o caramujo de uma casa notavelmente equilibrada e protetora não acontece o mesmo conosco. É por isso que se impõe um estudo elementar das proporções arquitetônicas, pois parece que os construtores não têm grandes preocupações com a saúde das pessoas que pretendem abrigar. Será esse o assunto do capítulo seguinte.

CAPÍTULO V

ARQUITETURA E ONDAS DE FORMA

Para julgar esse assunto, o leitor deverá ser tolerante conosco. Não somos arquitetos e, sem conhecimentos especiais, não temos, no fim das contas, mais do que a liberdade de expor nosso pensamento sem idéias preconcebidas.

Um monumento, um edifício e até mesmo uma edícula devem não apenas ser belos, mas integrar-se nos ritmos naturais como faz uma árvore no meio da floresta. Equivale dizer que a imaginação do arquiteto deve curvar-se a certas leis. De outra maneira, ele se arrisca a fazer sair do solo dos imóveis ondas nocivas à saúde das pessoas que os habitam ou ao ambiente. E sabe Deus quantas habitações assim existem, sem falar nos monumentos.

Iremos mais longe ainda.

A prancheta de um arquiteto é sem dúvida mais importante para a saúde, para a prevenção do câncer e de outras doenças, do que as somas astronômicas consagradas à pesquisa médica e a cura dos doentes, sem que isso seja acrescentado ao preço do financiamento de um imóvel.

Se existem casas onde os moradores transpiram saúde,também há outras em que, até onde a memória alcança, jamais houve alguém que se sentisse em forma. Há casas propícias ao desenvolvimento do câncer...

A localização tem um papel, veremos isso ao tratar das ondas nocivas e esse não é o único elemento causador de problemas.

Ora, pode-se atenuar, corrigir, até suprimir essas influências nefastas, através das formas e proporções de uma construção.

Um exemplo: ao entrar na Catedral de Chartres, apesar das perturbações telúricas que a atravessam e que deveriam abalar quem

lá está, você se sente relaxado. As proporções corrigem os inconvenientes naturais do lugar- e mais que isso, reequilibram as pessoas.

É dessa maneira que se deve compreender a arquitetura;mesmo a de um pavilhão modesto. Pois a arquitetura não foi feita para colocar à venda as superproduções de um mestre de obras com "doença pela novidade", nem a desesperadora quantidade de residências feitas em série que exibem sua brancura ao longo das estradas em vez de se aninharem atrás de um véu pudico de verde. Ela existe para o bem-estar do homem e para a alegria de seus olhos.

E não se trata simplesmente de uma simples criação intelectual de um artista, mesmo obedecendo à solidez, o equilíbrio estético e o conforto aparente.

Ela é, ainda, *submissão de uma ordem.*

Essa ordem, que queremos clara e luminosa que os construtores da Idade Média parecem ter possuído durante esse ápice fugidio da nossa civilização diluiu-se rapidamente em receitas especializadas, para desaparecer na era do concreto armado e da alta tecnologia.

Será possível reencontrar essa ordem?

A abordagem do problema é facilitada pelas ondas de forma e aquilo que já sabemos sobre os campos. Pois, no fundo, o critério será a integração ao Campo de Forma e com o que dele decorre: a harmonia com as formas naturais e o efeito benéfico sobre os seres vivos.

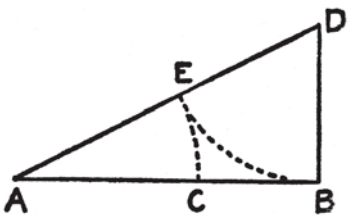
Antes de mais nada, porém, sobrevoemos rapidamente algumas das proporções que, ao longo dos séculos, deram unidade às plantas de construção e que nossos pêndulos irão analisar.

O NÚMERO DO OURO

Quem está na posição mais alta merece todas as honras.

Já visto de passagem, o muito célebre Número do Ouro é sem dúvida conhecido desde tempos bem antigos.

Trata-se, *em princípio*, da mais harmoniosa maneira de dividir um comprimento em dois segmentos.



O Número do Ouro resulta da chamada proporção de média e extrema razão:

$$\frac{a + b}{a} = \frac{a}{b}$$

Geometricamente, quando se trata de dividir o segmento AB em média e extrema razão, leva-se para B a perpendicular até AB sobre um comprimento.

BD = AB/2

Traça-se o círculo de centro D e raio DB que corta AD em E. O arco de círculo de centro A e raio AE corta AB em C. Isso nos dá:

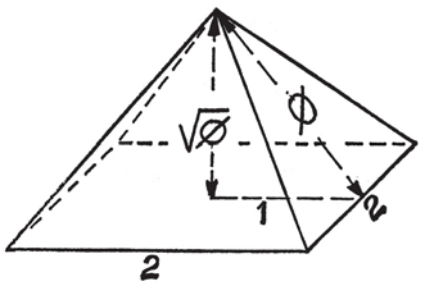
$$\frac{AC}{CB} = \frac{AB}{AC} = \frac{AC + CB}{AC} = Ø = 1{,}618\ 03$$

Algebricamente, pode-se definir o Número de Ouro como o limite da relação de dois números consecutivos da seqüência de Fibonacci na qual cada termo é a soma dos dois precedentes.

A seqüência é:
1 1 2 3 5 8 1 3 2 1 34 55..
As relações
1/1 2/1 3/2 5/3 8/5 13/8...
têm por limite o Número de Ouro:

$$Ø = \frac{\sqrt{5} + 1}{2} = 1{,}618\ 03...$$

Um exemplo mais que célebre da aplicação do Número do Ouro é a famosa pirâmide de Quéops.



O comprimento do lado do quadrado de base é 2.
A altura do triangulo das faces é Ø (apótema)
A altura da p***irâmide é Ø.***

Nas conclusões que se tira do seu estudo, esquece-se geralmente que a pirâmide está “ancorada” no solo por suas fundações. A pirâmide real, em fotografias, emite ondas em “magia” acima do cume, mas nada em sua volta. Em compensação, uma maquete isolada é francamente mágica e pode, em certos casos, envenenar o ambiente. Trata-se de uma forma limite que não aceita qualquer

sobrecarga. Um simples talo de erva próximo pode fazer sair do cume um possante V-E, do qual fomos vítimas numa ocasião. Havendo passado uma noite inteira absorvendo esse V-E, ao nos levantarmos não sabíamos mais de que lado estava a janela, pois ela girava como a hélice de um avião...Tudo isso por causa de uma simples haste de uma planta esquecida perto de uma pirâmide de madeira compensada.

Quando virmos o espectro de equilíbrio a respeito dos modos de restabelecer a normalidade em um ambiente, teremos um UVE em cima ou ao Norte, um V-E embaixo ou ao Sul. Na pirâmide esse espectro está invertido: o UVE está na base e o V-E no cume. Apesar de todas as obras sobre esse monumento, e o interesse dos pesquisadores, desconfie dessa máquina que é uma maquete da pirâmide sem fundações artificiais como se estivesse desconfiando da peste.

Em certas épocas, como o Renascimento, fez-se uso sistemático do Número do Ouro ("proporção Divina", "Secção Dourada") e pesquisadores a encontraram na natureza, e daí sua aceitação. Todos se esqueceram de que o Número do Ouro é um limite jamais atingido na natureza em razão de seu caráter de número irracional *e que precisa ser incorporado em uma estrutura exponencial de base* 2 para recuperar o bipolarismo normal.

Entretanto uma proporção foi sabiamente construída sobre esse Número, a Proporção Egípcia, chamada de "Divina Harmonia", bastante sedutora em seus contornos matemáticos.

A esse propósito, em digressão, não creia o leitor que tenhamos algo contra a matemática, enquanto ferramenta de trabalho e de pesquisa, ou contra sua abstração cada vez mais avançada. Simplesmente nos colocamos em guarda contra a tradução para o real de concepções saídas de puras especulações matemáticas. Estas freqüentemente têm influenciado a arte e a arquitetura sem se preocupar com suas conseqüências sobre os seres vivos que somos. Até mesmo as obras de arte calculadas segundo as normas mais clássicas da resistência dos materiais podem se revelar prejudiciais, como os pilares de pontes que se alargam para cima que vemos nas auto-estradas, e também como certas caixas d'água. As belas estruturas não são necessariamente favoráveis a saúde. Não mais que os cálculos muito bonitos.

A PROPORÇÃO EGÍPCIA (uma beleza diabólica)

Essa proporção foi encontrada por um arquiteto, Fournier de Corats, a partir de uma obra monumental. *A Arquitetura Natura*l, de Petrus Talemarianus, de onde emana um certo odor de embuste.

Fournier de Corats pôde verificar que essa proporção servira para a concepção de toda a plástica egípcia com apenas oito relações baseadas em Ø, que incontestavelmente, dão um resultado harmonioso para a vista. Essas relações foram encontradas por rebatimento dos lados da pirâmide de Quéops sobre a base. Infelizmente, a Proporção Egípcia, construção intelectualmente montada sobre um limite, é, na verdade, uma Super-criação que imita o verdadeiro. E de fato constata-se que tudo o que é construído a partir dessa famosa proporção emite o Shin ao contrário na vertical, faz reagir o pêndulo K Sh Ph e inverte o vermelho e o Violeta do equador Chaumery-de Bélizal. Deve, conseqüentemente, ser eliminada sem remorso.

A prova disso tivemos à alguns anos ao utilizarmos inocentemente um reequilibrador de ambientes baseado na Proporção Egípcia. No momento, a ruptura de forças estava bem compensada e suprimimos a diarréia de novilhos em um estábulo - mas ao preço de uma espetacular queda de pêlos. Era a transferência mágica sendo posta em evidência.

O TRIÂNGULO DE LADOS 3-4-5

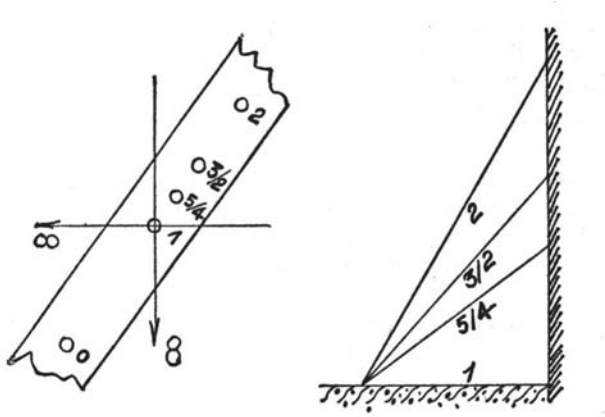
O uso desse triângulo se perde através dos tempos: ele já era conhecido na era neolítica!

O motivo de sua existência é provavelmente o fato de permitir construir facilmente um ângulo reto com ou sem o cordão de 12 nós. Talvez daí tenha se estendido um emprego mais sistemático às próprias proporções. No limite, ele serviu, do conjunto aos detalhes, para construir os edifícios mouriscos de cúpulas elipsoidais segundo um princípio unitário, do pórtico ao cume da abóboda.

Se bem que esta proporção não seja absolutamente perigosa, seu emprego sistemático parece ser bastante artificial. A única vantagem desse triângulo é o fato de ser o único, entre os que conhecemos, a não ser mágico.

OS ACORDES MUSICAIS

Se fizermos cinco furos de um lado a outro sobre uma placa de madeira, de forma a respeitar os intervalos de uma terça maior e de uma quinta, aperceber-nos-emos que a placa passará a emitir o Campo Vital sem necessidade de usarmos o artifício de um testemunho de ser vivo colocado sobre ela.



Os Acordes Musicais

Pode-se portanto fazer uso dela nessa qualidade.

Louis Charpentier dá essa utilização na elevação da catedral de Chartres.

Lembramo-nos de que o acorde perfeito maior é:

0 - 1 - 5/4 - 3/2 - 2

Já nos servimos do acorde perfeito maior para amplificar os aparelhos. Pode-se também, a rigor, fazer com que ele um bom reequilibrador de ambientes orientado, e os resultados são corretos caso não se destrua sua eficácia usando-se formas especiais.

O acorde perfeito maior é um caso particular e incompleto da estrutura exponencial do Campo de Forma.

AS TRÊS MESAS

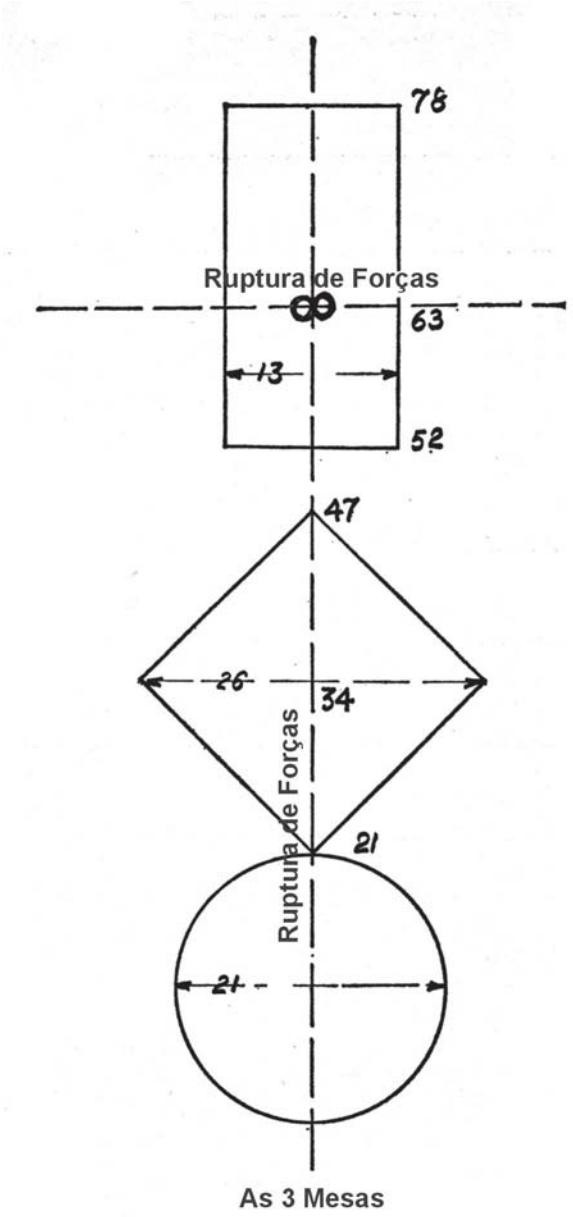
Mesmo não se tratando de uma proporção propriamente dita, convém dizer algumas palavras sobre esse assunto, pois as Três Mesas aparecem em certas obras mais ou menos bem interpretadas. Sem dúvida não o faremos melhor.

As Três Mesas parecem ser, antes de tudo, uma base secreta de conhecimentos, uma relíquia da Idade Média. Louis Charpentier dá uma visão sobre o assunto em sua obra já citada *Os mistérios da Catedral de Chartres*. De tempos em tempos também reaparece a "Máxima" dos Companheiros:

"O Graal repousa sobre Três Mesas de igual superfície, uma redonda, uma quadrada, uma retangular; e seu número é 21.

"Uma quarta Mesa as recobre e seu número é 6.

"O Graal é 17 e é Um."



Louis Charpentier fornece as Três Mesas a seguir sobre um mesmo eixo e tentamos construí-las:

1) a partir do Número do Ouro;

2) com um comprimento total de 21 e

3) a partir dos números hebraicos de Y H W H.

Foi este último critério que retivemos, mas talvez não se trate do melhor.

Diâmetro da Mesa Redonda: 21 (o Shin hebraico ou Y H W).

Diagonal do quadrado: 26 (YHWH).

Comprimento do retângulo: 26. Largura: 13

Para que o funcionamento seja correto, a Mesa Retangular deve ficar separada do topo da Mesa Quadrada por um intervalo de 5, o 5 que tiramos de 26 para termos o diâmetro 21 da Mesa Redonda. Se bem que o comprimento total das Três Mesas seja:

21 + 26 + 5 + 26 = 78 = 6 x 13 (ou 3 x 26)

Seria a quarta Mesa seis vezes a unidade hebraica

hA cHD = 1 + 8 + 4 = 13?

Inicialmente, detectamos o Nó de Vida a uma distância igual a

63 = 3 x 21

da extremidade da Mesa Redonda oposta ao quadrado.

Sejam quais forem os cálculos das Mesas e a igualdade aproximativa de suas superfícies, o conjunto emite nos pêndulos K Sh pH e Necromancia. Para eliminar essas emissões é preciso traçar duas retas retangulares passando pelo ponto 63 e seguindo até a beira do suporte, uma no eixo, outra perpendicular a esta última. Essas retas emitem o Nó de Vida, como acontece com uma ruptura de forças ou perturbação telúrica proveniente de uma corrente subterrânea.

Deixando as Mesas de lado, essas rupturas de forças *em ângulo reto* dão em seu cruzamento uma emissão possante do Nó de Vida. Elas parecem ter sido conhecidas e utilizadas desde há muito tempo: as alamedas cobertas megalíticas que examinamos comportam uma ruptura de forças no eixo e uma atravessando-a nas proximidades de uma das extremidades.

Nas catedrais e nas velhas igrejas encontramos essas rupturas tradicionais, uma no eixo da nave, a outra através do coro, e isso explicaria certos desvios anormais da construção.

Se as proporções devem suprimir a nocividade das rupturas, estas vêm suprimir a magia eventual das formas. Uma espécie de toma lá dá cá.

O altar primitivo devia se encontrar no cruzamento dessas rupturas sobre um ponto de emissão privilegiado suscetível de proteger todo o ambiente e *em todos os níveis* de ondas de forma.

No século XVI os altares ficaram ao fundo do coro. Em nossa época decadente, sem que haja qualquer obrigação moral da parte da autoridade superior, transporta-se os altares para o cruzamento dos transeptos por razões de visibilidade, em mesas de conferências, como enfatiza Charpentier. E as igrejas se esvaziam. Não que haja aí uma relação de causa e efeito - o Espírito Santo está acima de tais considerações materiais - mas produz-se uma dissonância grave entre a concepção primitiva inteligente e a ignorância atual. Antes, tentava-se estabelecer a plena harmonia entre o

material e o espiritual. Hoje, a ruptura de equilíbrio entre o materialismo de alguns e o espiritualismo de outros não traz mais do que confusão, a "Circonfusão", como diz o *Cônego Roussel* (Téqui Éditeur).

E AGORA, QUAL PROPORÇÃO?

Já citamos antes São Tomás de Aquino: *Ars traditur naturam.* É a chave para abrir as portas da solução que procuramos. Observemos a natureza, sobretudo a viva, mas não a copiemos cegamente, pois ela é reflexo de uma luta entre duas forças antagônicas: a Vida que está em expansão e a Entropia que tende em direção ao repouso e a morte.

Para conceber uma obra plástica, devemos acima de tudo estudar a estrutura de construção do vivo em expansão e não aquela que freia e termina por anular essa expansão.

A primeira é aplicação da estrutura exponencial do Campo de Forma, a outra manifesta sua inércia pela chamada forma "sigmóide" do crescimento do ser vivo, crescimento inicialmente lento, depois acelerado, e que diminui em seguida até anular-se na morte. O crescimento sigmóide aplicado aos reequilibradores de ambientes deu resultados muito ruins. Trata-se portanto, de algo a ser deixado de lado sendo um efeito, não uma causa.

Mas seja o crescimento acelerado ou moderado, juntando-os estágios a estágios, camadas a camadas, ele obedece nas suas proporções parciais à estrutura do campo, variando somente a velocidade.

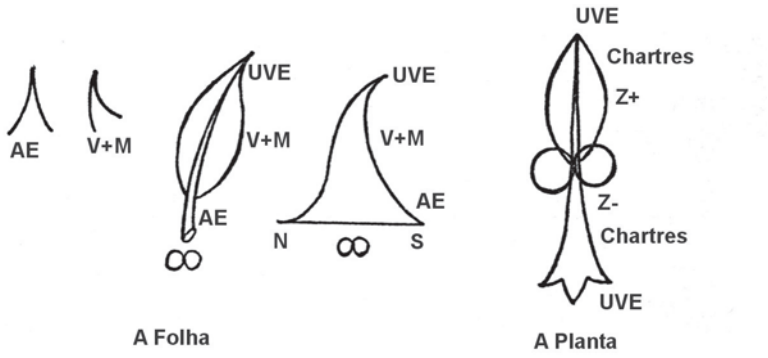
Seja qual for, uma construção com suas fundações tem alguma analogia com o vegetal, sua parte aérea e suas raízes. O estudo do vegetal, mais fácil do que do animal, não pode ser senão fonte de proveito, e nos introduz diretamente em nosso assunto.

A FOLHA E A PLANTA

Plantas e animais são formas captadoras, e também transformadoras que participam da harmonia universal. Não se termina jamais de retirar ensinamentos dessa harmonia e as ondas de forma nos fazem aprecia-la por um ponto de vista que não é o de quem passeia com tanta curiosidade pela natureza quanto a que tem pela valise que carrega no porta-malas do seu carro.

A folha

Todos os limbos de folhas, por mais complicados que sejam, emitem V+M; e todos os pecíolos o A Elétrico Mas o interesse maior é encontrar o Nó de Vida na saída do pecíolo. É a confirmação do poder de captação da folha *unicamente pela sua forma.*



Artificialmente, o equivalente de uma folha pode adotar, entre outras formas, a de um espinho de roseira com uma forma sigmóide à esquerda e um arco de círculo à direita. Uma reta fecha a parte de baixo da forma. Esse desenho pode servir para restabelecer um equilíbrio de ambiente quando se orienta a ponta da forma cortada parte o Leste, como uma folha natural, da mesma forma que veremos no capítulo sobre as ondas nocivas.

A Planta Inteira

Na planta inteira, a folha é equilibrada pela raiz, uma outra captadora de energia. Todas as duas são a sede de um UV E de captação cosmotelúrica nas extremidades, ou, se você preferir, de uma emissão hebraica L Y L H (Laïlah), a Noite.

Planta inteira no solo, a parte aérea comporta uma emissão Z+ (onda de carga do magnetismo vital), a raiz Z- (onda de descarga do magnetismo vital), o colo da raiz o Nó de Vida ao nível do solo.

Entre Z+ e UV E, entre Z- e UV encontramos a Onda de Chartres, aquilo que podemos exprimir em hebraico por uma frase de feitio poético, mas eficaz para restabelecer parcialmente um equilíbrio, orientando-se:

LYLH hARTs DBR Sh M chA
HARTs LYLH
(Lailah Haretz Dabar Shamc'ha
Haretz Lailah)
A Noite (a) Terra fala, escuta (a) Terra a Noite

Na planta desenraizada, o Nó de Vida desaparece, Z+ e Z- saem numa distância

Na planta desenraizada, o Nó de Vida desaparece, Z+ e Z- saem numa distância mais ou menos grande das extremidades; a planta vai morrer.

Para fazer Z+ e Z- entrarem de volta na planta desenraizada, deitada e orientada na direção Norte-Sul, basta colocar uma forma do Nó de Vida em um ponto preciso do colo da raiz. A planta emite então em L N Ph Sh cH Y H. A mesma constatação pode se fazer com uma forma artificial da planta em fio de cobre e pode servir de teste sobre o valor dessa forma.

Corte-se uma planta ao nível do solo, Z+ e Z- desaparecem completamente, ela não pode mais brotar outra vez.

O exame aprofundado das plantas sob esse ângulo pode levar a estudos interessantes de fisiologia vegetal.

A planta fixada ao solo é pois o condensado de um espectro.

UV E Chartres Z+ Nó de Vida Z-
Chartres UV E

Limitado aos dois UV E cosmotelúricos e que encontraremos em formas suscetíveis de compensar uma ruptura de forças.

Os animais podem viver e mover-se liberados da superfície do solo porque trazem em seu corpo seu próprio Nó de Vida. A planta, menos avançada na evolução, está ligada pelo Nó de Vida ao rés do chão, que não faz parte dela.

De tudo isso tiramos uma lição: Se os objetos deslocáveis, sem ligação com a superfície da terra, devem ser construídos com um Nó de Vida independente, uma construção deve manter ao nível do solo, por suas formas e proporções, a vibração do Nó de Vida. Isso pode se detectar, sobre um plano em elevação. (É por isso que a pirâmide deve ter fundações, mesmo artificiais, que a prendam à terra e impeçam seu espectro de estender-se em direção ao céu. Um monte de pedras é feito para repousar sobre uma superfície sólida, e não se imagina em uma base nas correntes de vento...

AS PROPORÇÕES A SEREM MANTIDAS

O estudo co Campo de Forma nos fez construir um circulo circunscrito a um hexagrama, a um decágono estrelado, a um pentágono convexo necessário, a um pentágono estrelado facultativo.

Para encontrar os eixos diretores do Campo, havíamos partido da palavra hebraica Y H W H de Número 26. Esse Número engloba a unidade de Y H W H e o adotaremos como o raio do circulo circunscrito.

O apótema do pentágono convexo se torna:

R/2. Ø = 13 x 1,618 03...= 21,034...

A intersecção dos lados do decágono estrelado está a uma distância do centro.

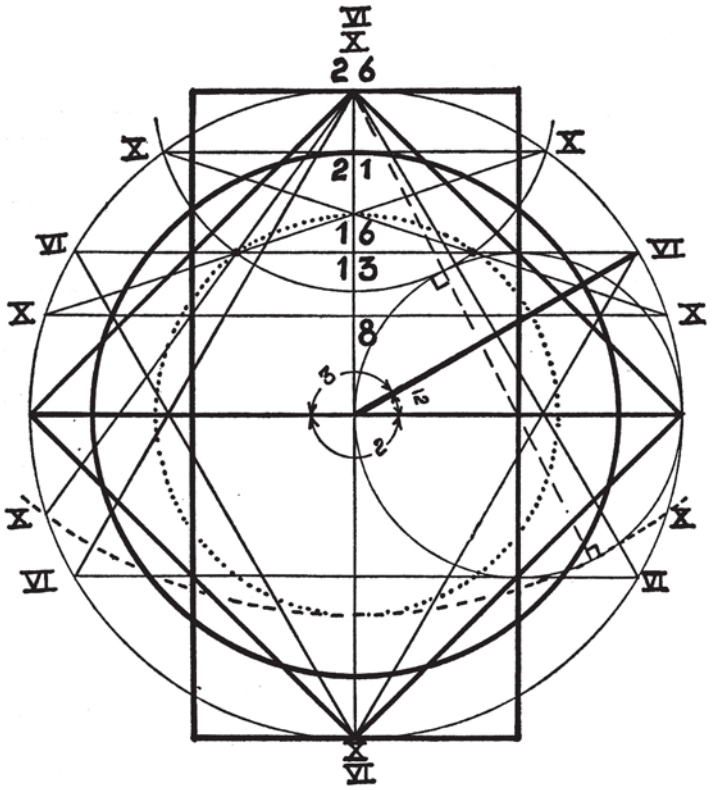
R (Ø - 1) = 26 x 0,618 03...= 16,068 78...

O apótema do hexagrama é

R/2 = 13

São os *Números de base* suficientes e necessários.

Alguns centésimos são negligenciáveis, ao nível das ondas de forma, em prática arquitetônica, e permitem adotarmos os números inteiros.



13 - 16 - 21 - 26

que têm a vantagem de corresponder aos números hebraicos:

M - chA - Sh - Ph

E proporcionam maior facilidade, no estabelecimento de um plano, que uma geometria de figuras cheias de pontas - a menos que essa geometria possua algo como os Mestres-de-Obras da Idade Média, que provavelmente não se confundiam diante dos cálculos complicados.

Se você é do tipo de pessoa que gosta de lidar com a régua e o compasso, pode começar a se divertir.

Os que se prendem a qualquer preço ao Número do Ouro podem verificar que:

26/16 e 21/13 estão próximos desse número e que

26/21 e 21/16 estão próximos de sua raiz.

Resta saber se um plano construído sobre esses Números fará encontrar os testes do Campo de Forma...mas ainda não chegamos a esse ponto. Primeiramente é preciso descobrir como essas proporções podem se aplicar a um ser vivo em crescimento.

O Crescimento Organizado

Uma forma viva em crescimento mantém sua forma própria, e esse é um dos argumentos em favor do Número do Ouro.

Podemos dessa forma conceber que um número cresceu segundo eixos concorrentes, a partir de um ponto, proporcionalmente ao comprimento de cada eixo em um dado momento. Trata-se de uma visão simplificada que não leva em conta as ramificações sucessivas, mas pode servir como hipótese de partida.

Quanto ao crescimento sobre *um dos eixos*, este varia, suponhamos, segundo uma lei constante num intervalo de tempo bastante curto.

Quando o tempo se exprime por:

0 1 2 3...n...

o crescimento atinge uma dimensão.

$a \quad a \cdot 2 \quad a.2^2 \quad a \cdot 2^3 ... \quad a \cdot 2^n ...$

Para satisfazer à lei exponencial do campo de forma.

E se: a = 26

$26 \quad 26 \cdot 2 \quad 26 \cdot 2^2 \quad 26 \cdot 2^3 ... \quad 26 \cdot 2^n ...$

A cada etapa de tempo se inserem os outros números:

13, 16, 21

que seguem a lei exponencial do seu chefe de fileira, o 26.

Podemos exprimir isso na forma de uma tabela:

Tempo	Proporções em crescimento			
0	13	16	21	26
1	$13 . 2$	$16 . 2$	$21 . 2$	$26 . 2$
2	$13 . 2^2$	$16 . 2^2$	$21 . 2^2$	$26 . 2^2$
.....				
0	$13 . 2^n$	$16 . 2^n$	$21 . 2^n$	$26 . 2^n$
.....				

Transportemos o tempo.

0 1 2 3... n...

para um eixo de abscissas e, em cada um desses pontos eqüidistantes levantaremos uma reta perpendicular ao eixo das abscissas . Sobre cada perpendicular marcaremos em ordenada as proporções correspondentes.

Graficamente nos apercebemos que um novo número é introduzido, o 17, no prolongamento da oblíqua que passa pelos pontos 16 e 21 correspondentes às duas abscissas precedentes.

O gráfico pode ser verificado por um cálculo muito simples.

$$\frac{17 . 2^n - 16 . 2^{n-2}}{17 . 2^n - 21 . 2^{n-1}} = \frac{17 \text{ x } 4 - 16}{17 \text{ x } 4 - 21 . 2} = \frac{68 - 16}{68 - 42}$$

$$= \frac{52}{46} = 2 = \frac{\text{hA L H Y M}}{\text{Y H W H}}$$

sobre os dois triângulos retângulos semelhantes.

O que é esse numero 17 fora da média entre 26 e 8?

“o Graal é 17 e é Um”, enuncia a “Máxima”

Tracemos um eixo dos V- e o raio UV E a 30° desse eixo.Os números dos ângulos somam:

$$\hat{2} + \hat{3} + \hat{12} = \hat{17}$$

que, cobrindo o círculo inteiro, se superpõe à unidade.

Para os que perguntarem como numeramos os ângulos: um ângulo vale o *número de partes* nas quais ele divide a unidade de círculo. Um semicírculo vale 2, um ângulo de 60° vale 6.

17 também é o Phé hebraico normal (enquanto que o Phé final tem por número 26, numero de Y H W H)

Sobreponhamos o Phé 17 à figura dos ângulos e o pêndulo (+) balançando em cima dela reage. Há identidade provável.

Ora, o UV E do ângulo de número 12 orienta uma forma, vimos isso a respeito dos campos de forma. Se utilizarmos 17 em nossas proporções estaremos nos arriscando a ver o plano do solo de um edifício em dissonância de orientação com o campo natural? A questão pode ser formulada, embora não tenhamos ainda notado esse inconveniente.

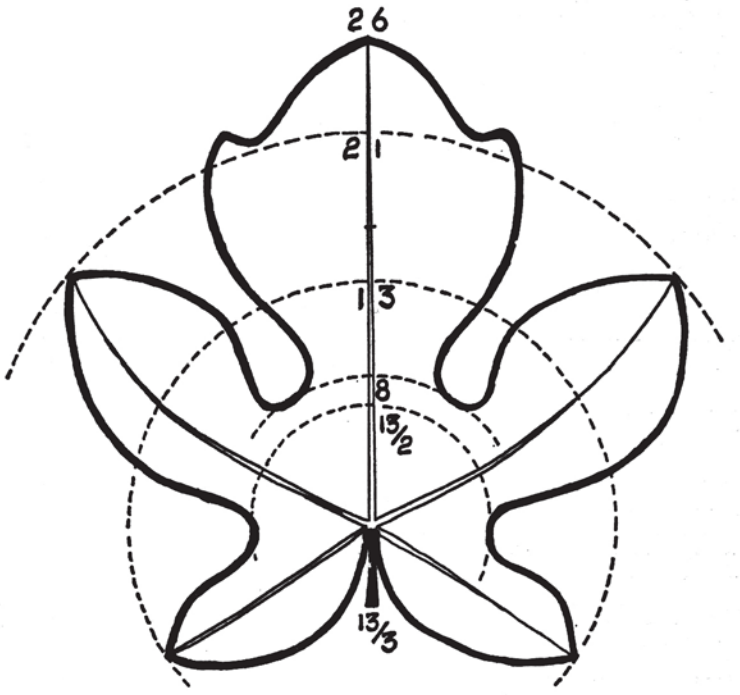
E agora, como aplicar concretamente a proporção.

13 - 16 - (17) - 21 - 26?

Sobre o Plano do Solo

O crescimento parte de um germe, de um ponto, o Centro de Vida sede do Nó de Vida, em torno do qual tudo irradia. Esse centro provavelmente era o Centro Sagrado a partir do qual se concebia um edifício religioso.

Desse centro, comecemos a traçar os círculos concêntricos de raios 13, 16, 17, 21, 26 e seus múltiplos por 2^n, sendo n inteiro, positivo ou negativo. A partir do centro, irradiam eixos, arbitrários ou não. Detemos esses eixos em seu cruzamento com alguns dos



círculos acima, sem esquecer o 16. Teremos certamente uma figura homogênea em proporções.

Um caso particular é quando dois eixos retangulares se cruzam no Centro de Vida. O crescimento é, então, calculado sobre dois eixos, aos quais, em seguida, leva-se perpendiculares que passam pelos pontos calculados.

Trata-se de um método muito flexível pois, em seguida, cada intervalo principal pode ser redividido seguindo-se as mesmas proporções.

A propósito de flexibilidade, G. Bardet, em *Mística e Magias* observa que somente a catedral de Chartres admite a incorporação das Três Mesas em seu plano do solo. Os outros edifícios, seus contemporâneos, adotam planos variados, que resultam provavelmente de uma regra estrita, mas muito flexível ou degenerada em sua aplicação. Seria preciso poder estudar cada caso separadamente tomando-se por ponto de partida dos crescimentos o cruzamento das rupturas de forças no coro.

Em elevação

O Centro de Vida está no solo e a gravitação nos prende à horizontal e à vertical apesar das aparências que podem provocar certas técnicas modernas que utilizado as tensões e os vigamentos suspensos que imitam, em certa medida, as árvores e os cogumelos. Uma vez definida as proporções, pode-se religar os pontos calculados por retas obliquas ou por curvas e, terminando o plano, verificar se se encontram as emissões da planta sobre o solo-Z+, Chartres, UV E- para que a construção se integre à natureza viva.

Essas considerações podem parecer teóricas, não científicas em razão de sua origem geométrica ou hebraica com uma boa tintura de *a priori*. Nada melhor do que a experimentação para verificar a validade de nossos cálculos.

Temos um primeiro meio de abordagem no pendulo cilíndrico com os caracteres hebraicos:

M chA Ph Sh Ph

Representando os números:

13 - 16 - 17 - 21 - 26

Ele gira num ambiente equilibrado, com os artifícios habituais

Podemos também experimentar diretamente a proporção de base. Caibros ou tábuas foram furados de um lado a outro entre as duas faces segundo os intervalos.

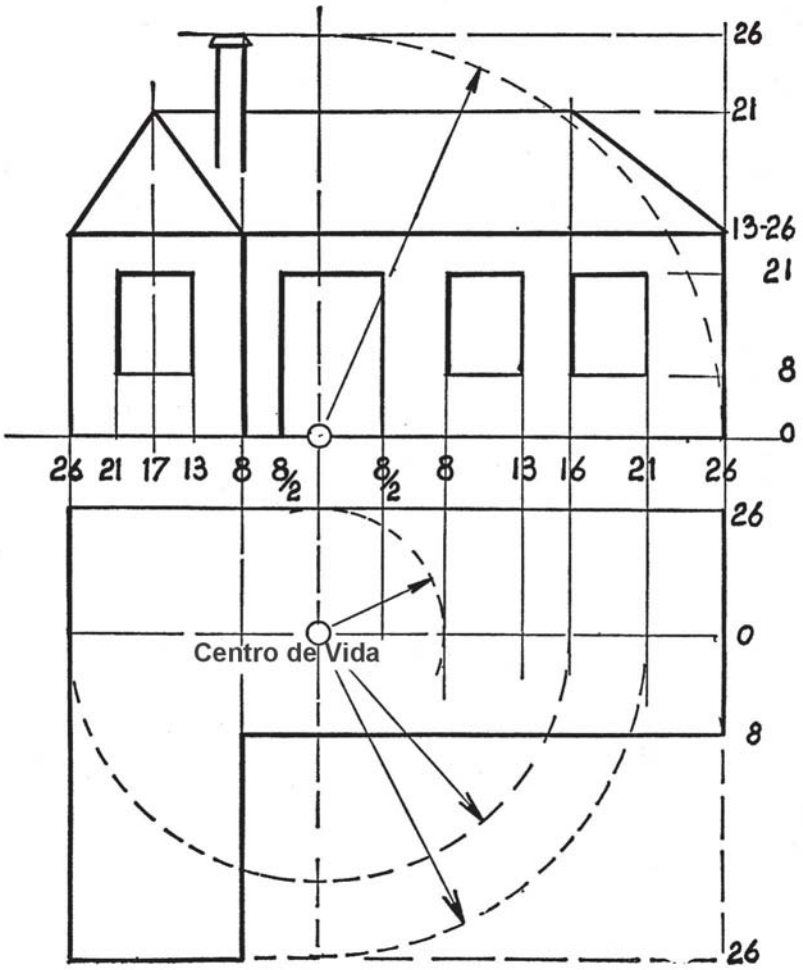
13/26 16/26 21/26

do comprimento total tomado por 26. Foram em seguida colocados em casas de pessoas que tinham algumas perturbações de saúde: o sono melhorou, a asma foi atenuada...os bezerros ficaram com uma digestão mais normal.

Assim ,mesmo que esses pedaços de madeira colocados de uma maneira qualquer não sejam o ideal e não restabeleçam o equilíbrio sobre uma ruptura de forças, eles ao menos provocam um alivio que prova o efeito benéfico da proporção e seu acordo com o campo natural, acordo já verificado antes com o pêndulo(+), colocando-se o polegar sobre o mindinho.

Por outro lado, estabelecemos planos no solo e em elevação pouco complicados. Os testes válidos para o Campo de Forma foram verificados.

Esperamos que os dados acima, muito elementares, sejam levados em consideração, aprofundados, aperfeiçoados... e aplicados



para o maior benefício da saúde de pessoas e animais. Pois isso é bastante necessário.

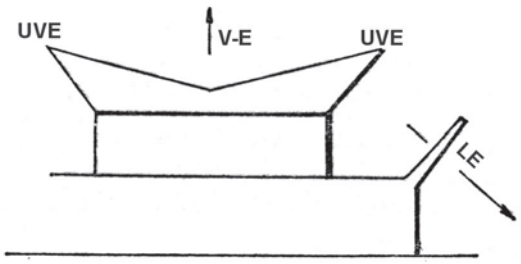
Os exemplos que se seguem são a prova de que a imaginação extremamente liberal dos arquitetos leva a aberrações vibratórias, frutos de perversão intelectual de nosso tempo.

EXEMPLOS DE ERROS GRAVES

A maior parte das "gaiolas de coelhos" de nossos novos conjuntos residenciais são paralelepípedos. À parte talvez de suas respectivas implantações, certos motivos de decoração e, seguramente, a armação em concreto e as antenas de televisão que perturbam o magnetismo normal, não há muita coisa a ser dita do ponto de vista vibratório.

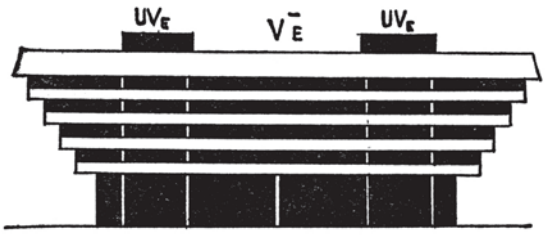
Muito embora eles não se pareçam com paraísos... há certos arquitetos que, obcecados por novidades, acumulam fatores verdadeiramente desagradáveis.

1. Em uma cidade no oeste da França foi edificado um imóvel de grande porte, com dez andares. A forma piramidal do conjunto é coroada por um teto com rampas invertidas (a mais baixa no meio) cuja emissão de ondas é multiplicada por uma espécie de alças de peneira de frituras em cada andar. Essa inversão provoca um poderoso V-Elétrico na vertical, acompanhado, em toda a volta e sobre uma superfície importante, de vibrações diversas igualmente Elétricas emitindo em "magia". Ignoro como se comportam, no conjunto, os habitantes do imóvel, mas, pessoalmente, sem meios de proteção tais como veremos mais tarde, eu preferiria emigrar para uma região deserta e longínqua, sem ligar para qualquer desconforto, para preservar meu velho esqueleto.



2. Num bairro inteiramente novo da região parisiense, construiu-se uma prefeitura cujos andares vão se alargando de baixo para cima, como uma pirâmide invertida. A justificativa disso era razoável: cada andar, ultrapassando em largura o andar de baixo, permitia que o sol entrasse no inverno, mesmo estando baixo, no céu, e fornecia a sombra no verão, quando o sol está alto. O problema é que as

1. Nota: Nenhuma árvore mantém dois braços numa mesma altura. Um está sempre acima do outro



formas que repousam sobre o solo e são maiores em cima do que em baixo criam um apelo extremamente poderoso de V-Elétrico, ajudado pela captação binária[1] de UV E sobre o terraço superior.

Esse V-E é acompanhado de uma impressionante série de inversões, incluindo-se aí o Vermelho e o Violeta do equador Chaumery-de Belizal.

Além disso, examinando-se as fotografias, apercebemo-nos de que o ambiente também está profundamente perturbado. Desde que se conheça o raio de ação de algumas formas de peso limitado, pergunta-se até onde se estende a nocividade de um tal edifício.

Eis o que fala J.G. Bardet em seu livro *Mística e Magias*:

"...O interior climatizado engendra claustrofobia, tensão, fadiga nervosa. Em menos de um ano, as depressões nervosas se multiplicaram e quanto ao próprio prefeito, instalado no topo do imóvel ele declarou-se sem condições de trabalho... por sentir vertigens."

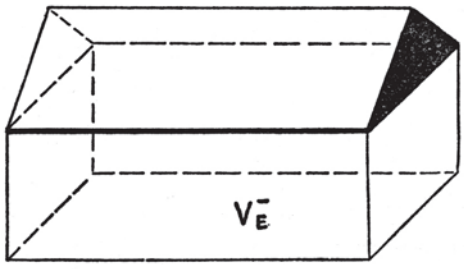
Depois de ter experimentado o V-E, não é nada difícil compreender tais reações.

G. Bardet acrescenta ainda:

"No Concurso do Centro Beaubourg, em Paris, observamos várias pirâmides invertidas. Quanto ao projeto escolhido, demonstra significativamente falta de cultura.

Como nós mesmos não conhecemos esse projeto, não nos permitiremos qualquer apreciação sobre ele, nem mesmo vibratória...

3. Já há algum tempo, espalhado ao acaso nas ruas e quarteirões novos, observa-se um padrão que diferencia as fachadas das casas individuais.



Ao invés de continuar a fachada em alvenaria até o cume do teto sem solução de continuidade, o espaço *vertical* compreendido entre esse cume e a base do triângulo é constituído de um madeiramento coberto de ardósia: um triângulo que se destaca para fora de um retângulo e a ele sobreposto.

Essa diferenciação é geradora de V-E no interior da casa, e acrescenta sua nocividade à das amarrações do concreto armado.

Concluindo este capítulo, constatamos a dificuldade que o homem sempre teve de curvar suas concepções aos ritmos da natureza, ainda mais em nossa época, na qual a desarmonia das inteligências faz contraste com a harmonia universal das coisas e isso em todos os domínios.

A arquitetura em particular, apoiando-se em técnicas e materiais às quais dá forma à vontade, escapa ao normal.

Queiramos ou não, o homem é parte integral da natureza e arrisca-se a pagar muito caro por sua falta de submissão à ordem natural. Está chegando o momento de abandonar essa atitude suicida e demonstrar humildade... *Ars traditur naturam.* Senão...

CAPÍTULO VI

ONDAS NOCIVAS E RUPTURA DE FORÇAS

A arquitetura mal compreendida, como vimos no capítulo anterior, contribui para tornar um ambiente nefasto para a saúde.

Muitos outros fenômenos intervêm, de forma contrária à ordem natural na qual fomos feitos para viver. A obra de R. de Lafforest, *Casas que Matam*, ainda que bastante incompleta, nos dá uma bela amostragem desses fenômenos.

São fenômenos a que geralmente podemos nos referir pelas palavras "ONDAS NOCIVAS", que preocupam os radiestesistas, e muitas teorias foram desenvolvidas a seu respeito. Muitos aparelhos também foram concebidos e colocados a serviço da restituição do ambiente vibratório ao equilíbrio normal. Quantos desses aparelhos funcionam de maneira *permanentemente* satisfatória?

A nosso ver, as pesquisas feitas até aqui não tiveram base teórica suficiente e dependem de um empirismo mais ou menos elaborado. Nós tentamos ir um pouco mais longe, com a oportunidade que tivemos de experimentar com seres vivos não sugestionáveis, os animais de criação.

Sem a pretensão de termos resolvido definitivamente o problema, vamos passar em revista as principais causas de ondas nocivas: correntes de águas subterrâneas, falhas, eletricidade, móveis, etc., daremos em seguida, para cada categoria, nossas próprias soluções, sem dúvida nenhuma bastante provisórias.

CORRENTES DE ÁGUAS SUBTERRANEAS E FALHAS SECAS

Você poderia se perguntar, por que restabelecer equilíbrio sobre fontes e falhas?

São fenômenos naturais que, normalmente, não deveriam ser perigosos. Talvez, não o sejam plenamente na natureza virgem auto compensada, mas a mão do homem provoca sempre um desequilíbrio, no mínimo abrindo uma clareira.

Nós passamos desse estágio.

Os habitantes do campo sabem há muito tempo que dormir em cima de fontes é insalubre. Muitos males vêm daí, dos quais os reumatismos são os menores. O câncer[1] coincide quase sempre com fontes ou falhas Leste-Oeste. Foi A. de Bélizal quem descobriu essa relação fontes-cânceres a qual verificamos várias vezes desde então. Segundo A. de Bélizal, a verdadeira origem cancerosa está no sentido Oeste-Leste, mas encontramos, também, cânceres no sentido Leste-Oeste e mesmo em outras direções. Tudo depende de como as causas naturais interferem nas condições do meio, artificialmente criadas.

Que sinais se reconhece quando se dorme em cima de fontes? Ou, mais generalizadamente, em ambientes ruins?

Com exceção do pêndulo e da forquilha, há um critério mais freqüente: de manhã se acorda mais fatigado que na véspera, quando o normal é saltar da cama em plena forma.

A vontade de dormir durante o dia, após o almoço ou em outro momento, também deve ser um alerta. Dores atribuídas a reumatismos, poliartrites, e outros males, podem ter a mesma origem. E eu vou mais longe: o ambiente desequilibrado força o sistema nervoso a reagir, até o dia em que o grande simpático enfraquece, ocasionando fadiga, astenia e até mesmo depressão nervosa.

Em relação aos animais, uma das doenças mais freqüentes nas rupturas de forças ou perturbações de origem telúrica é a septicemia dos bezerros nos estábulos. Se restabelecemos o equilíbrio do ambiente, a septicemia desaparece. As correções do ambiente trazem, aliás, com freqüência, melhoras espetaculares e, as vezes, inesperadas. Poderíamos dar vários exemplos; outras pessoas as realizariam, você verá mais adiante e talvez possa realizar também.

Quanto a encontrar as fontes que supomos serem causadoras do desgaste de animais e pessoas, foi e continua sendo a preocupação de todos os radiestesistas e em todos os tempos, principalmente para encontrar água e cavar poços. Deixaremos de lado os variados métodos de prospecção que levam em conta muito mais o empirismo e o fator pessoal do que uma conduta científica. Entretanto se

1. O câncer declarado inverte o componente Leste-Oeste do Campo Vital

você desejar aperfeiçoar sua cultura geral sobre este assunto, a literatura oferece opções quase inesgotáveis.

Nos contentaremos em indicar, de passagem, uma frase hebraica, devida, bem entendido, a G. Bardet, que poderá ser útil: Y Ts hA W M Y M que significa "a água jorrará".

Este texto em hebraico "Quadrado" num papel fixado a um pêndulo cilíndrico por meio de um elástico dá resultados extraordinários e limita os fracassos. Com o texto na posição correta encontraremos apenas lugares onde se pode escavar, onde há uma pressão de água, em geral num cruzamento de correntes de águas subterrâneas. Com a mão livre em antena marca-se rapidamente os pontos interessantes, para depois precisar o lugar.

Se o texto estiver invertido (o fio suspenso pela outra ponta), o pêndulo apenas reage sobre as próprias correntes de água, e não mais sobre os cruzamentos.

Um interesse a mais nesse pêndulo é que ele funciona quer as rupturas estejam ou não equilibradas. Seria então, inútil nos servirmos dele para regular um aparelho reequilibrador. Mas isto não é o essencial ao nosso assunto, que é a correção do caráter nocivo das correntes de água.

É preciso, em princípio, tentar compreender o que se passa.

O que constatamos?

O pêndulo " Nó de Vida" gira na vertical de uma corrente de água subterrânea. Há então um desvio em ângulo reto de componente Leste-Oeste do Campo Vital. O problema da correção consiste em trazer para o sentido correto, na horizontal, estes componentes; e supriremos ao mesmo tempo, a detecção do V-E que atraiu a atenção de A. de Bélizal. Ele vê, com efeito, o equilíbrio como uma compensação entre um (+), vindo de cima, e um (-), vindo de baixo. Daí o nome de "Ruptura de Forças" quando o V-E desativa 0 (+). Aparentemente, parece ser assim quando nos lembramos do que se disse no primeiro capítulo, sobre a gênese das ondas de forma, mas, sob o nosso humilde ponto de vista, o V-E é a conseqüência de um desvio, provocado, do campo.

Esclareçamos isso.

Se colocarmos, num plano horizontal, dois canhões 8+10+5 ou 8+10+10+24 - emissores do Nó de Vida, um diante do outro, na vertical do ponto de encontro das emissões, num ambiente não equilibrado, ao mesmo tempo identificamos o Nó de Vida e o V-E.

Este último é uma conseqüência do cruzamento de duas emissões do Nó de Vida.

Ora, uma corrente de água subterrânea que se desloca no subsolo é portadora do Nó de Vida. Ela corta o Leste-Oeste do Campo Vital, e o encontro das duas emissões do Nó de Vida dá o V-E vertical.

Ao menos assim é que compreenderemos, em parte, o processo de uma ruptura de forças.

Teria você outra explicação a dar, ou mais completa?

Como leva-la de volta ao normal? Ou seja, fazer com que de alguma forma tudo passe como se não tivesse havido ruptura de forças, tornar inerte a forquilha e, se possível, suprimir os distúrbios da saúde devidos a essas rupturas?

Há anos tentamos chegar a esse ponto com sistemas mais ou menos complexos e misteriosos. A descoberta das ondas de forma por A. de Bélizal fez com que ele desse um grande passo com seus reequilibradores "Maxi" e "Mini", deduzidos de um anel egípcio. Foi um enorme progresso. Quanto a nós, reconhecemos que erramos, durante muito tempo, deslumbrados pelo famoso V-E, apesar da ajuda, infinitamente preciosa e paciente, de M. de Bélizal.

A descoberta do Campo Vital, aquele da emissão do Nó de Vida pelo pecíolo de uma folha, trouxe uma solução simples: orienta-se a folha de uma planta qualquer com o seu pecíolo intacto, de maneira que a emissão desse pecíolo seja Leste-Oeste. Cola-se a folha no centro de uma tábua com esparadrapo e cobre-se com outra tábua semelhante, depois completa-se dando uma ou duas voltas de esparadrapo ao redor das tábuas para que a folha fique bem fixa. A folha funciona como um captador; a tábua dá potência e alcance: cerca de 100 metros por quilo de tábua. A orientação da folha aponta para Leste; é *muito precisa* e deve-se observar uma limpeza meticulosa. Aliás, você pode se contentar em colocar a folha entre duas tábuas *livremente* superpostas, caso tenha a possibilidade de vigiar com freqüência.

Essa tábua com a folha, boa solução de correção através da extremidade, deu excelentes resultados, enquanto estivemos lidando com fenômenos naturais de ordem física. Os fracassos foram devidos a outras causas que veremos no capítulo sobre Magia.

Uma outra solução de correção aproximada consiste simplesmente em materializar os três eixos dos componentes do Campo Vital: duas ranhuras retangulares, segundo os eixos de simetria, sobre a face superior de uma tábua ou de um caibro, e completados por um furo vertical, atravessando-a completamente no cruzamento das ranhuras. A tábua, quando orientada para Norte-Sul no seu maior comprimento, apresenta um resultado mais ou menos correto. Não se

encontra mais nem V-, nem Nó de Vida, com a condição, todavia, de se estar num ambiente vibratório calmo. Com efeito, o equilíbrio estável, assim obtido, é elástico. O menor movimento, a menor vibração, a passagem de um carro, fazem reencontrarmos, temporariamente, o Nó de Vida e o V-E, é verdade que apenas durante um curto instante.

Esse sistema, viável no campo, não é numa rua movimentada. É preciso estabilizar.

Pode-se fazê-lo, com furos não passantes feitos conforme o acorde perfeito maior sobre a parte norte da tábua, como fizemos com os amplificadores. Esta forma serve para orientar na direção dos 355° magnéticos e, assim, um radiestesista não encontrará mais fontes a não ser que segure uma folha, pela ponta, entre o polegar e o indicador, ou fechando o circuito apoiando o polegar sobre o dedo mínimo.

Se você tiver vontade de criar seus próprios reequilibradores, eles devem ser *absolutamente permeáveis* à magia, não agir senão no Físico, não ter influencia sobre o sentido do Shin da vertical do Campo Vital. De outra maneira, cedo ou tarde, mas com certeza, o reequilibrador se carrega, satura e se torna sem efeito.

Além disso é preciso que o Nó de Vida seja *realmente* recolocado na horizontal, ou seja, os artifícios habituais, já mencionados, não devem fazer com que ele se encontre acima de uma ruptura de forças, somente o V-E.

O problema das falhas secas é exatamente o mesmo que o das fontes, do ponto de vista do nosso estudo. A diferença está na detecção. Você encontrará o V-E e o Nó de Vida na vertical, mas o pêndulo Y Ts hA W M Y M se recusa obstinadamente a girar, a direito ou invertido.

UMA SOLUÇÃO CORRETA? A LEI DAS COMPENSAÇÕES SIMÉTRICAS

Essa lei, de alcance geral, se encontra presente em todos os sistemas equilibrados ou em todos os procedimentos válidos que se propõem corrigir um campo pelo efeito de compensação automática e indefinida.

Pode-se perguntar se ela não condiciona o mecanismo natural de defesa de um ser vivo contra as agressões diversas, das quais ele pode ser objeto. Seria preciso confirmar isso através das pesquisas.

Experiências

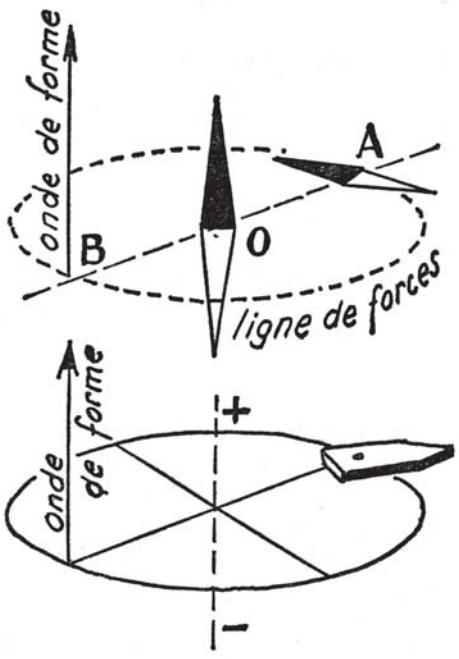
1. Seja uma agulha imantada vertical, cortada em seu centro de gravidade *O* por um plano horizontal.

Ao redor de um ponto *A* desse plano fazemos girar uma agulha imantada horizontal. Constata-se uma emissão de onda de forma na vertical de um ponto *B* do plano simétrico de *A* em relação ao centro *O* da agulha vertical.

Essa onda de forma depende do ângulo da agulha horizontal com a reta *AB* e segue o espectro habitual das ondas de forma diferenciadas (com precisão de 5°).

A orientação de *AB* em relação ao Norte não funciona de maneira sensível, nem apreciável. Pode-se supor que a onda de forma segue as linhas de forças circulares da agulha vertical no plano horizontal. Efetivamente, a encontramos sobre o círculo que tem O como centro passando por A e B com a ajuda de um bastão de ferrite colocado verticalmente no plano.

2. Mais generalizadamente traçamos um círculo com seus dois diâmetros perpendiculares num plano horizontal, de maneira que o (+) do campo esteja acima dele, e o (-), abaixo dele. Em torno da extremidade de um dos diâmetros, façamos girar uma agulha horizontal; vamos encontrar uma emissão de forma vertical na outra extremidade do diâmetro.



3. Suponhamos agora uma forma criando seu próprio campo polarizado, como o Disco Equatorial, por exemplo.

Uma forma emissora colocada sobre o eixo Norte artificial (0° ou 360°) emite sobre o eixo Sul artificial (180°), simetricamente em relação ao centro.

Uma forma emissora colocada sobre o eixo sul (180°) emite acima de si própria.

Uma forma colocada sobre a superfície do semicírculo Leste artificial emite acima de um ponto simétrico em relação ao centro.

Uma forma colocada na parte Oeste da superfície emite acima de si própria.

Pode-se então, enunciar:

Uma forma num setor positivo de um plano, ou sobre uma reta positiva, emite num setor ou

sobre uma reta negativos simetricamente em relação a um eixo polarizado (UV E) perpendicular ao plano. Uma forma num setor negativo ou uma reta negativa emite acima de si mesma.

Observação

Sabe-se que na multiplicação celular por bipartição (mitose) o núcleo, no lugar da célula, engendra o futuro núcleo por indução. Por que não pensar que esta indução se faz em relação a um eixo virtual polarizado da célula, seguindo assim a lei das compensações simétricas? Pode-se descobrir aí a anomalia que deflagra a multiplicação anárquica das células no caso de câncer. É possível, em todo caso, tentar verificar o que se passa num disco Equatorial submetido a uma vibração compreendida entre V-E e NE. Não fizemos, entretanto, uma experiência válida.

Aplicação da lei das Compensações Simétricas: os Círculos Recíprocos

Sejam dois círculos tangentes iguais.

Uma forma colocada no centro de um dos círculos, emite sobre o centro do outro. Existe reciprocidade entre os dois círculos e nós adaptamos esta particularidade à Lei das Compensações Simétricas.

Sobre um suporte retangular, traçamos três círculos iguais. Dois são tangentes ao centro do terceiro e a linha dos centros está sobre o eixo de simetria longitudinal do retângulo.

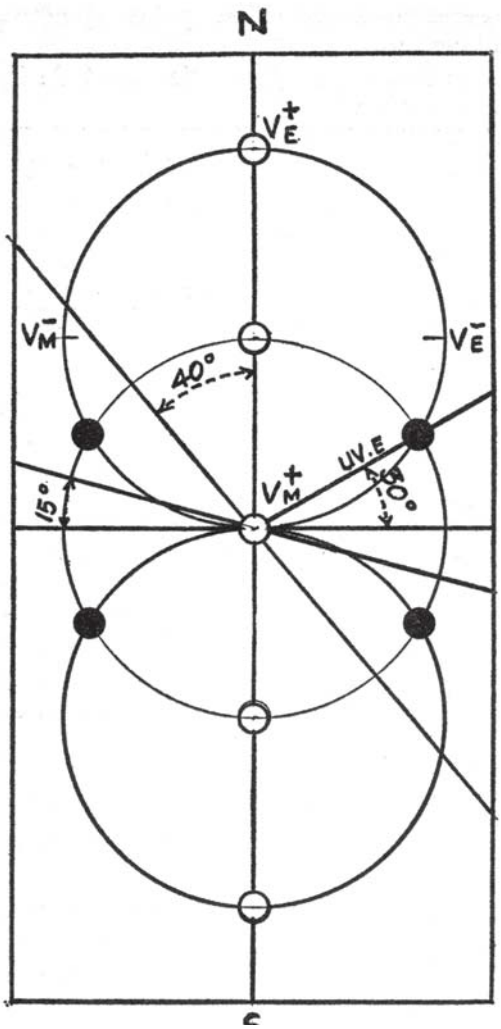
Faz-se cinco furos passantes, sobre essa linha centro, das extremidades dos diâmetros aos centros dos círculos.

Nas quatro intersecções dos três círculos, fazem-se furos não passantes.

Completa-se o conjunto ranhurando os raios diretores do Campo de Forma; o ponto de encontro é o ponto de tangência dos círculos extremos, centro do círculo central.

Uma forma colocada sobre o centro do círculo Norte artificial emite verticalmente acima do centro do círculo Sul. Uma forma colocada no centro do círculo Sul emite acima dela mesma.

Bem orientado na direção dos 355° magnéticos esse reequilibrador funciona indefinidamente e parece não se desregular com nenhuma outra forma próxima.



Pode-se também, construir um aparelho de emissão e de tratamento fazendo girar uma agulha em torno do centro do círculo Norte. Este círculo é, então, dividido em graduações segundo as normas habituais da Aura e a onda de forma é encontrada acima do centro do Círculo Sul.

Agora, coloca-se uma testemunha diretamente nesse centro Sul e dele se faz partir um fio de bobina inserido no furo do centro; os resultados sobre o paciente tratado a distancia são bons, com a condição, naturalmente, de se escolher corretamente as regulagens das vibrações. Como para o Disco Equatorial ou na Bomba, não é preciso temer nenhuma saturação em razão do desligamento automático.

Fica entendido que os amplificadores se aplicam a esse aparelho.

Essa solução de círculos recíprocos é apenas uma, entre as possíveis que não devem limitar a imaginação dos pesquisadores. Existem outras. Siga o exemplo das incontáveis variações da natureza sobre um mesmo tema...e não se esqueça jamais do bipolarismo.

O ESPECTRO DE EQUILÍBRIO

As compensações simétricas são uma abordagem obrigatória do equilíbrio, mas ainda insuficiente.

Existe, de fato, toda uma seqüência de vibrações dignas de nota que acompanham o equilíbrio, desde a origem acima de nossas cabeças até o centro da terra. Essa seqüência de vibrações constitui um espectro que podemos chamar de "Espectro Geral de Equilíbrio" e que se encontra inteiro sobre todas as formas suscetíveis de reequilibrar um ambiente.

Esse espectro se superpõe a outras vibrações específicas de formas elementares, o que não facilita as pesquisas.

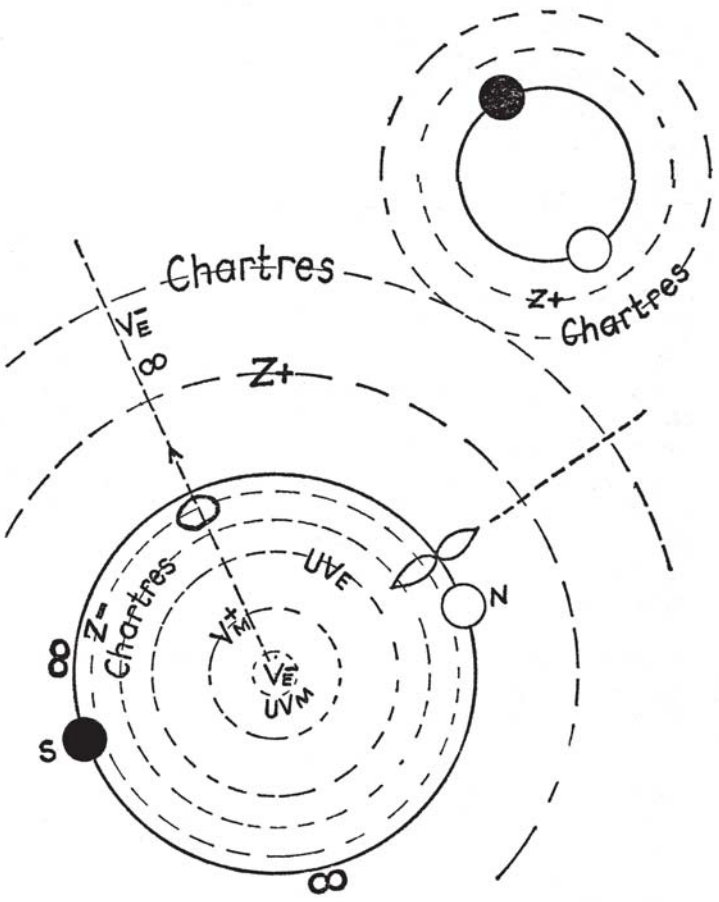
Tivemos uma idéia desse espectro de equilíbrio ao examinar o interior da catedral de Chartres, notadamente um espaço entre duas vigas, partindo da rosácea superior e continuando até o chão.

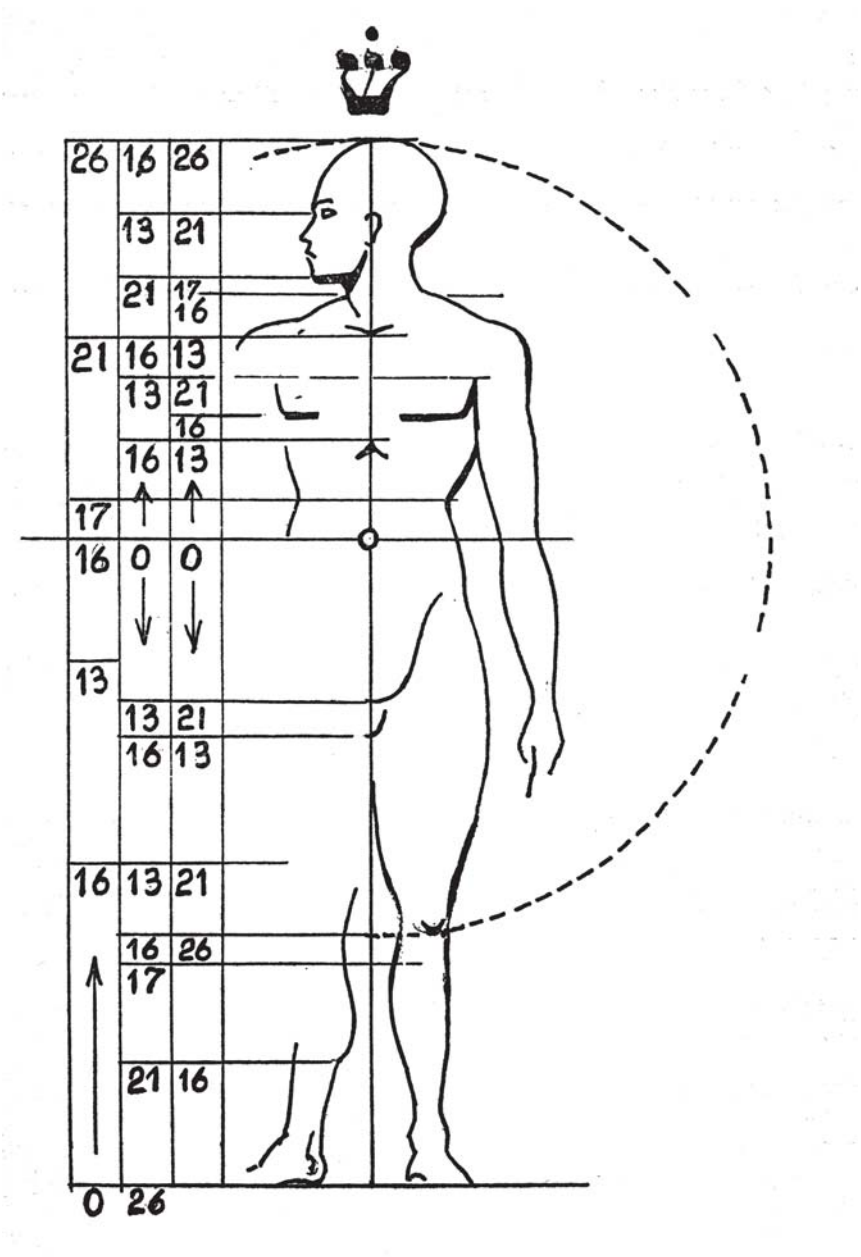
Mas, para uma identificação completa, foi preciso progredir de experiência em experiência de formas, até obtermos um resultado satisfatório, ou seja, até a supressão total de uma ruptura de forças. O trabalho está feito agora, não sendo mais preciso penar com essas ingratas classificações de vibrações, a não ser para verificações.

Para expor mais claramente, talvez seja mais simples situar primeiro o espectro de equilíbrio no espaço, tal como supostamente se apresenta *ao redor dos centros* de corpos celestes em equilíbrio.

Esses corpos podem ser figurados no plano por círculos, sobre os quais se coloca os pequenos círculos polares do Campo de Forma diametralmente opostos: um, preto, para o Sul; outro, branco, para o Norte, ao contrário daqueles que cercam uma forma para a subtrair ao campo ambiente; não nos esqueçamos de que os opostos se atraem.

Contentemo-nos, por exemplo, com um planeta e um satélite. Entre esses dois corpos celestes, que devem ter entre si uma





distância relativa às suas respectivas dimensões, detecta-se a Onda de Chartres, que supomos ser a onda de equilíbrio de duas forças sob tensão ativa em seu ponto de aplicação.

Seguindo em direção ao centro de cada corpo e sobre os círculos concêntricos, encontra-se:

- A vibração Z+;
- O Nó de Vida na superfície do corpo celeste, aqui sobre a circunferência que o representa;
- O Nó de Vida na superfície do solo
- A Onda de Chartres;

- UV E (ou L Y L H, a Noite);
- V + M;
- UV M (ou hA W R, Luz)
- E enfim, no centro, um V-E.

Em direção ao exterior, além da Onda de Chartres, não encontramos UV E explícito. Ele está, portanto, presente em estado potencial, porque basta levantar a menor ponta na superfície de um corpo celeste para que ele se manifeste.

A figura dos corpos celestes polarizados permite reproduzir o que se observa na superfície de nosso globo, ruptura de forças e outros, o que justifica nosso desenho. Vemos, em particular, que a

planta ligada ao solo e a seu Nó de Vida se limita aos dois UV E extremos de sua forma. Donde, se queremos um equilíbrio completo que nos torne independentes como tantos pequenos satélites, é preciso ir além do UV E das raízes, até o V-E do centro da Terra.

É o espectro observado sobre o homem e os animais que, autônomos, têm neles mesmos seu próprio Nó de Vida. No nível físico, do qual nos ocupamos, por exemplo, ele se encontra no umbigo, ponto de inserção do canal nutritivo quando do crescimento fetal. Esse fato é fácil de verificar pela aplicação da Lei das Compensações Simétricas. Uma forma colocada no Nó de Vida emite sua vibração no ponto V+M do outro lado do UV E intermediário.

Parece certo, aliás, que as proporções humanas devem ser calculadas a partir do umbigo, à maneira do plano do solo de um edifício que tem sua origem no Centro da Vida. Outras pessoas além de nós, mais hábeis, ou mais familiarizadas com essas questões, poderão investigar a questão com as proporções naturais vistas em arquitetura. Aliás, sabe-se bem que o umbigo divide o corpo humano segundo uma proporção próxima da Secção Dourada. Mas você conhece nosso sentimento sobre essa proporção: é preciso incorpora-la a uma estrutura exponencial.

Quanto aos animais, se o UV E de origem se situa sobre a cabeça, no ponto mais elevado, o V-E final varia de lugar. Ele pode estar entre as patas de um mamífero terrestre, em pé, ou de um pássaro, pousado; no rabo de um peixe ou na cauda de uma serpente. Com respeito a essa última, o símbolo da serpente que morde a própria cauda e engole seu V-E, permite meditar: seria automumificação.?

As vibrações do espectro de equilíbrio podem, muito bem, não ter separações rígidas, umas das outras, como teriam as formas calculadas de uma proporção. Essas separações podem variar segundo as formas; também não é preciso se admirar com o número ilimitado de formas possíveis que, com boa orientação, são suscetíveis de neutralizar uma ruptura de forças, produzindo uma ilusória proteção comercial de longa duração.

Fornecemos uma expressão do espectro de equilíbrio em caracteres hebraicos dispostos no interior de um cartucho egípcio. Você poderá constatar, caso lhe agrade, que o conjunto na horizontal, e orientado, funciona; poderá, então, se utilizar dele, se for necessário, como referência. O Nó de Vida é produzido pela superposição das palavras hebraicas e sua separação.

Não falemos mais sobre isso; é preciso que todo mundo trabalhe um pouco, também...

A POLUIÇÃO ELÉTRICA

Como se as causas naturais não fossem suficientes para produzir desequilíbrios, nossa "civilização" acrescenta outras, com todos os fenômenos elétricos que investem contra nós em grau e força. O conforto nos obriga a isso.

...Sem falar do concreto armado cuja ferragem perturba o campo magnético normal.

Para os condutores elétricos e para muitos aparelhos suscetíveis de ionizar o ar ambiente, os reequilibradores válidos para as fontes também dão bons resultados, porque parecem agir melhorando as capacidades de resistência do organismo.

Uma solução de correção muito simples e barata tem êxito, às vezes, bastando ter cuidado na sua execução.

Pegue um fio de cobre (ou de metal não magnético) de 3 a 4 milímetros de diâmetro, como os que se usam nas bobinas de motores elétricos, com pelo menos um metro de comprimento, se quisermos um alcance aceitável.

Dobre esse fio ao meio, em forma de círculo com 3 a 6 centímetros de diâmetro. Em seguida, inverta a dobradura de cada parte para obter duas retas *paralelas* e com o mesmo comprimento cuja separação constante seja igual ao diâmetro do círculo.

O conjunto, perfeitamente simétrico em relação a um eixo, é suspenso verticalmente sobre uma polia isolante girando em torno de um eixo.

O ar ionizado se descarrega, mas, se você pegar uma folha pela ponta, entre o polegar e o indicador, encontrará o Nó de Vida acima de uma ruptura: o sistema é incompleto.

Os raios Peyré, entre outros, subsistem com seus inconvenientes, mas em certos ambientes "impossíveis" e antinaturais, esse fio de cobre proporciona um alivio real.

Uma palavra sobre a televisão.

Não dormir jamais na vertical de uma antena. Ela é um captador potente que dispersa, num raio de 1 a 2 metros da vertical de sua base, as radiações nocivas. Uma vez encontramos numa fazenda uma mulher que acordava com as pernas rijas, todas as manhãs. A antena de TV, fixada sobre um madeiramento do celeiro, estava justamente acima de sua cama. A antena foi deslocada para uma outra armação de madeiramento e o problema acabou.

Quando vemos as florestas de antenas sobre os tetos, podemos nos interrogar sobre o déficit da seguridade social...

O aparelho, em si, também traz um certo perigo, sem falar nos raios "gama" emitidos pela tela. Havia um menino cuja cama se encontrava justamente num andar acima do aparelho de TV. De manhã era comum ter síncopes e vômitos. Passamos a desligar, todas as noites, a corrente de força e a da antena; as indisposições desapareceram.

Conhecemos também uma menina que dormia num lugar onde passava uma antena, ou melhor, esse lugar ficava exatamente entre a antena e o aparelho.

Os pais se inquietavam ao constatar que os machucados da filha demoravam muito para cicatrizar. Num belo dia, o aparelho de TV quebrou e não foi substituído durante várias semanas. Com surpresa, os pais viram, então, os machucados cicatrizarem normalmente.

Existe também, um fenômeno traiçoeiro e mal conhecido: o dos fios terra que saturam e desempenham um papel análogo ao das fontes em vez de dispersar a sua carga no solo.

Nas fazendas, pode-se dizer que praticamente em todas, quantos fios terra funcionam mal! Chegamos até mesmo a arrancar um velho fio terra de uma máquina de ordenhar num estábulo onde os bezerros estavam com diarréia. Do dia seguinte em diante a diarréia desapareceu. O fio subsistente funcionava como antena, captava alguma coisa; a própria tomada "estufava", e isso refluía em V-E sob os bezerros.

Em grande parte dos casos o eletricista se contenta em fincar uma estaca num lugar mais ou menos úmido e fazer o contato do fio com um aperto, em vez de uma solda. Naquele momento, como se diz, os ohms estão certos, mas, volte um ou dois meses depois, quando hajam ocorrido oxidações...e verifique, com o pêndulo neutro, tocando o fio com o indicador e o dedo médio da mão livre, o que está acontecendo.

Um bom fio terra deve estar colocado no exterior, ao ar livre, jamais em local coberto, num lugar e numa profundidade onde haja boa umidade no verão.

Ele supõe, além disso, uma superfície de metal condutor (jamais de ferro, que se oxida) de um metro quadrado, por aparelho, e que tudo esteja soldado *de uma ponta a outra*. Caso contrário, a empregada da casa está arriscada a ficar grudada na maçaneta da geladeira...Isso já aconteceu.

Pense também nos fios terra de uma companhia de eletricidade; eles são, às vezes, deficientes. Como na casa daquele homem que tinha um transformador na extremidade de um dos cômodos.

Numa manhã, após ter rendido seu tributo à natureza, ele ficou impossibilitado de se levantar: suas pernas ficaram paralisada. Seus

gritos acordaram o administrador, que gentilmente, colocou seu patrão na vertical.

Rapidamente, a companhia de eletricidade refez o fio e nada mais aconteceu.

MÓVEIS E OUTROS

Em geral, todas as emissões de móveis de um aposento se misturam e não são nocivas.

Acontece, no entanto, que certas disposições os tornam nocivos; como no caso de um armário que forma um triângulo com um ângulo de uma parede (armário de canto). Essa situação particular, comum no campo, faz emitir um potente V-E nos ângulos do móvel, que reflete nas paredes e acaba por impregnar toda a sala.

Se a cama estiver perto de um armário de canto, a cabeça de quem dorme acumula o V-E durante toda a noite... e, de manhã, dor de cabeça. Pílulas e soníferos são usados e não se sabe bem onde isso pode parar. Teria sido tão simples colocar o armário ao longo da parede...

É preciso, às vezes, pesquisar muito antes de se encontrar a origem de certas indisposições.

Uma comerciante de tecidos acordava dura, pela manhã, como no caso da TV.

O radiestesista local procurou a origem do problema em todos os lugares do quarto. Fomos chamados a dar nosso ponto de vista e achamos que a origem estava na parte de cima do quarto. Efetivamente, faltava uma peça numa armação de madeira que estava exatamente acima da cama. Pregou-se uma tábua para restabelecer a simetria da forma, de um lado da armação, e o caso foi arquivado.

Muitas outras origens podem ser encontradas para essas chamadas ondas nocivas, mas não pode se levar tudo ao infinito, nem ter tudo previsto de antemão. O radiestesista prevenido faz trabalhar sua imaginação em cima de uma boa base de experiência.

UMA PROVA DE SOBREVIVÊNCIA?

O que se segue, certamente, não faz parte do quadro das nocividades, mas como estamos estudando as maneiras de reequilibrar um ambiente, também podemos fazer a seguinte experiência com os reequilibradores que temos nas mãos.

Qualquer bom radiestesista pode realizá-la; o ensaio teve êxito várias vezes.

Colocamos um de nossos reequilibradores sobre uma mesa, com uma orientação bem marcada. No seu raio de ação, não se encontraram nem fontes, nem ondas nocivas.

Colocamos diretamente sob esse reequilibrador (ou sobre o centro Sul dos Círculos Recíprocos) um testemunho vivo de uma planta ou de um animal. O aparelho trabalha diretamente sobre o paciente a quem pertence o testemunho e um radiestesista encontra suas fontes anteriores anuladas. Acontece o mesmo com uma foto de um indivíduo vivo.

Utilizamos agora, um testemunho de um animal *morto*. O radiestesista não encontra suas fontes. O animal morto retorna à matéria, o testemunho tornou-se algo inerte. Preste atenção, contudo, se você utilizar uma foto; esta pode representar alguma coisa viva no momento da experiência: uma árvore ou um arbusto, por exemplo.

Se colocarmos o testemunho de um indivíduo *morto*, este testemunho reage como o de um ser vivo: o radiestesista reencontra as fontes.

Conclua.

No sentido do espiritismo que, segundo o vigário de Ars, não passa de um jogo de Satã. Constatamos simplesmente que a vida do homem não acaba com a morte corporal. Que relações existem entre a alma humana imortal, e o que ela deixou na Terra? Mistério.

Sem dúvida, não saberemos a resposta, porque nós próprios morreremos...Ainda assim, podemos pensar que subsiste uma ligação entre a alma e o que se tornará o Corpo de Glória ou de Danação, na Ressurreição final.

Não se entusiasme e reflita.

CAPÍTULO VII

AS ANÁLISES

GENERALIDADES

Depois de termos praticado análises agrícolas clássicas e de termos tentado várias das que se encontram nas obras de radiestesia, ainda não estávamos satisfeitos, pois tínhamos que resolver problema *in loco*. Cada método tem suas vantagens e infelizmente também seus inconvenientes.

As ondas de forma, não sem seus problemas e desafios, traziam possibilidades imediatas que as outras análises não apresentavam, notadamente, do ponto de vista de reprodução e extensão a múltiplos elementos sem modificar a maneira de fazer.

Os métodos que se seguem foram concebidos com uma finalidade agronômica e com objetivos profissionais, se bem que seu uso seja universal.

Imensa vantagem, se baseando sobre uma referência única de equilíbrio vital, válida para tudo que é vivo, capaz de situar um organismo em relação à sua otimização acessível.

Trata-se de uma superioridade sobre os métodos químicos, espectrográficos, atômicos e outros, cujas cifras absolutas não podem ser interpretadas senão em relação a normas calculadas em função de experiências às vezes longas e repetidas. E com esses métodos nunca se pode ter certeza de que fatores desconhecidos não possam falsear a interpretação.

Ao contrário, as cifras que obteremos, exprimindo *diretamente* uma necessidade ou excesso, levarão automaticamente em conta todo o conjunto conhecido ou desconhecido da amostra a ser ana-

lisada. Sem nos inquietarmos com o resto, saberemos que esse ou aquele elemento está próximo ou distante do ótimo. A distinção entre necessidades e excesso é bastante clara para limitar a experimentação ao controle de importância de uma necessidade. Com uma boa experiência *in loco* não nos arriscamos muito a nos enganarmos em demasia.

É por isso que a análise com régua, descrita anteriormente, confirma ser uma ferramenta de trabalho e de pesquisa magnífica, desde que se tenha adquirido uma destreza suficiente como pêndulo. Tenta-se eliminar este último, mas tais tentativas não passam de iniciativas confusas sem probabilidade de dar qualquer resultado.

Além do mais, o pêndulo intervém apenas como último recurso, simplesmente para se verificar se foi atingida a regulagem, sem esforço mental, da mesma forma que a lâmpada de controle do mecânico se acende durante a regulagem de um motor.

O APARELHO: A RÉGUA DE ANÁLISES

Esta régua é o resultado de anos de pesquisas realizadas juntamente com as do equilíbrio de ambientes, pois os dois problemas apresentam o mesmo princípio, a Lei das Compensações Simétricas.

Trata-se essencialmente, de uma comparação entre os pontos A e B simétricos, em relação ao centro C em torno do qual gira uma agulha que regula o equilíbrio.

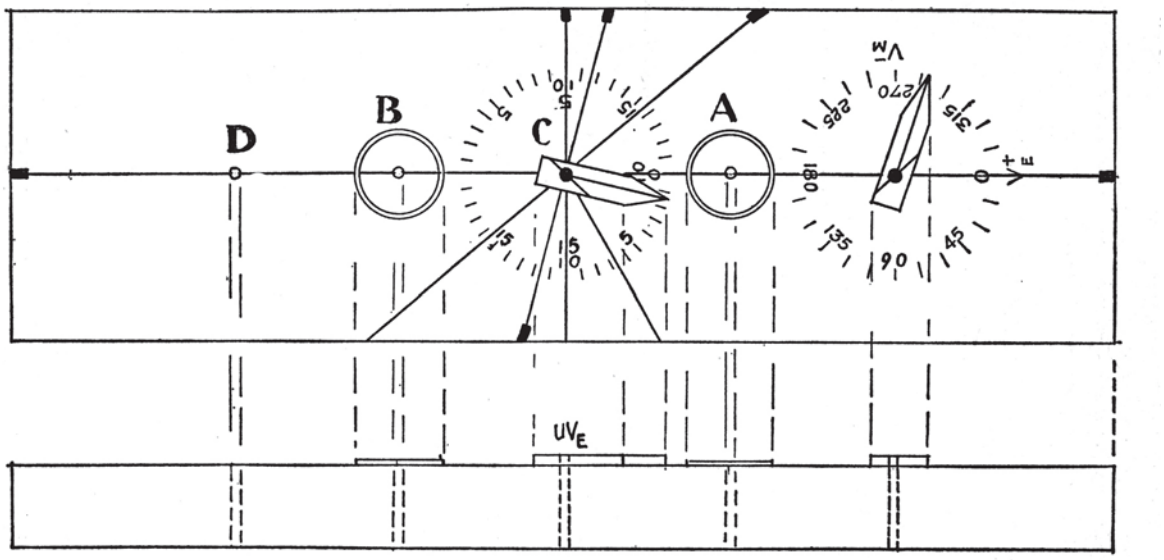
A figura dá o plano das ranhuras e dos acessórios. Se se colocar uma forma em A, encontra-se sua vibração em cima de B. Se se coloca a forma em B, ela emite em sua própria vertical: é algo conhecido.

Descrição sumária da régua.

O corpo da régua é uma placa de madeira, ou de outro material homogêneo não magnético, em forma de paralelepípedo.

a) Em torno do centro de simetria C da face superior são gravadas ranhuras seguindo os eixos diretores do Campo de Forma, ou seja:

- Os eixos de simetria retangulares da placa;
- O eixo a 40° do Norte-Sul, no quadrante N-O, S-L;
- O eixo em 75° do Norte-Sul no mesmo quadrante;
- O raio dos UV E em 60° do Norte em direção ao Leste.



b) Dois eixos verticais em cobre atravessando a placa de um lado a outro sobre o eixo de simetria longitudinal, um no centro C, outro ao Norte. Em volta desses eixos giram agulhas de madeira com suas ranhuras axiais e em 60° - 120° que captam o UV E pela ponta de cada agulha.

c) Simétricos em relação ao eixo de rotação central e centrados no eixo de simetria longitudinal, estão colocados dois círculos de cobre A e B, um dos quais, o A encontra-se a meia distância dos dois eixos de rotação.

d) Em torno do eixo de rotação Norte traça-se um círculo graduado em intervalos de sessenta graus segundo o espectro habitual das ondas de forma diferenciadas em Magnéticas no Oeste, em Elétricas a Leste. A agulha que gira em torno do centro desse círculo seleciona o campo: em Físico a 270° (V-M), em Vital a 0° (V+E). Sem agulha, tem-se diretamente o Vital.

e) Em torno do centro C traça-se um círculo graduado em divisões convencionais decimais estabelecidas em vista de uma curva de exploração simples. Duas graduações: uma exterior, outra interior. As graduações exteriores vão de 0 a 20 em cada semicírculo, do Sul ao Norte, passando pelo Oeste, do Norte ao Sul passando pelo Leste. As graduações interiores vão de 0 a 20 no circulo inteiro no sentido dos ponteiros de um relógio, partindo do sul. Veremos na continuação porque foram escolhidas essas duas graduações.

f) Os círculos de cobre A e B são furados de um lado a outro nos seus centros, assim como em um ponto D do eixo longitudinal simétrico do eixo de rotação Norte em relação ao Centro C.

Detecções e Pêndulos

Como no caso do Círculo Equatorial, observa-se uma polaridade (-) sobre o centro C e uma polaridade (+) no Sul da régua, em ambiente não equilibrado.

- A agulha Norte engendra uma emissão de forma ao Sul da régua. Essa emissão faz girar o pêndulo H ha R Ts quando a agulha está sobre o V-M, o pêndulo L N Ph Sh cH Y H quando está sobre o V+. São respectivamente as seleções em Físico e em Vital, esta última obtida diretamente suprimindo-se a agulha Norte.

- Com a agulha Norte sobre uma graduação qualquer há uma posição da agulha central que suprime as polaridades precedentes, fazendo aparecer o (+) sobre o círculo B e o (-) no que está abaixo dele. É a reação de equilíbrio, círculos A e B vazios, obtida quando as duas agulhas estão perpendiculares num sentido bem determinado. Por outro lado, esse mesmo equilíbrio torna B o centro de um corpo polarizado e de uma Aura cujos raios são função da potencia da régua e que permitem controles suplementares de equilíbrio.

Se os círculos A e B estiverem ocupados por testemunhos e corretor, o ângulo entre as duas agulhas que faz aparecer (+) e o (-) na vertical de B, o espectro do corpo Polarizado e o da Aura, indica um equilíbrio a ser interpretado, que detalharemos na continuação.

AFERIÇÃO DA RÉGUA

Coloca-se moedas idênticas e em números variáveis sobre cada um dos círculos A e B. A relação dos pesos entre cada circulo permite aferir as graduações centrais pelas posições da agulha C correspondente aos equilíbrios.

1. Agulha Norte em V-M ou V+E. Divisões interiores de todo o circulo C

Moedas sobre B - Nada sobre A:
y= números de moedas 1 2 3 4...
10 x= graduação de equilíbrio 10 15 16,7 17,5 ...

Moedas sobre A - Nada sobre B:
y= número de moedas 1 2 3 4...
10x= graduação de equilíbrio 10 5 3,3 2,5...

Os pesos sobre B multiplicam, os sobre A dividem.

A curva correspondente a B é uma hipérbole eqüilátera da equação:

$$y = \frac{1}{2 - x}$$

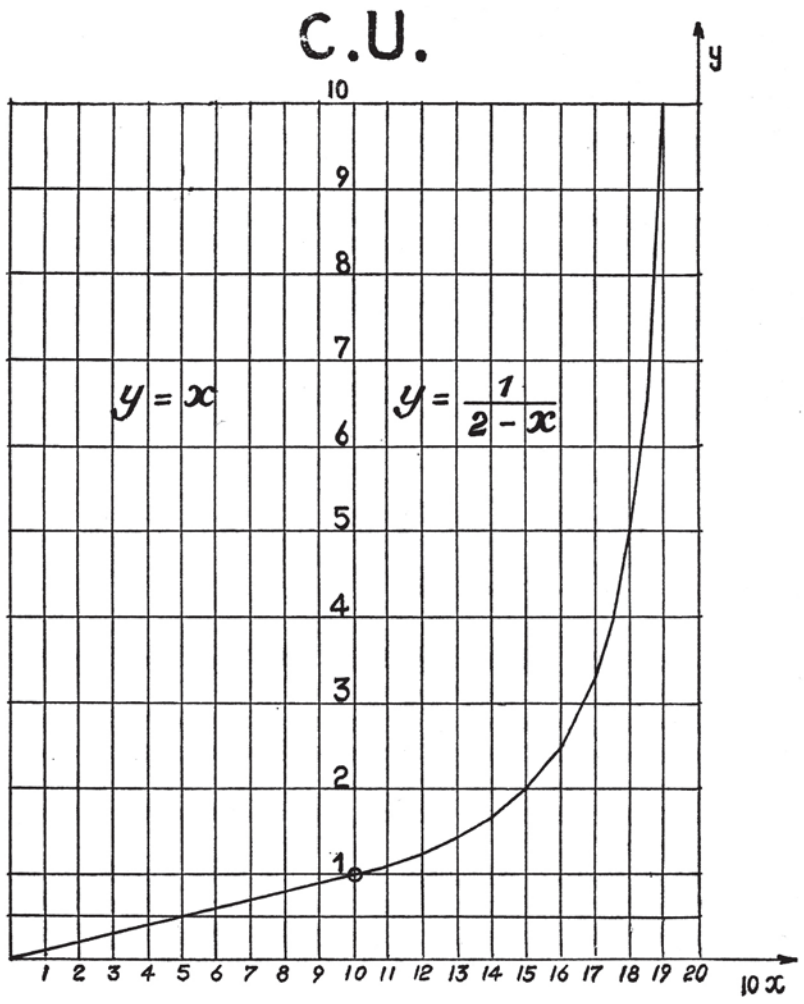
A curva correspondente a A é uma reta de equação:

$y = x$

As duas curvas têm o mesmo coeficiente angular para:

$x = 1$

Tem-se, pois, uma curva continua sem interrupção da graduação 0 à graduação 20 do circulo central.



divisões do círculo central

2. Moedas sobre A e B

- Agulha Norte sobre V-M. Divisões interiores do círculo inteiro C.

Número de moedas sobre:		Divisão de equilíbrio	Equação da curva
---		---	---
A	B	10x	
1	1	10	
2	1	5	y = x
3	1	3,333	
4	1	2,50	
.....			
1	2	15	
1	3	16,7	$y = \frac{1}{2 - x}$
1	4	17,5	
.....			

- Agulha Norte sobre V+E. Divisões exteriores idênticas para cada semicírculo de C.

Operando-se como anteriormente, constata-se que a curva válida pelo circulo inteiro vale para cada semicírculo Oeste ou Leste. Com essa intenção foram criadas as duas graduações interior e exterior.

Essa curva é chamada de Curva dos Coeficientes de Utilização, ou dos C.U, por causa de sua aplicação principal nas correções de solos ou animais. Nada impede que seja estendida a todas as aplicações da régua.

UTILIZAÇÃO DA RÉGUA

1. Em Físico

Com agulha Norte sobre V-M, efetua-se pesagens quando se faz comparações entre objetos inertes de mesma composição química colocados em A e B, um deles servindo do padrão de medida.

Aplica-se então a curva dos C.U à graduação interior, estando o equilíbrio na graduação 10 (C.U.=1).

Para que haja precisão, há interesse em que os pesos postos em comparação sejam da mesma ordem de grandeza. Sem dúvida também é possível fazer pesagens de elementos simples em corpos compostos, tomando-se um padrão de corpo puro por comparação *(cf. G. Noel, La Radiesthésie au Laboratoire de Chimie)*. Como não somos químicos não tivemos a preocupação de nos lançar nessas operações. Segundo G. Noel, que operava pelo método do Ponto Neutro em uma fita Lesourd, tem-se em uma solução diluída a concentração na solução. A partir de uma certa concentração passa-se brutalmente à dosagem do corpo seco.

Solos: Sem nada em A, se colocarmos uma amostra de solo em B dentro de um pequeno recipiente de acrílico, a agulha Norte sobre V-M, a agulha de C dá uma graduação que corresponde à acidez ou à alcalinidade. Pode-se, assim aferir os pH.

É em todo caso, o que se pode fazer com corpos e soluções de pH conhecidos, ácidos ou alcalinos.

Alcalini abaixo de 10. Neutro em 10. Ácido além de 10. Lembremo-nos: divisões interiores do circulo inteiro.

Animais: Sem nada em A o ótimo está em 10, graduação interior. A graduação corresponde em C de um testemunho de animal vivo colocado em B reflete o ambiente eletromagnético. Na realidade pode-se começar a se inquietar em cima de um C.U. de 0,8 a 0,9. Abaixo de 0,70 o ambiente precisa obrigatoriamente ser corrigido. É raro descer mais do que 0,60. É curioso observar a impregnação de vacas que ficam no estábulo somente o tempo necessário ao trato e passam o resto da noite e do dia no pasto. Seu equilíbrio está próximo do que teriam em estadia prolongada no estábulo.

Note-se que a magia pode dar a ilusão de um mau ambiente eletromagnético, assim como pode influenciar o equilíbrio mineral. É curioso, mas normal: pessoas ou animais com uma saúde ruim têm equilíbrios perturbados, seja qual for a causa.

2. Em Vital

Agulha Norte sobre V+E. Ou sem agulha Norte.

Testemunho de ser vivo sobre B. Nada sobre A.

Divisões *interiores* do circulo inteiro. O C.U. dá a vitalidade do paciente cujo ótimo é 2 (divisão 15). A maior parte das pessoas e dos animais têm C.U. variando de 1,3 a 1,4 (divisões 12 a 13). Acima de 1,4 a saúde é boa. Abaixo de 1,0 na verdade não é nada

brilhante. Os realmente doentes sem grande esperança de cura podem descer a 0,3 ou 0,4. Abaixo disso, é verdadeiramente o fim.

No que diz respeito aos solos, o C.U. está logicamente em relação com a atividade microbiana, mas não fizemos pesquisas sistemáticas. Uma terra estéril dá um C.U. próximo de 0.

Testemunho de ser vivo sobre B. Corretor químico ou remédio sobre A.

Divisões exteriores dos semicírculos.

Os pesos respectivos do testemunho e do corretor não afetam sensivelmente. Somente o aspecto qualitativo dos elementos conta. Obtemos então, cifrados pelo C.U. a importância relativa de uma falta ou excesso em relação a um equilíbrio único ótimo.

Se a agulha C se equilibra no semicírculo Oeste (alcalino), trata-se de uma necessidade cifrada pelo C.U. que se torna então um multiplicador da utilização normal do elemento testado.

Por exemplo: se a adubação habitual de um solo é de 100 unidades de P^2O^5 (ácido fosfórico) e encontrarmos um C.U. de 0,7 para o fósforo, será preciso reduzir a adubação a:

100 x 0,7 = 70 unidades.

Sem procurar muita precisão, a um C.U. inferior a 1,0 corresponde uma diminuição da quantidade habitual. Com um C.U. superior a 1,0 aumenta-se essa quantidade nos limites ditados pela experiência. Às vezes é preciso repartir essa quantidade no tempo. Não se trata de matar um doente ou de esterilizar temporariamente um solo com doses brutais de correção.

Se a agulha C cai em equilíbrio no semicírculo Leste (ácido), estamos diante de um excesso e é preciso, seguramente, evitar a adição do elemento testado. Buscaremos antes a correção nos antagonistas que são normalmente deficientes, salvo raríssimas exceções.

Exemplos de corretores para análises de solos ou de animais (em um recipiente de acrílico fechado). Não limitativo.

Azoto: NO^3H estabilizado pelo algodão (10cc)
Fósforo: PO^4H^3 estabilizado pelo algodão (10cc)
Potássio: bicarbonado de K (10g)
Cálcio: CO^3Ca precipitado (10g)
Magnésio: magnésia calcinada (10g)
Sódio: carbonato ou cloreto (10)
Enxofre: em flor (10g)
Manganês: díóxido (10g)
Ferro: limalha (1g)
Cobre: aparas (1g)

Cobalto: cloreto (1g + algodão)
Zinco: aparas (1)
Iodo: tintura em algodão
Boro: ácido bórico (1g)
Molibdênio: molibdato de amônia (1g)
Litio: cloreto (1g)
Níquel: metal (1g)
Carbono: carvão de retorta

EXEMPLO DE ANÁLISE

Pouco importa o pêndulo que utilizamos. O essencial é tê-lo à mão. Acontece que em certos momentos um pêndulo confirma ser mais sensível que outro sem que se saiba por que. Pode-se portanto, em uma mesma pesquisa, variar os pêndulos e controla-los um pelo outro. Sobretudo quando se está começando. Em seguida, com o hábito, a rodagem se faz pelas análises em série.

Suponhamos que temos um solo para analisar. Colocamos em torno de 5g ou o conteúdo de uma colherinha de café, nivelado, de terra peneirada seca (2mm) em um pequeno recipiente de acrílico. Este recipiente é colocado em B e lá é deixado.

Primeira Operação

Regulamos a agulha Norte sobre V-M (270°). Pendulo UV na mão, por exemplo, tem-se um giro sobre C. Com a mão livre movemos lentamente, a agulha C a partir do zero interior. Em um dado momento parece que o pêndulo para ou muda seu sentido de giro. Estaríamos em cima do equilíbrio? Invertamos o sentido de rotação da agulha, partindo de novo de zero, muito lentamente. Prossigamos até a mesma graduação em que, agora há pouco, o pêndulo parou. Esperemos. Retomemos o pêndulo sobre C: ele se põe novamente a girar. Sem dúvida estamos perto do equilíbrio, mas temos que tomar isso mais preciso, manipulando a agulha com a ponta dos dedos até que o pêndulo se recuse definitivamente a girar. A extinção é muito precisa. Verifica-se em seguida, se se desejar, as vibrações do Corpo Polarizado e da Aura em torno de B, assim como (+) em cima dele.

Suponhamos que a divisão interior encontrada seja 12,5, correspondente a um C.U. de 1,3. Estamos na presença de uma terra

francamente ácida que precisará ser tratada com cal. Deveremos ter uma confirmação disso pela necessidade de carbonato de cálcio, que situará a correção.

Segunda Operação

Regulemos agora a agulha Norte sobre V+E ou, à escolha, eliminaremos completamente a agulha- os resultados serão os mesmos. Como há pouco, procuraremos a graduação de extinção do pêndulo UV E ou, desta vez, tomaremos diretamente o pêndulo (+).

Feita nossa escolha, balançamos esse pêndulo (+) em cima de B enquanto manipulamos a agulha C com a mão livre. Quando chegamos perto do equilíbrio, o pêndulo começa a modificar seu movimento e depois gira francamente, às vezes se inverte e depois extingue o movimento quando a graduação é ultrapassada. A precisão também não é perfeita senão quando se procura a extinção como no caso anterior, mas com freqüência é suficiente na prática das análises em série, em vista da interpretação possível. É preciso colocar-se de sobreaviso contra certos efeitos de movimento, que fazem o pêndulo modificar muito cedo seu movimento e esse é o motivo pelo qual aconselhamos o deslocamento da agulha através de pequenos empurrões.

Suponhamos que tenhamos encontrado a divisão 11,2 correspondente a um C.U. de 1,1 (graduação interior). Podemos concluir que a vida microbiana está levemente adormecida e precisa ser acordada. O tratamento com cal teria algum efeito?

Terceira Operação – (Divisões exteriores)

Agulha Norte sobre V+E ou sem agulha, colocamos, por exemplo, o corretor fósforo sobre A Através das mesmas operações descritas há pouco encontramos uma graduação interior de equilíbrio de 14 em semicírculo alcalino (Oeste). Trata-se de uma necessidade e o C.U. é de 1,7. Devemos aumentar seriamente as reservas do solo em ácido fosfórico pela adição de 150 a 200 unidades de P^2O^5, por exemplo, com uma tonelada de estrume ou de 700 a 800 kg/há de superfosfato a 18%.

E assim por diante...

Interpretações médias

C.U.	*Necessidade*	*Excesso*
0,1	quase normal	tendência ao excesso
0,2	um pouco fraca	muito pequeno excesso
0,2 a 1,0	fraca	leve excesso
1,0 a 2,0	bastante pobre	excesso
2,0 a 3,0	pobre	-
3,0 a 4,0	muito pobre	-
Mais de 4,0	carência	-

VARIANTE SIMPLIFICADA DA RÉGUA DE ANÁLISES

Vimos a régua de análises, clássica, se assim podemos chamá-la, aplicação direta do campo de Forma e da Lei das Compensações Simétricas. Ela pode parecer complicada, em sua fabricação ou emprego.

Se não formos tão exigentes, uma régua simplificada pode nos prestar os mesmos serviços que a outra. A precisão é proporcional à extensão da régua.

Tomemos por exemplo um pedaço de tábua ou de madeira compensada de um metro de comprimento, 12 a 15 centímetros de largura e 2 centímetros de espessura.

Grava-se uma ranhura axial de uma ponta a outra sobre a parte de cima, depois completa-se no centro de simetria pelos eixos diretores do campo.

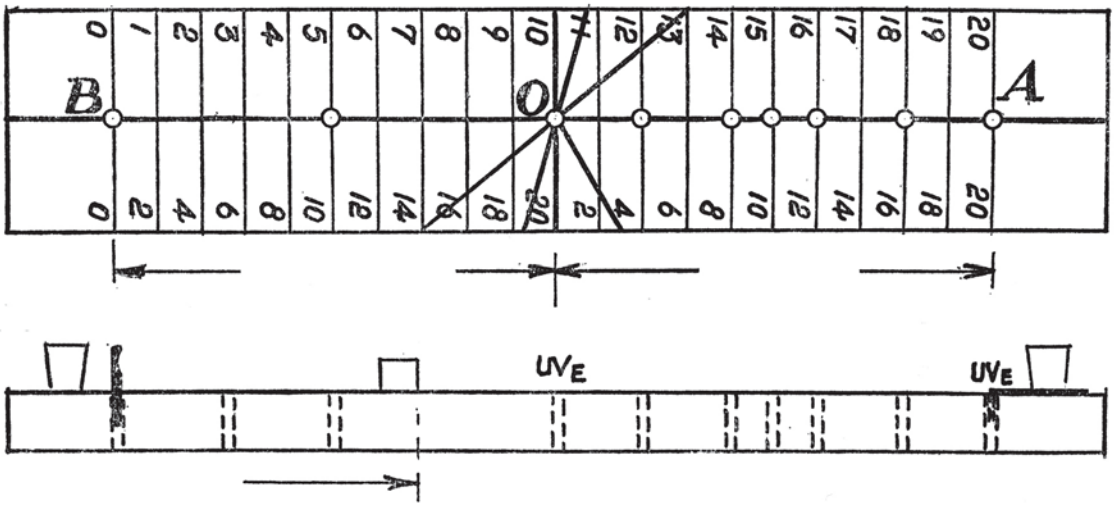
Faz-se nove furos atravessando completamente a régua, sobre o eixo longitudinal, um dos quais no centro de simetria, (zero), um de cada lado desse furo a 40 centímetros de 0, em A no Norte artificial, em B no sul artificial, e os outros furos de acordo com a figura.

Divide-se os 40 centímetros de cada lado do centro em 20 divisões com notação de B em direção a 0 e de 0 em direção a A, com objetivo de encontrar o equivalente das graduações exteriores do circulo central da régua precedente e de poder aplicar a mesma curva.

Uma outra graduação divide AB em 20, o que corresponde à graduação interior do círculo central.

O testemunho é colocado ao Sul de B, o corretor ao Norte de A .

Pode-se servir de um pêndulo (+) em cima do testemunho, enquanto o indicador da mão livre percorre a régua. A uma determinada posição do indicador, o pêndulo (+) gira. Obtém-se maior precisão



usando-se um ponteiro, em vez do indicador, ou ainda deslocando sobre a régua um corpo de revolução, como por exemplo o pequeno cilindro de plástico no qual vêm enroladas as fitas adesivas tipo durex. Neste último caso, é a divisão que tangencia o cilindro ao Norte que conta.

Em vez do pêndulo (+) em cima do testemunho, pode-se também usar, em cima de 0, um Pêndulo Egípcio ou alguma equivalente e jogar com a extinção do movimento.

Uma das vantagens desta régua é permitir o ensaio com vários corretores agrupados na "região" situada ao Norte de A, e experimentar uma correção complexa. Seu inconveniente é o acúmulo, de corretores num mesmo local.

Como no caso da outra régua, é possível selecionar os campos com uma agulha feita de um fio de cobre retilíneo curvada em ângulo reto para que a parte dobrada sirva de eixo de rotação no furo A. A agulha em direção ao Norte em Vital, em direção ao Oeste em Físico.

Com muita humildade, advertimos que essa régua é mais segura que a outra para um iniciante e menos cansativa para um operador treinado. Este último pode analisar um elemento na hora, inclusive com a notação, sem qualquer outro esforço além de ter que ficar de pé.

Busca da Vitalidade

Agulha de cobre em A, em direção ao Norte ou agulha retirada.

Testemunho ao Sul de B. A graduação encontrada é aquela entre o zero em B e o 20 em A que faz reagir o pêndulo.

Pesquisa da Correção

Agulha em cobre no A apontada para o Norte, ou sem agulha.
Testemunho ao Sul de B, corretor ao Norte de A.
De B (zero) em O (20): necessidade
De O (zero) em A (20): excesso.

Não nos estenderemos mais sobre o assunto porque aquilo que se aplica a uma régua também é válido para a outra, do ponto de vista da interpretação. É bastante evidente que se pode utilizar uma régua duas vezes mais curta, mas também duas vezes menos precisa e você perceberá que uma régua mais curta também é duas vezes mais cansativa por causa da maior atenção que exige.

Depois das ferramentas passaremos às aplicações aqui quase que exclusivamente agrícolas; mas pode-se estende-las igualmente aos humanos, e sabemos que essas questões médicas absolutamente não desagradam aos radiestesistas. Respeitadas as advertências clássicas quanto às prescrições legais relativas aos exercícios da medicina, ninguém pode impedir um cidadão de dar atenção a própria saúde.

QUADRO DE CORRESPONDENCIA ENTRE AS DIVISÕES DA RÉGUA E OS COEFICIENTES DE UTILIZAÇÃO C.U.

Divi São	C.U.	Divi são	C.U.	Divi são	C.U.	Divi são	C.U.
1	0,1	12	1,25	14	1,67	16	2,50
2	0,2	12,1	1,27	14,1	1,69	16,1	2,56
3	0,3	12,2	1,28	14,2	1,72	16,2	2,63
4	0,4	12,3	1,30	14,3	1,75	16,3	2,70
5	0,5	12,4	1,32	14,4	1,79	16,4	2,78
6	0,6	12,5	1,33	14,5	1,82	16,5	2,86
7	0,7	12,6	1,35	14,6	1,85	16,6	2,94
8	0,8	12,7	1,37	14,7	1,89	16,7	3,03
9	0,9	12,8	1,39	14,8	1,92	16,8	3,13
10	1,0	12,9	1,41	14,9	1,96	16,9	3,23
10,5	1,05	13,0	1,43	15,0	2,00	17,0	3,33
11,0	1,11	13,1	1,45	15,1	2,04	17,1	3,45
11,1	1,12	13,2	1,47	15,2	2,08	17,2	3,57
11,2	1,14	13,3	1,49	15,3	2,13	17,3	3,70
11,3	1,15	13,4	1,52	15,4	2,17	17,4	3,85
11,4	1,16	13,5	1,54	15,5	2,22	17,5	4,00
11,5	1,17	13,6	1,56	15,6	2,27	17,6	4,17
11,6	1,19	13,7	1,59	15,7	2,33	17,7	4,35
11,7	1,20	13,8	1,61	15,8	2,38	17,8	4,55
11,8	1,22	113,91,64		15,9	2,44	17,9	4,76
11,9	1,23	14,0	1,67	16,0	2,50	18,0	5,00
						18,5	6,67
						19,0	10,00

Quanto aos médicos e veterinários, os que sabem utilizar um pêndulo poderão descobrir na régua uma ferramenta de trabalho auxiliar para encontrarem uma resposta rápida a questões que possam lhes aparecer.

CAPÍTULO VIII

APLICAÇÕES DAS ANÁLISES AOS BOVINOS

O atual desequilíbrio mineral dos homens é semelhante ao dos animais de criação. Os dois necessitam de vegetais que são plantados em solos adubados quimicamente com N-P-K. Uma pessoa que mora na cidade poderá também, com as devidas adaptações, tirar proveito de certas conclusões que apresentamos em seguida.

Para dizer a verdade, pratiquei as análises com o pêndulo bem antes de conhecer as ondas de forma, através de meios bastante simples, legítimos e testados, baseados no deslocamento de um ponto neutro entre duas amostras idênticas do mesmo testemunho sob a influência de corretores químicos deslocados sobre uma fita métrica. Constatava o resultado e não compreendia. Esse método exigia curvas de interpretações experimentais bastante complicadas, para um resultado relativamente impreciso. Mesmo assim, obtive desses métodos, depois de vários treinos com o pêndulo, ensinamentos concretos e melhoras, às vezes, espetaculares em animais domésticos.

Do contato com A. de Bélizal, à época da publicação do seu livro *Física Micro-vibratória e Forças Invisíveis,* fui seduzido pelas ondas de forma: "Enfim, alguma coisa concreta e que tem valor", disse a mim mesmo.

Adaptei então essas ondas às minhas necessidades profissionais que eram, entre outras, o restabelecimento de empreendimentos agrícolas em desequilíbrio. Foi preciso encarar, ao mesmo tempo, a pesquisa de base e as aplicações práticas. Você pode ver o resultado provisório disso tudo, fruto de uma experiência de mais de vinte anos em fazendas, que talvez interessará a especialistas, criadores e algumas outras pessoas.

O que quer que se pense ou diga, o pêndulo corretamente e cientificamente utilizado faz com que se ganhe muito mais tempo em relação aos métodos clássicos (que eu pratiquei), indo direto ao objetivo, coma condição de não se fazer questões ao pêndulo. Não sou um "mentalista", não gosto de adivinhações nem de problemas sem solução.

ESTADO ATUAL DE ALGUNS MINERAIS ENTRE OS BOVINOS

Azoto

A insuficiência de azoto revela animais mal nutridos cuja ração básica precisa ser completada ou enriquecida do ponto de vista energético. O caso é raro em regiões evoluídas. O excesso, muito mais freqüente, atualmente, é difícil de interpretar.

Fósforo-Cálcio

Esses dois elementos estão ligados em razão da sensibilidade da relação que há entre eles. Se, por um lado, encontramos, naturalmente, apenas na pastagem, uma ligeira insuficiência de fósforo e um pequeno excesso de cálcio, o que não nos permite tirar nenhuma conclusão sobre a necessidade de cal das pastagens que resulte em outros dados, encontra-se, por outro lado, cada vez mais vacas leiteiras nas quais existe um franco excesso de fósforo e falta de cálcio. isso acontece por causa do emprego freqüente de ingredientes minerais, muito ricos em fósforo, que os criadores usam em grandes doses, seguindo tabelas teóricas demais, sobretudo no inverno. Numerosos acidentes de esterilidade, quistos etc., provavelmente, têm origem nos ingredientes mal aplicados.

Do nosso ponto de vista, uma vaca nasce, em determinado aspecto, com um certo desequilíbrio. É preciso atenuá-lo ao máximo, porém evitar revertê-lo brutalmente. Na realidade, seria preciso procurar os ingredientes minerais, todo ano, onde a relação fósforo- cálcio se aproximasse mais daquela que se verifica numa pastagem corretamente adubada, ou seja, próxima de 2, seja num terreno ácido ou calcário com um ingrediente mineral contendo 19 de fósforo por 3 de cálcio . Por outro lado, um criador me disse que jamais teve um bom resultado senão com um ingrediente numa relação cálcio-fósforo igual a 3.

O problema do fósforo é mais de assimilação do que de quantidade absoluta, pelo menos em nosso país, onde se aduba regularmente com adubos fosfatados. Podem haver aí fatores limitantes. Certos ingredientes fosfatados resultam às vezes em francas anomalias. Já encontramos vacas que, após a administração de um 16-16, se punham a roer a casca das árvores e abortavam. A supressão fez com que tudo voltasse ao normal. Nada temos contra 16-16 prudentemente utilizado, mas convém observar outros fatores e, em particular, as carências possíveis de oligoelementos.

Em geral, o livre-arbítrio é preferível à dose imposta. Encontramos, por exemplo, um criador que colocava na pastagem um cocho de madeira, dividido em compartimentos onde se colocava fórmulas diferentes e também elementos simples. "Quando eu mudo minhas vacas de pastagem, elas mudam de compartimento" ele nos disse, e isso proporcionava ensinamentos para que ele próprio corrigisse a pastagem.

Potássio

Freqüentemente em excesso, mas por causa do antagonismo com o magnésio e o sódio, entre outros elementos. Uma vaca pode estar com excesso de potássio numa terra muito pobre em potássio, mas ainda mais pobre em magnésio e sódio. É necessário, então, refazer as reservas de sódio e magnésio nos solos, se quisermos empregar uma adubação potássica normal levando em conta as reservas e exportações. Entrar em guerra contra o potássio, origem de todos os males, como vimos, é pura utopia. Uma planta não crescerá sem potássio. É tudo uma questão de equilíbrio e, se é necessário que não haja excesso, o contrário também é ruim.

Parece existir um certo antagonismo entre potássio e cobalto.

Magnésio

É deficiente em quase toda parte, mas é bastante raro que essa carência seja grave, exceto em regiões pobres que praticam a cultura intensiva. O milho ensilado em quantidade pode acentuar a deficiência, porque esta planta é muito sensível à pobreza magnesiana.

Os excessos encontrados foram devidos a uma "fartura" de cloreto de magnésio provocada pelo criador. É preciso ser razoável em tudo.

Sódio

Depois do abandono das sylvinites[1] simples, e depois duplas, com o emprego de adubos com alto teor do potássio puro, pode-se dizer que a maioria das vacas acabou por apresentar deficiência de sódio, num grau crescente. Alias, nunca se vendeu tantas pedras de sal. Mas o verdadeiro problema não está numa correção artificial que força os órgãos de eliminação das vacas. Está na obtenção de um pasto equilibrado de início, não visando, forçadamente, um rendimento máximo da forragem, mas tendo em conta o animal que rentabiliza essa forragem. Somos levados, com freqüência, a suprimir todo suporte potássico, compreendendo estrume e purina, durante um ano, para substituí-lo por sal marinho. Existirá tanto pasto, ou mais, e o aspecto das vacas melhora sensivelmente: pêlo mais fino, mais brilhante, mudando na estação. Volta-se, em seguida, prudentemente, às compensações potássicas.

Enxofre

Existe um paralelo entre o enxofre e o fósforo. Se os animais apresentam deficiência em fósforo, apresentam também em enxofre. Se apresentam excesso em fósforo, mesmo por suprimento não-sulfuroso, têm também excesso de enxofre (salvo no caso da presença do bacilo de Johne, a enterite paratuberculosa, chamada de enterite crônica). Isso não quer dizer que é necessário fornecer enxofre aos animais para enriquecê-los em fósforo, sem qualquer critério; aí não há reciprocidade. Isso pode até mesmo, ser perigoso, porque a otimização do enxofre está próxima da dose tóxica.

Ferro

O excesso está na verdade relacionado com a insuficiência em manganês e cobre. A correção das pastagens quanto a esses dois elementos diminui sensivelmente o excesso de ferro. É fato bastante conhecido que o ferro não é assimilado quando há ausência de cobre.

1. Sylvinites: Mineral de potássio constituído por uma mistura de cloreto de potássio e cloreto de sódio. O nome vem de *sylvius*, nome latinizado de Jacques Dubois. (N. do T.)

Manganês

Habitualmente fraco. Em caso de brucelose, pode ser que esteja havendo deficiência.

Cobre

Em toda parte é mais deficiente, principalmente depois do emprego intensivo de adubos azotados. Se, num nível imediato, a adubação azotada facilita a assimilação do cobre, a longo prazo o crescimento do volume radicular em decomposição cria novas associações. O adubo orgânico decomposto em alta dose pode resultar em carências por essa mesma associação do cobre com uma matéria orgânica não fermentada ao ar livre.

Encontra-se, cada vez mais, sinais de insuficiências de cobre: descoloração dos pêlos; problemas ósseos, principalmente nos novilhos cujas patas anteriores têm a tendência de se separarem na base; produção leiteira muito fraca etc.

Cobalto

Freqüentemente é deficiente. A fraqueza de cobalto está nitidamente ligada a um ambiente de fontes, de rupturas de forças. Quando o ambiente eletromagnético se junta à pobreza dos solos, a situação de torna dramática: raquitismo, parasitas, enterite etc.

Quantos animais não vimos com pêlo eriçado no pescoço, às vezes mais ou menos lanoso sobre o flanco, sinais de uma carência em cobalto. É suficiente, algumas vezes, restabelecer um bom equilíbrio do ambiente para encontrar os teores normais em cobalto nos animais.

Quando há meteorizações *no estábulo,* mesmo com o feno, o veterinário introduz um comprimido de cobalto na barriga do animal. Ora, nota-se freqüentemente a correlação entre meteorizações e rupturas de forças. Equilibrando-se estas, suprime-se também as meteorizações.

Zinco

Muito freqüente em ligeiro excesso. Talvez por um certo antagonismo com o cobre (pilha elétrica), porque a correção das

pastagens com sulfato de cobre, suprime, *às vezes,* o excesso anterior de zinco. Em outros casos, os dois elementos parecem ser completamente independentes...

Em certas regiões, existem deficiências em zinco mais freqüentes, como em Côte-d'Or ou em Nièvre. Observamos pobreza em zinco em fazendas onde são freqüentes bosques, associados geralmente com uma insuficiência em iodo.

Iodo

Geralmente em excesso no oeste da França, à excessão alguns pontos perto de Orne, Mayenne e Sarthe. As vacas suíças parecem ser particularmente pobres em iodo.

O iodo é antagonista de boro. É muito curioso constatar uma falta de boro e um excesso de iodo nas vacas francesas e o contrário quando se passa para a Suíça.

Molibdênio

Antagonista nato do cobre. O excesso é mais freqüente. Encontram-se mesmo ligeiros excessos em solos onde a carência se manifesta nos vegetais, o que ocasiona problemas de correção nos quais é preciso não se esquecer do cobre. As insuficiências de molibdênio nos animais são excepcionais.

Boro

Pelo que eu sei não é considerado indispensável às vacas. Entretanto, na França, as vacas estão abaixo de suas necessidades.

O boro preciso ser estudado. Com efeito, em doses bem fracas, da ordem de 0,5 a 1,0mg de borato de sódio, por vaca e por dia, acrescentado à ração, o boro se comporta como compensador do equilíbrio dos outros elementos minerais: ele diminui a necessidade do elemento deficiente e a importância de um excesso.

Infelizmente, o boro chega muito rápido à dose tóxica e o manuseio prático é delicado.

A correção de 2Kg/ha de borato de sódio na pastagem foi necessária, num caso, para completar um suprimento anterior de oligoelementos e suprimir uma esterilidade tenaz pela pastagem.

Lítio

Necessidades constantes, mas moderadas. O lítio parece desempenhar um papel análogo ao do boro, o compensador de equilíbrio. É perigoso empregá-lo sozinho. É necessário associá-lo a outros elementos.

Níquel

Até aqui, todas as vacas analisadas se revelaram deficientes, e algumas bastante deficientes, em níquel. Nós não possuímos o conhecimento suficiente para dar uma apreciação válida sobre o papel do níquel. Na medicina humana, o níquel, como elemento catalisador, serve para corrigir as deficiências pancreáticas. Talvez, entre os bovinos, numa produção intensiva, desempenhe um papel análogo na digestão.

Carbono

O teste de carbono parece dar conta do "estado" dos bovinos, ou seja do seu estado de gordura ou magreza. Encontra-se uma alta necessidade de carbono nas vacas muito magras, ou muito gordas. Um C.U. fraco deveria indicar, então, um meio-termo justo.

RELAÇÕES DE ALGUMAS DOENÇAS DOS BOVINOS COM O EQUILÍBRIO MINERAL E O AMBIENTE

Esterilidade

A esterlidade é devida a desequilíbrios diversos dos quais somente uma análise pode dar uma idéia. A regra geral é de "tapar o buracos" e evitar todo o suprimento de elementos em excesso. é preciso fornecer apenas os elementos deficientes. É tudo ou nada. Esses equilíbrios são extremamente frágeis. É por isso que se constatam às vezes fracassos, quando se fornece todos os elementos considerados úteis. Os antagonismos atuam e atrapalham a correção.

Muitas pessoas se impressionam com a carência em fósforo e se obstinam em forçar os ingredientes, enquanto que para nós estes deveriam ser suprimidos para que as vacas o "retivessem" enfim...

De qualquer maneira, é preciso procurar.

Brucelose Bovina

Pode-se duvidar que uma profilaxia tenha resultados rápidos nessa calamidade se não for acompanhada de um reequilíbrio sistemático dos animais e dos solos. Com efeito, os casos corrigidos agora são suficientemente numerosos para se afirmar que o suprimento de certos elementos minerais *agrupados* permite obter a maior parte dos novilhos de um estábulo atacada pelo bruceloso, mesmo em primeiro abortamento e gravemente infectada, haja ou não vacinação. Uma correção constante resulta em muitos casos numa negativização da reação da brucelose ao fim de três ou quatro anos, às vezes de dois, fato que não se pensaria num primeiro momento.

Naturalmente, os casos são diversos; as reservas de uma vaca não são refeitas num primeiro momento. Em geral, ao fim de quatro a seis meses, os bezerros chegam no tempo certo. É evidente que uma correção feita no início da gestação, tem mais probabilidades de sucesso do que quando feita mais tarde, principalmente ao se suprimir de uma vez o ingrediente fosfatado que atrapalha a assimilação do manganês.

Com efeito, a característica de brucelose é a deficiência em manganês que parece ser provocada pela introdução do bacilo de Bang. Essencialmente, o desequilíbrio típico da brucelose é a pobreza em manganês, sódio e magnésio. Acrescentando-se à correção do cobre, do cobalto, um pouco de bor, aumentam-se as probabilidades de sucesso; retardar-se também certos acidentes secundários como as artrites e facilita fecundações posteriores, desde que não se esqueça a vitamina E.

O reequilíbrio completo nesse ponto é espetacular, tanto que, se uma vaca prepara para abortar, fica com as tetas inchadas e faz-se uma requilibração massiva, às vezes, durante alguns dias, para recolocar tudo no lugar e o novilho nascer no tempo certo. Não é nada de excepcional e pode-se fazê-lo, quando houver uma oportunidade.

A correção direta dos animais permite ganhar tempo, mas a solução definitiva é corrigir a pastagem pelo solo. Para ser honesto, é preciso dizer também que as vacas perfeitamente equilibradas, caso

sejam atacadas pelo bacilo de Bang, deverão "assimilar" o primeiro choque e nunca poderão impedir alguns abortos no início.

Enterite Paratuberculosa (Bacilo de Johne)

Vários exemplos provam que o reequilíbrio das pastagens pode acontecer no final dessa doença.

Uma observação preliminar: nunca encontrei, até hoje, enterite paratuberculosa sem que houvesse correntes de água subterrâneas passando sob os estabelecimentos.

O desequilíbrio é bastante característico. Existe deficiência em magnésio, sódio, *enxofre* ,cobre, *cobalto* e manganês. Parece que é o bacilo de Johne que provoca a pobreza em enxofre. O cobalto salienta, freqüentemente, a verdadeira carência.

A correção direta dos animais até agora parece não ter tido sucesso. Seria, talvez, preciso encontrar formas adequadas, senão a correção do solo pode provocar no pasto outros fatores (vitaminas, enzimas, aminoácidos etc.) que ainda ignoramos.

Para o solo, obtém-se resultados positivos com:

Cal magnesiano com alto teor de magnésio, antes o inverno intenso.

300 a 400 Kg/ha de superfosfato 18% (para o enxofre), no inverno.

- Oligoelementos, antes de fevereiro.

Evitar, acima de tudo, qualquer suprimento potássio, incluindo o estrume e a purina, durante um ano, pelo menos. A ausência de enterite repousa, essencialmente, num frágil equilíbrio. Um erro de adubação faz ressurgir a doença.

Parasitismo

Existem parasitas e micróbios, naturalmente. Mas os micróbios se desenvolvem muito pouco quando as condições do meio ambiente não lhe são convenientes. É preciso confinar os animais paraque adquiram uma resistência suficiente para hospedar os parasitas ocasionais sem sofrer com isso.

Após numerosas observações, pode-se dizer que os parasitas animais e as formigas são praticamente os únicos animais que se dão bem num ambiente de fontes. O problema, no fundo, é este: estabelecer o equilíbrio do ambiente para um melhor equilíbrio

mineral correspondente a uma situação particular, o que é quase sempre necessário. O cobalto é absolutamente necessário, entre outros, no início, mas raramente age isoladamente. É necessária uma análise.

Septicemia dos Novilhos

É uma designação que engloba numerosos micróbios. Uma vacina pode ter sucesso, algumas vezes, mas depois se mostrar ineficaz. Corre-se atrás de sua sombra.

Talvez se possa desinfetar um estábulo, mudar os animais, quem sabe? Mas, mais dia menos dia, a septicemia ataca nos mesmos lugares ou em algumas partes "privilegiadas" desses lugares. A solução talvez seja fazer os partos fora do estábulo e não deixar os novilhos entrarem nele.

Há micróbios sem os quais não se teria septicemia, mas o verdadeiro problema é quase sempre o de ambiente desequilibrado, por fontes ou outras razões. Se retificarmos o ambiente, os novilhos se tornarão resistentes e responderão aos tratamentos veterinários, caso sejam necessários.

Mamites

Numerosas causas de mamites são conhecidas e, às vezes, os tratamentos veterinários fracassam.

Existem estábulos com casos de mamites, nos quais se encontram dois problemas interligados: ambiente de fontes e desequilíbrio mineral. Quando em certos lugares do estábulo acontecem casos de mamites, não importando qual vaca seja colocada ali, é quase certo que haja uma fonte debaixo desse lugar (como no caso em que as vacas ficam cegas). Já me aconteceu de encontrar em estábulos pré-fabricados em cimento armado do mesmo modelo que os estábulos comuns, em que todas as vacas tinham mamites. Isso prova que na maior parte das fontes o eletromagnestismo desempenha seu papel.

Uma causa mais freqüente e na qual não se crê vem da formação de eletricidade estática nos tubos de extração de leite muito isolados. Essa eletricidade se descarrega nas tetas das vacas no momento da ordenha e, através de ligeiros traumatismos repetidos, torna os mamilos frágeis e receptivos aos micróbios. O remédio é

simples. Descarrega-se o cano com um *self* e um condensador, praticamente com um de cobre de 50 ou 60 centímetros de comprimento, torcido sobre o cano, cruzado por baixo, formando uma ogiva na saída do cruzamento e prolongado por duas retas paralelas. Tudo isso deve ficar sobre o cano. A forma deve ser perfeitamente simétrica em relação à vertical, e as duas extremidades devem estar no mesmo nível.

Se houver sangue no leite, ou sangue coagulado, é preciso supor uma origem elétrica. Tivemos casos muito parecidos nos quais a causa era um fio terra mal feito que enviava eletricidade do setor difuso à área de dormir do estábulo. Quando as vacas deitavam, suas tetas recebiam as descargas.

É, as vezes, difícil de detectar a origem exata, por exemplo, quando um eletricista (eu já vi isso acontecer) liga o fio terra da máquina de lavar nos tubos de extração de leite...

Meteorizações – Tetanias

Mesmo que esses dois problemas sejam diferentes nas suas manifestações, na análise encontramos desequilíbrios muito parecidos.

A meteorização se produz sobre leguminosas ou cricíferas; a tetania, sobre gramíneas. Mas, no nível do solo, encontra-se o mesmo desequilíbrio: um excesso de potássio em ligação com o azoto. O remédio consite em jogar com elementos antagônicos. Evitar o suprimento excessivo de potássio e de azoto e suprir com magnésio, cobre e cobalto.

Num solo bem equilibrado, podem haver trevos suficientemente grandes, mas vacas não mais ficarão inchadas, sejam quais forem as condições que possam levar a isso, metereológicas ou outras. Tetania da pastagem e meteorização são doenças da civilização por erro de adubação.

CAPÍTULO IX

O PROBLEMA PRÁTICO NA FAZENDA - EXEMPLOS

Quando existem problemas com os animais afetando o *conjunto* de rebanho, numa criação extensiva, é preciso encontrar a causa desses problemas e, tanto quanto possível, remontar às suas origens, verificar se as condições do meio ou da alimentação não estão tornando os organismos dos animais frágeis e vulneráveis ou, dizendo de outra maneira, ver se não se trata de um problema de equilíbrio, entendido no seu sentido mais geral.

Pode haver um ambiente perturbado por rupturas de forças, contra as quais o animal luta até o esgotamento de suas reservas nervosas.

É possível encontrar um desequilíbrio mineral da ração básica e, portanto, do solo, de onde provém a forragem.

Acontece que o próprio criador, certo de estar agindo corretamente, desequilibra seus animais através de uma alimentação inadequada.

Infelizmente encontram-se, também, criações que são vítimas de bruxarias. E, nesse caso, somos impotentes.Dedicamos um capítulo a esses tristes fenômenos, frutos da mesquinharia humana, e que somos obrigados a aceitar como tais quando *já se tentou de tudo.*Nesses casos, as correções materiais quase sempre resultam numa melhora temporária, mas nunca se tem o resultado definitivo que se espera. Diante de desequilíbrios naturais sempre é possível resolver as coisas. Mas com a magia não: não depende mais de nós.

Como proceder?

A primeira coisa a fazer é uma análise de pêlos. Nos bovinos eles são retirados do cachaço, entre os chifres, de onde sempre é mais fácil retirar uma amostra. Quando se trata de solos, os animais

mais jovens dão melhor resultado do que as vacas leiteiras, cuja alimentação é quase sempre suplementada. A comparação entre os dois tipos pode mesmo se revelar interessante. Cabe a cada um julgar de acordo com o caso. A análise é uma base sólida para empreender uma correção.

A análise informa sobre as eventuais rupturas de forças que estão impregnando os animais e o seu grau de nocividade, sobre a probabilidade de brucelose (manganês) ou algum desequilíbrio mineral a ser retificado.Em 90% dos casos consegue-se detectar a origem dos problemas.

Uma longa experiência mostra que:

Se existe ruptura de forças, mesmo o melhor equilíbrio mineral do mundo produzirá somente uma melhora, sem levar ao resultado desejado.

Inversamente, a supressão de uma ruptura de forças dá aos animais a possibilidade de resistirem melhor, é verdade, mas não acabará com uma carência mineral.

Quase sempre é necessário se jogar com dois tabuleiros. E então, às vezes, assiste-se verdadeiras ressurreições, sobretudo quando os meios clássicos, veterinários ou outros, fracassam. Os veterinários só podem ganhar com isso. Um dia, um deles me disse: “Antes de você passar por aqui, eu aplicava injeções sem resultados, e a minha reputação estava ficando abalada; e eu não gosto de ver os animais morrerem nas minhas mãos. Depois que você corrigiu esta fazenda, eu sou chamado com menor freqüência, naturalmente, mas quando intervenho o animal reage”.

Antes de ir a fundo nos detalhes e nas recomendações, é preferível dar exemplos capazes de colocá-lo melhor diante das realidades.

ALGUNS EXEMPLOS

1. Na fazenda de um criador do norte da Mayenne, verificava-se a enterite, há cerca de vinte anos, numa pastagem de perto de trinta hectares. As perdas, durante os anos 60, passaram largamente de um milhão de francos antigos por ano, aos quais se ajuntavam algumas centenas de mulhares de francos em gastos com veterinários. Tentou-se de tudo.

Após a análise dos pêlos retirados dos animais jovens que estavam morrendo no estábulo, foi feito um suprimento de inverno

de cal magnesiano (40% MgO), de superfosfato 18%, e de oligoelementos. resultado espetacular durante a estação de pastagem.

Na primavera seguinte, a enterite retornou. Outra análise: carência em cobalto. Um suprimento suplementar de 1Kg/ha de sulfato de cobalto resolveu o problema, pois era preciso atingir a base. O resultado foi que, dois anos depois, esse mesmo criador obteve um primeiro prêmio num concurso de gado de corte.

O potássio, em excesso no início, foi suprimido por cerca de três anos consecutivos; depois adotou-se uma restituição da ordem de100kg/ha de sylvinite dupla com 40% de K^2O, a cada dois anos, alternados com 100kg/ha de sal marinho. De um ano para outro, varia-se a forma dos adubos fosfatados: escória, superfosfato, fosfato natural.

Cinco anos após a primeira correção, uma análise de controle levou a um suprimento reduzido de cal magnesiano e oligoelementos. Estivemos lá e tudo vai bem. O criador todos os anos compra novilhos de todas as procedências, os revende "prontos para produzir", e jamais teve o menor problema.

2. *Enterite Paratuberculosa.* Um criador habituado aos concursos de carnes, M.M. estava desesperado, pois tinha espalhado uma tonelada por hectare de cal magnesiano em seu pasto, sem obter resultados. No ano seguinte, depois da análise dos pêlos, ele forneceu o complemento, ou seja: sal marinho, oligoelementos, superfosfato 18%, em fevereiro.Quinze dias depois (o que, convenhamos, é uma extraordinária rapidez) a enterite desapareceu. O sogro desse criador lhe emprestou onze hectares corrigidos, na época da pastagem: a enterite retornou mais forte. Foi preciso tratar todo o rebanho. Depois, isso já faz mais de sete anos, a enterite não reapareceu.

3. *Enterite. Malformações ósseas. Esterilidade.* Um negociante de adubos me enviou uma amostra de pêlo de vaca, que recebera de um de seus clientes que estava verdadeiramente aborrecido porque o veterinário não sabia mais o que fazer. Injeções, ingredientes, tudo falhava. A análise mostrou que havia carência em fósforo e em cobre.

O criador não concordou muito em relação ao fósforo, porque possuía uma análise da terra, extremamente rica nesse elemento. Mas foi convencido a fazer uma análise do capim, num laboratório por ele escolhido; a carência foi confirmada. Havia se passado o seguinte: ele, seu pai e seu avô haviam espalhado toneladas de escórias por hectare, anos após ano. As reservas eram enormes, mas estava tudo bloqueado.

300Kg/ha de superfosfato 18%; pelo seu enxofre, repuseram as escórias no circuito, o cobre e o rebanho voltou ao estado normal.

Este é Um caso típico onde os meios artificiais fracassam porque a ração de base, representando mais de 80% da nutrição, é muito desequilibrada.

4. *Brucelose*. Os casos resolvidos são inúmeros, mas recebi uma vez uma carta de agradecimento que vale a pena ser mencionada porque - não é tão freqüente - fornece os detalhes da evolução da doença. Cito-a na íntegra:

"Senhor de la Foye,

Estou lhe enviando, pêlos de vacas para uma análise de correção. É por medida de prudência, porque tudo vai muito bem.

Há mais ou menos um ano, no mês de setembro de 1968, tendo uma vaca que havia abortado com oito meses, mandei fazer um exame veterinário do feto. Oito dias depois recebi a resposta: era a brucelose. Do mês de setembro de 1968 a fevereiro de 1969 tive seis vacas que abortaram. Em todas as vezes resultado da análise mostrou a brucelose.

No fim de setembro de 1968 fez-se um exame de sangue em todas as vacas. Dez deles foram positivos. O veterinário me disse: todos os positivos vão abortar, e até mesmo os negativos. Com efeito, do mês de setembro a fevereiro, isso acontecia com todas, quando chegavam aos seis meses.

Meu sogro e meus dois cunhados tiveram o mesmo problema antes e haviam seguido o seu tratamento com bons resultados, não hesitei em lhe enviar pêlos para análise e, tão logo foi possível, comecei o tratamento, ou seja, do início de novembro de 1968 até o fim de abril de 1969 ministrei a solução nos alimentos, pela manhã, todos os dias, sem interrupção.

No início do inverno de 68 e 69 coloquei em todas as pastagens a cal Supermagnédol (1 500 Kg/ha) e, na primavera passada (1969), coloquei Oligopré (300Kg/ha). Pode-se dizer que, depois do mês de fevereiro, os abortos pararam de acontecer, já que nasceram todos os novilhos, e saudáveis. A solução foi o primeiro remédio depois completado pelo tratamento da terra.

Investi muito dinheiro nisso, mas não lamento. Em compensação, durante seis meses não se viu o veterinário e tivemos os melhores bezerros, que se desenvolvem muito bem.

No exame de sangue de setembro de 68, entre os casos positivos, havia uma vaca prenha de três meses, apresentando uma taxa de 144.Quando ela pariu, na época certa, no início de abril, tudo correu muito bem e eu mandei fazer um exame de sangue para saber se a taxa havia subido: tinha descido para 80. Na minha opinião foi o tratamento que fez a taxa baixar.

Eu só lamento uma coisa: se eu tivesse tratado mais depressa, quer dizer, se tivesse feito uma análise um ano mais cedo, provavelmente não teria perdido todos aqueles bezerros.

Eu só posso encorajar o seu tratamento e estou pronto para aconselhá-lo a todos que pedirem a minha opinião.

Queira aceitar, Senhor de la Foye, minhas melhores saudações, e muito obrigado por todo esse bom trabalho.

B.

É inútil acrescentar alguma coisa, exceto algumas dúvidas sobre a variação da taxa, ou melhor, sobre sua causa. Nem todos os casos de brucelose passam assim tão facilmente e se vê, de tempos em tempos, uma vaca abortar, aqui e ali, em outras criações. O certo é que o reequilibrio mineral - e não foi outra coisa o que se fez na fazenda do criador acima - limita os desgastes numa proporção considerável, facilita a saída da cria abortada e as retenções posteriores.

5. *Tuberculose.* No começo da profilaxia da tuberculose, um cultivador de Ille-et-Vilaine tinha sido obrigado a mudar seu rebanho duas vezes em quatro anos, devido às tuberculoses, apesar das desinfecções.

Fui chamado e constatei uma magnífica ruptura de forças que passava de uma ponta a outra do estábulo, sob o ventre das vacas. Todas as manhãs o pêlo das vacas estava molhado de "orvalho", apesar da ausência de teto. Nessa época eu não dispunha senão de sistemas improvisados no lugar em que era preciso colocar na vertical exata de cada ruptura, na ocorrência um circuito oscilante com o fio terra, cuja ação era amplificada por um tubo de ar vertical de cimento.

Ajudado pela fazendeira, radiestesista de ocasião, eu havia regulado com muita dificuldade o sistema. Do dia seguinte em diante as vacas ficaram secas. Quando o "orvalho" voltava, a própria fazendeira regulava a orientação do circuito oscilante e tudo ficava bem. Desde então, isso já faz anos, a tuberculose não reapareceu no estábulo.

6. *Pica*[1] Numa importante criação de porcos da Sarthe, esses animais, por lotes de 25, estavam nervosos, agressivos, e devoraram mutuamente a cauda, com vontade. O criador acusava o alimento e estava prestes a mudar de fornecedor.

Levado por um corredor a essa fazenda, detectei uma importante ruptura de forças a 200 metros de profundidade. Sem saber *a priori* o que ia se passar, coloquei uma simples tábua, com uma ranhura axial embaixo, orientada Norte-Sul, em cima de um armário. Os porcos se tornaram dóceis como cordeiros e o comerciantes de alimentos manteve seu cliente.

Esse resultado foi confirmado numa outra criação, onde se verificava o mesmo problema. Apesar disso, não é preciso generalizar, mas o equilíbrio alimentar também pode desempenhar um papel.

7. Ainda uma história sobre porcos. No meio de um chiqueiro, os porcos eram sempre deficientes. Uma garrafa de champanhe, de folha de cobre (um dos meus incontáveis sistemas), colocada num celeiro na vertical exata de uma ruptura de forças, a 80 metros dos porcos, resolveu o problema.

8. Criação de cavalos de raça. Havia sempre problemas com os potros que facilmente tinham diarréia, principalmente em certas cocheiras bem localizadas. Uma correção parcial das pastagens com cal magnesiano, sódio, manganês, cobre, cobalto e boro, completada pela anulação das rupturas de forças através de uma garrafa de champanhe, tinha quase restabelecido a normalidade. Um belo dia me chamaram. Todos os potros estavam com diarréia, nos boxes situados a 100 metros da casa principal. O veterinário local não havia conseguido nada, assim como um grande especialista, que fora chamado a um custo bem elevado. Olhei as rupturas: havia Elétrico por toda a parte. Fui ver a garrafa, que jamais havia sido tocada: as aranhas a haviam recoberto, e sua folha de cobre era uma rede bem fechada de teias. A garrafa saturava e envenenava o ambiente.

Troquei a garrafa por uma tábua, com ranhuras na parte de baixo, mais difícil de ser danificada. A diarréia desapareceu como que por encanto.

9. Exemplos como esses são numerosos. Guardo para o fim um caso típico onde tudo se juntava para que nada desse certo; um caso verdadeiramente limite - o paraíso do pesquisador.

Chamado em junho de 1968 cheguei a uma fazenda à beira da ruína. Técnicos e veterinários haviam “quebrado a cara” trabalhando nela.

Essa fazenda, de 50 a 60 hectares, era dirigida por um jovem casal. O solo era um verdadeiro filtro de areia do Loire, por onde as reservas fugiam. Os cômodos adubos clássicos N-P-K não rendiam 25 quintais/hectare de trigo. Da criação de porcos, o último

sobrevivente era alimentado à mamadeira. As vacas estavam quase todas estéreis. Uma tentativa de criação de 800 cobaias, sob contrato, estava terminando, ao cabo de seis semanas, por mortalidade total. O mesmo acontecera com os coelhos de seleção. E com quase todas as aves domésticas.

O criador, de menos de trinta anos, havia investido um milhão de francos velhos em operações e tratamentos diversos, no período de um ano. Seus filhos estavam com rinofaringite crônica. Quanto à máquina de lavar, já estava no quarto motor, já que os três primeiros haviam pifado, felizmente ainda durante a vigência da garantia.

No local, assinalei uma potente ruptura de forças no sentido Norte-Sul, a 60 metros de profundidade, passando pelo eixo do estábulo. Uma ruptura Leste-Oeste (portanto cancerosa) circulava sob os quartos.

A análise dos pêlos das vacas mostrou deficiência em fósforo, sódio, enxofre, manganês; carências em magnésio, cobre e cobalto.

Ataque do problema nas duas frentes.

Em primeiro lugar, a colocação de uma garrafa de champanhe de folha de cobre no estábulo, para reequilibrar todas as construções. Em seguida, o reequilíbrio mineral das vacas, com uma solução apropriada, esperando a correção das pastagens.

Resultados de junho de 1968 a abril de 1969:

- Criação de porcos, com plena saúde e sem injeções.
- Fecundação da quase totalidade das vacas.
- Nenhum resfriado durante todo o inverno (pais e filhos); nenhuma visita de médico.

Em abril de 1969:

Por uma razão desconhecida, a garrafa não funciona mais. Os problemas recomeçam com os bezerros, porcos e pessoas. Foi preciso rever o ambiente muitas vezes e, em todas elas, havia sempre um problema.

Os primeiros bezerros que nasceram tinham as patas dianteiras com grandes articulações e uma tendência a se separem na base (carência em cobre). Algumas andavam sobre os joelhos. Mas havia bezerros e, portanto, leite.

Um outro resultado espetacular da correção direta das vacas foi a recuperação das suas cores. Um normanda branca voltou a ter manchas na cor normal, de modo que o inseminador teve que refazer sua ficha de identificação.

Os solos, no inverno de 1968 - 1969, foram tratados com cal magnesiana, superfosfato 18% e oligoelementos. Durante o verão

de 1969, particularmente seco, essa fazenda sozinha fornecia a quarta parte da capacidade de um caminhão leiteiro.

De 18 vacas em 1968, a fazenda passou para 70 em 1973, e o objetivo é chegar a 100.

No entanto, nem tudo foi resolvido e às vezes a corda se rompe. Mas, da ruína completa, os fazendeiros refizeram a sua base, graças a um trabalho obstinado, e pensam em um futuro que não acreditavam certo em 1968.

E sobre as Pessoas?

Para falar a verdade, não estou especialmente interessado nos meus semelhantes, pois já tenho muito o que fazer com os animais de fazenda.Mas, a freqüência, os habitantes de uma fazenda aproveitam o que eu faço com os seus animais, notadamente sob o ponto de vista do ambiente. Se me permitem a expressão, sob esse último ponto de vista, animais e pessoas são farinha do mesmo saco.

Para terminar, uma anedota.

Um negociante havia gasto uma fortuna com sua asma, cujas crises o obrigavam freqüentemente a se deitar. Encontrando-me na cidade para discutir alguns negócios, o bom homem sofreu uma crise terrível. Sem esperar mais, verifiquei se havia alguma ruptura subterrânea. Efetivamente, a cama estava localizada sobre um "olho d'água". Na mesma hora coloquei uma garrafa de champanhe sobre o madeiramento do sótão, na vertical exata da ruptura de forças.

Resultado?

As crises de asma praticamente desapareceram e, coincidência ou não, o casal, depois de nove anos sem filho, registrou um nascimento nove meses depois da colocação da garrafa.

CAPÍTULO X

AS MENSAGENS A DISTÂNCIA

É ainda a A.de Bélizal que se deve reconhecer o êxito das mensagens a distância com uma pirâmide de Quéops em tamanho reduzido e um Pêndulo Egípcio. Retomamos esse problema em outras bases e após a eliminação do campo R W cH, que pode trazer perturbações não controláveis.

Muitos aparelhos podem servir para emissões, até mesmo um pêndulo em giro voluntário de carga. Lembramo-nos particularmente de uma pequena prancheta, muito simples, que nos permitiu carregar uma pedrinha, na casa de A. de Bélizal, perto de Lamballe (Côtes-du-Nord), quando estávamos em Rennes. Nosso único intermediário, desempenhando o papel de semelhante, era o mesmo cartão de visitas nas nossas respectivas casas. Um cartão virgem diante do nosso emissor em Rennes, um outro sob a pedra, na mesma orientação, na casa de A. de Bélizal. Essa pedra, carregada sucessivamente do Nó de Vida e do Eq, colocada diante do canhão do grande emissor "de ondas de choque" de A.de Bélizal, invertia o V-E para V-M.

Com essa experiência aprendi que, apesar dos 100 quilômetros que nos separavam, não havia, praticamente, perda de potência.

Alguns dirão: "Mensagens a distância por essa via! Eu não creio nisso!" Não creio nisso...Pequena frase que encerra toda a discussão. Se eu contasse a Arquimedes sobre a transmissão de imagens através da TV, teria ele respondido "Eu não creio nisso"? Não sabemos, tanto quanto você. Mas uma resposta assim é indigna de um verdadeiro cientista que tenha o espírito aberto: quanto mais se descobre, mais se percebe que ainda há muito a descobrir.

A propósito, não vemos onde está a impossibilidade das mensagens através das ondas de forma. É uma questão de ressonância e de natureza de campo. O violão que faz vibrar a corda de um outro violão afinado utiliza as vibrações do ar; o rádio se serve do campo eletromagnético. Quanto às ondas de forma, conhecemos a fundo os campos que nos cercam?

A régua de análises que já vimos é bem conhecida para emitir e receber de maneira bem simples.

No início, nos deparamos com uma dificuldade que pode parecer sem importância, mas que condiciona, com clareza, o êxito: o estabelecimento de um raio de união entre os dois aparelhos, receptor e emissor; que exige uma ressonância perfeita entre ele e um respeito absoluto pela lei das semelhanças.

Já conhecemos a vibração do raio de união, que é a do nó de vida, encontrado entre o paciente e testemunho, e que permite encontrar a direção de um desaparecido, etc.

No presente caso, deve-se encontrar o raio de união na direção que liga os dois aparelhos e não confundi-la com a componente Leste-Oeste do Campo Vital, suscetível de ser emitida pela régua em certas condições.

Agora, vamos ao fato.

O emissor

A agulha central desempenha um papel semelhante quando ajustada numa divisão convencionada que, se for o caso, é preciso ajustar para marcar o raio de união com o receptor.

O pêndulo Equatorial, ou um outro, regulado na onda de forma a emitir através da agulha Norte, é balançando acima do disco ***B.*** Quando o pêndulo gira, o que demora alguns segundos, a pedra colocada sobre o disco ***B*** do receptor é carregada. Passa-se, em seguida, para um outra vibração a ser emitida e assim por diante.

O Receptor

O receptor tem sobre seu disco ***B*** uma pedra qualquer, bem carregada, e sua agulha ***C*** é ajustada de acordo com a do emissor. a agulha Norte está levantada, em posição de espera. Quando se sabe, mesmo alguns dias depois, que a pedra pode estar carregada, faz-se a agulha Norte, recolocada, girar até que um pêndulo (+) gire acima

de ***B*** e depois pare. Passa-se em seguida a uma outra cor com a agulha Norte e assim por diante. Descarrega-se, assim, na ordem que foram carregadas, todas as vibrações sucessivamente emitidas pelo emissor.

Quando não se encontra mais nada, descarrega-se instantaneamente a pedra, colocando a agulha ***C*** na divisão 10 interior.

Com 24 divisões principais em torno do eixo Norte, temos muito com que codificar...

Servir-se unicamente do quadrante central para estabelecer o raio de união pode não ser seguro porque um terço pode também buscar um raio de união com o receptor ou o emissor, com sua agulha central.

Para ficarmos mais tranqüilos quanto a esse ponto de vista, nada impede os dois correspondentes colocarem sobre ***B*** sem nada sobre o emissor com uma pedra sobre o receptor um desenho idêntico, preciso e bem orientado *em relação à régua,* quer se levante a agulha central ou não. Se conservarmos a agulha, é preciso que ela esteja regulada na divisão convencionada.

O aparelho construído sobre os círculos recíprocos com uma agulha girando em torno do eixo no centro do círculo Norte também é um bom instrumento para transmitir e receber. Sem a agulha central, ele exige o desenho de código sobre o círculo Sul. Talvez seja preferível começar o exercício com esse aparelho mais simples do que a régua.

Procede-se, então, como segue:

Emissor

Desenho sobre o centro do círculo Sul, bem enquadrado e orientado. Quando a pedra do receptor está carregada, detecta-se o (+) acima do desenho emissor, enquanto a pedra estiver sobre o desenho receptor.

Levantar o desenho emissor quando a mensagem estiver terminada.

Se houver erro, apagar com a agulha em 320°.

Receptor

Pedra sobre o desenho fora do aparelho. Deve-se ter um raio de união nítido com o emissor. O (-) é emitido acima da pedra tanto quanto a carga adquirida se prolonga e cessa quando o emissor passa a uma outra cor.

Antes de decodificar assegure-se de que o (-) esteja definitivamente ausente acima da pedra. Nesse momento, coloca-se a pedra sobre o centro do círculo Sul, sem desenho. Detecta-se a seqüência das cores com o pêndulo (+).

Uma vez que esteja tudo terminado, descarrega-se a pedra em 320º.

CAPÍTULO XI

A MAGIA

Ainda que saiamos do quadro fixado no começo deste estudo, e que o gelo seja fino, sob nossos pés, é necessário passar rapidamente pelo assunto da magia, que várias vezes veio à tona até agora.

O fato existe, e interessa ao público. Basta ver o elevado número de obras publicadas que tratam da magia e outros assuntos correlacionados. E lembrar-se dos programas de TV e também de certos filmes dos quais já falamos. Imagine o leitor a quantidade de negócios de certas profissões que são paralelas à magia.

Quanto aos radiestesistas, sobretudo aos praticantes de radiônica, será que sempre têm *plena certeza* de que suas práticas são puramente naturais e que nelas não se misturam, às vezes, a influências que ignoram? As fronteiras são fluídas, já que muitos fenômenos ocultos se dissimulam sob aparências inocentes. Os operadores devem assegurar-se de que suas experiências são reprodutíveis e precisam fazer valer os critérios cientificamente provados.

É por isso que devemos nos entender direito em relação aos termos e aos fatos.

É frequente chamarmos de magia a mera prestidigitação e darmos outros nomes ao que realmente é magia, no sentido com que a entendemos aqui, ou seja, restrita aos fatos que não se devem a causas naturais e mesmo desconhecidas.

Mais precisamente a magia liberta da fumaça das camuflagens, é essencialmente a ação a distância de um indivíduo sobre um outro ser vivo ou inanimado, usando, consciente ou inconscientemente, um demônio como vetor, com desproporção entre causa e efeito.

Isso pode ir da pior magia negra *ao uso* de formas que emitem

em magia. Enfatizo o uso, pois as formas não polarizadas que chamamos de mágicas, indiferentes em si mesmas, agem pelo efeito de uma vontade orientada, são suportes privilegiados.

Pode ser que algumas pessoas se espantem e fiquem verdadeiramente chocadas com a palavra "demônio" em nosso mundo, que vive como se Deus não existisse. Mas crer ou não nunca impediu aquilo que existe de continuar existindo não mais do que calar os fatos sob o pretexto de que eles não enquadram em uma teoria ou se opõem a uma opinião, mesmo que isso prove honestidade científica na ausência de probidade moral.

Nos foi dado colaborar em uma das obras de J.G.Bardet, *Mística e Magias.* Foi uma oportunidade de aprendermos um grande número de ensinamentos sobre as formas mágicas, não-mágicas, antimágicas, etc., notadamente com a ajuda de pêndulos com palavras hebraicas. E esse conhecimento, eu não o lamento, apesar de alguns momentos que de forma alguma foram tranqüilos.

Constatamos, particularmente, que a magia inverte o componente vertical do Campo Vital. O Shin hebraico fica de cabeça para baixo, e isso também pode se constatar em um ambiente. Efetivamente, a magia é uma inversão da ordem natural. É ainda uma transferência, pois o demônio nada cria. Inversão e transferência são duas características nos procedimentos e nos resultados, mas entendidas também em um sentido muito geral, e não somente material. Todas as inversões de uma ordem desejada pelo Criador são sinais de uma presença satânica, incluídas as inversões dos valores morais num mundo decadente.

Munido desse conhecimento recente, eu havia experimentado concretizá-lo em fazendas onde havia ataques de feitiçaria em animais e pessoas, prática atualmente muito em moda, em vista do sucesso de muitas obras sobre o assunto, incluindo compêndios onde, sob aparências por vezes inofensivas, e mesmo piedosas, se escondem verdadeiras preces ao demônio.

A bem dizer, no campo, é o ciúme e o interesse que, em todos os tempos, têm estado na origem da feitiçaria; mas em nossa época, essas ações condenáveis se desenvolvem em ritmo acelerado. Nas cidades, onde a magia é praticada sob outras formas, a atração do mistério malsão certamente exerce o seu papel e junta-se à maldade.

Voltando às formas antimagia, com o passar do tempo estas se revelaram decepcionantes. Uma forma antimagia restabelece à sua posição o Shin invertido de uma *forma* mágica, mas quando se lida com fatos reais, essas formas não fazem mais do que trazer

uma melhora, temporária, ou nenhuma melhora colocando um misterioso problema de interação entre o mundo material e o dos maus espíritos. No primeiro caso, ao cabo de um tempo variável, o efeito da forma mágica volta com mais força e não se melhora de forma alguma o comportamento moral das pessoas que se beneficiaram dela. Corre-se atrás de sua sombra, e não se trata de algo sem perigo, pois depois de ter tido contatos é possível se deixar atacar. Persiga-se um demônio e ele voltará sete vezes mais forte que da primeira vez, é o que está escrito com todas as letras no Evangelho - e é verdade.

Com ajuda da experiência passei a compreender melhor, sobretudo no dia em que, por ingenuidade, quis abençoar um de meus reequilibradores suspensos que balançava sozinho, sem ter motivo para isso. O reequilibrador se estabilizou imediatamente, mas levei um bom tempo para recuperar meu controle...O demônio não gosta de ser contrariado.

Porque é exatamente de demônios que se trata. Pode-se contar um grande número de histórias e naõ se acreditar em nenhuma delas - a magia, em sua realidade estrita, repitamos, é a mobilização do demônio que não pede mais que isso, porque se contenta em aborrecer ou espantar as pessoas. E o demônio, de fato, zomba dos pedaços de madeira, anéis e talismãs protetores, mesmo quando, provisoriamente, finge ser detido para enganar melhor. Nós estamos num nível completamente diferente.

As únicas armas eficientes são espirituais, que estão somente à disposição da Igreja Católica: o exorcismo, sal bento, água-benta, novena a São Miguel, oração, penitência, amor a Deus, vida real e sinceramente cristã, transparente à vontade do Pai. Se a Ele convier enviar uma prova, assim vivendo estaremos melhor armados para suportá-la.

É preciso submeter-se aos fatos, ao encadeamente das causas e efeitos.

Eis um exemplo entre muitos outros. Em uma fazenda da Bretanha, apesar das correções de solo e do ambiente, nada corria bem com os animais e as pessoas. Os bezerros morriam sem motivo, as vacas não davam mais leite e a dona da fazenda estava à beira de uma depressão catastrófica, que nem mesmo as preocupações pelas quais passava justificavam. Aconselhados por mim, esses bravos agricultores conseguiram, não sem dificuldades, chamar o vigário de sua região.Este exorcizou conscienciosamente construções, animais e indivíduos sem exceção. O resultado? Isso aconteceu há mais de um ano e meio e não se registrou daí por diante uma única perda de

animais, e a dona da fazenda está mais forte do que nunca. O mais espetacular foi o crescimento rápido da produção de leite e de gordura (13pontos).

Como reconhecer uma ação mágica ? Sobretudo por seu caráter irracional.

Nas fazendas, as suspeitas podem surgir já à vista de bezerros inchados, com a barriga redonda, por toda a parte. Se, além disso, se constatam variações não justificadas, por vezes importantes e ultrapassando os 50% nas quantidades diárias de leite, a suspeita se confirma. Se, ainda por cima, encontram-se no campo, numa escarpa, ao pé de uma árvore, objetos, insólitos ou dispostos de maneira incomum, em geral em grupos de três, a suspeita se confirma.

Uma grande variação no leite sem explicação natural, por exemplo, é o fenômeno típico da transferência mágica: o feiticeiro, chamemo-lo pelo nome, faz passar o leite de um rebanho ao outro. Assim o que um perde o outro ganha. Uma outra transferência é espetacular: um boi curado de diarréia por magia, mesmo involuntária, perde uma parte de seus pêlos em placas, que deixam a pele à mostra. Tive a experiência disso diante de meus olhos, e não somente uma vez.

Mas essas não passam de manifestações menores. Vê-se também verdadeiras histórias fantásticas, como casos de cheques bancários que desaparecem instantaneamente de gavetas fechadas à chave. Em outras circunstâncias presencia-se casos infinitamente dolorosos que vão até mesmo à morte por doenças que os médicos absolutamente não compreendem. Às vezes pessoas são impelidas ao suicídio. Se soubéssemos tudo o que se passa e não se diz...

Para detectar a magia, dispomos também dos pêndulos hebraicos (sempre graças a G. Bardet) K Sh Ph (magia), Shin invertido e sobretudo DR Sh hA L H M Th M (Necromancia), sendo que esse último também gira sobre as formas antimagia. Mas antes de utilizar esses pêndulos com *uma extrema prudência* (sempre o contato), é necessário recitar uma prece *sincera* e sentida profundamente, por exemplo um Pai Nosso e uma Ave Maria - por um lado para que o pêndulo responda corretamente sem intervenção intempestiva oculta, e por outro como proteção, necessária, acredite-me - se você não quiser se arriscar a múltiplos inconvenientes, incluindo um possível acidente grave. Você estará lidando com seres invisíveis, mas terrivelmente reais, que não têm a menor consideração pelo seu bem-estar.

Em caso de resposta positiva, da qual permanece uma probabilidade, apesar de tudo, é preciso fazer com que se tome as medidas que se impõem unicamente espirituais e com o objetivo do aperfeiçoamento espiritual das pessoas visadas. O resultado nem sempre é imediato e durável. Mesmo assim, não se deve jamais desesperar e é preciso sobretudo que as vítimas - *isso é condição essencial* - perdoem do fundo de seu coração a pessoa ou as pessoas que lhe desejam o mal. às vezes é muito difícil, mas sem isso jamais se alcançará um resultado positivo. De nada valem centenas de "pai Nosso" se não forem sinceros. Além do mais, não dizemos nessa prece "Perdoai as nossas ofensas assim como perdoamos"?...

A propósito dessa questão, louvemos a coragem de um pai e uma mãe que aceitaram um convite para jantar, como se não houvesse nada de mais, na casa daquele que desejou matar seu filhinho de cinco anos com penas de travesseiro. Este foi o preço de seus sucesso.

Para melhor esclarecer, as penas constituem um dos numerosos suportes empregados em feitiçaria. No caso mencionado, formava-se, por ação a distância, uma forma de galinha, com as penas que se aglomeravam densamente. Quando o animal está inteiramente formado, quem dorme sobre o travesseiro morre. Graças a Deus, os pais foram providencialmente advertidos a tempo. Vi o começo da formação, a cabeça e a parte da frente do corpo que, em seguida, foram salpicadas com sal bento e queimadas. Porque é preciso queimar sempre aquilo que se encontra de anormal, passar pelas chamas os materiais incombustíveis, como pedras "carregadas" (outro suporte comum), também se usando nelas o sal bento para combater os maus espíritos. Evitar, se for possível, tocar diretamente os objetos carregados pode ser perigoso e é freqüentemente desagradável.

Não desejo a ninguém que seja envolvido, enfeitiçado, possuído, não importando o termo e a gravidade, mas é sempre melhor estar prevenido, já que qualquer um corre o risco de ser atacado, nesses tempos em que os demônios estão manifestamente à solta. Mas não façamos disso uma obsessão. O demônio não age sem permissão divina e não se deve pensar em "sortilégio" cada vez que se torce o pé num meio-fio de calçada. Há grande número de pessoas que se crêem enfeitiçadas sem que o estejam. É preciso ter discernimento, sem deixar de ser prudente, pois pode-se favorecer aquilo que se queira evitar.

Um bom conselho: nunca procure um desfazedor de feitiços, mago e companhia que, em favor de um bom pagamento, promete acabar com os seus problemas. Embora possa se obter sucesso, às

vezes espetacular mas sempre temporário, também é possível que haja depois aborrecimentos ainda maiores, dos quais será mais difícil escapar. Uma batalha de feitiçeiros é na realidade uma batalha de demônios, onde ganha o mais forte. Magia e antimagia são farinhas do mesmo saco.

Apelar para certo tipo de curandeiros para curar verrugas, herpes, queimaduras etc., é algo que se deve ser descartado. Não há cura real, mas uma transferência para outras pessoas. Isso facilita os possíveis ataques posteriores de magia e, então, é mais difícil livrar-se. Da mesma forma, os descendentes sofrem, por vezes, as conseqüências da prática de "dons" por seus ascendentes (mesmo quando se deram de boa-fé e com uma intenção honesta). Trata-se de um fato muitas vezes verificado. Diz a Bíblia: "Os pais é que comem as uvas verdes, mas são os dentes dos filhos que ficam "pegando?" (Eze 18:2).

Outras causas, estas materiais, favorecem o enfeitiçamento, como a calça comprida como vestimenta de uso habitual para as mulheres, o vermelho escarlate, o verde cru, o amarelo vivo em tinturas uniformes. Essas cores, caras ao demônio, podem desencadear crises entre as vítimas de feitiços que as usam quando, por exemplo, se aproximam de objetos bentos.

Para terminar, uma palavra sobre a radiônica ou ação a distância. O termo tem um sentido científico e pode-se fazer uso da radiônica em ressonância de onda de forma, pela lei do semelhantes, sem que haja qualquer espécie de feitiçaria ou magia. Utiliza-se simplesmente os campos de forma físicos. Infelizmente existem numerosas formas emissoras que fazem reagir o pêndulo Necromância. É melhor desconfiar, sobretudo quando se utilizam fórmulas escritas de próprio punho. É muito fácil, nesse caso, tomar uma coisa pela outra e sair fora do circuito. Pois essa atividade tem seus riscos e conheço pelo menos três praticantes que morreram de congestão cerebral.

Deixemos para trás esse assunto perigoso...

Dedicatória

Cá estamos, você e eu, ao fim deste estudo. Ele foi do seu agrado? Espero que sim...embora tenham sido abordados assuntos diversos e desiguais, sem floreios nem concessões, talvez não expostos com a clareza durante a travessia de um domínio que na verdade é pouco explorado, em uma pesquisa quase solitária e cheia de ciladas.

Para os que querem apenas acrescentar uma pequena flor ao jardim de sua cultura geral, temo por ter pecado por algumas aridez nos princípios técnicos de alguns capítulos. Para outros, ao contrário, será que forneci detalhes suficientes sobre o que gostariam de ter conhecido? Mas será que o poderia ter feito, nessa parte técnica? Que uns e outros tenham colhido o que buscavam - assim tudo estará bem.

Meu objetivo, na verdade, era trazer à luz do conhecimento geral, em um mínimo de páginas, os frutos de uma longa pesquisa fértil em impasses, relacionar esse resultado às descobertas de L. Chaumery e A. de Bélizal. Se esta pesquisa por vezes perambulou sem destino por regiões pouco científicas, perdoe-me leitor.

Espero ter atingido um novo patamar nas ondas de forma, feito deste livro uma ferramenta de trabalho, pois, se foram criados alguns aparelhos simples, restam muitas experiências a serem feitas nas múltiplas direções médicas, físicas, biológicas etc. Também ficam zonas de sombra a serem iluminadas...

O campo vital que descobri ao entrar em contato com a magia - nada é inútil, no fim das contas, com a condição de se sair são e salvo - desata alguns nós onde o estudo das formas se dispersava em detalhes, mas não resolve tudo.

“A maior glória do homem - disse o professor Enrico Medi - é trazer em sua mão vacilante o canto da natureza, para que essa natureza, pelo homem, retorne a Deus”.

Em sua unidade, sua simplicidade.

Tudo deve se ajustar em um conjunto harmonioso. Esse é o objetivo de nossas pesquisas.

Se ele não foi atingido, outros o alcançarão.

J.de la Foye

APÊNDICE

NOVO COMPENSADOR PATENTEADO CONTRA AS ONDAS NOCIVAS

O próprio livro, em sua primeira edição, tinha por objetivo - aliás, sempre teve - dar uma idéia de conjunto sobre as ondas de forma em um dado momento da pesquisa, iniciar o público nos fenômenos que os afetam ou que o provocam mesmo sem saber nem se dar conta.

Mas a pesquisa é uma doença persistente. Sempre contagiados pelos vírus, o autor e seu amigo André Philippe, engenheiro eletrônico, procuraram descobrir em compensador contra as ondas nocivas que pudesse funcionar sem complicações nem orientação, e ser colocado à disposição do público leigo com garantia de eficiência. Esta nova edição traz uma exposição é possível, levam a fatos verificáveis e renováveis.

O ponto de partida é o seguinte:

Se traçamos no exterior de um círculo o prolongamento de um raio que parte da circunferência, criamos, automaticamente, no interior do círculo, um semicírculo (+) e um outro (-), separados pelo diâmetro virtual alinhado sobre o prolongamento exterior do raio já mencionado acima.

Essa forma de círculo com uma "cauda" foi há muito tempo por nós batizada de "Forma Embrião". Ela tem a propriedade de emitir no prolongamento da cauda a onda de forma que está no interior do círculo e é orientada em relação à direção da cauda. Pode até mesmo ser um dos emissores possíveis de ondas de forma, fazendo-se girar um ponteiro em torno do centro do círculo. Um emissor a mais um meio a uma multidão de outros emissores.

Se agora traçarmos um diâmetro perpendicular à direção da cauda, se dispusermos em cada extremidade do diâmetro mencionado acima um pequeno círculo cujo centro se encontre sobre a circunferência do círculo grande, e se finalmente traçarmos um pequeno círculo central no meio do diâmetro, constataremos que as polaridades no interior dos pequenos círculos extremos são inversas às dos grandes semicírculos correspondentes e que as polaridades equilibradas no centro se transmitem à extremidade da cauda.

Não havíamos chegado ainda ao fim de nossas dificuldades.

Os círculos recíprocos (pág.113 a 117) trouxeram um auxílio indispensável, substituindo a cauda por um segundo círculo tangente ao primeiro. Mas ainda era preciso orientar a forma, se desejássemos um resultado aceitável.

Dirigimos nossa atenção, portanto, para uma captação que pudesse funcionar em todos os azimutes. Essa captação foi obtida a partir de triângulos isósceles de base igual à altura e tangentes aos círculos (esses triângulos são ligados à construção do decágono, (pág. 40) deste livro, o triângulo AOC que forma a metade de um desses triângulos com base igual à altura).

O conjunto completado por furos e por um eixo geral de simetria deu a forma definitiva que permite obter uma compensação de polaridades.

Restava utilizá-la e constatar seus efeitos.

Chegamos a dois tipos de compensadores.

1º Um pequeno compensador, que não necessita de qualquer alimentação exterior, é inteiramente autônomo e destinado à instalação em casas ou outras construções particulares. Permite a supressão das ondas nocivas do espectro "Elétrico", incluindo-se, bem-entendido, a famosa irradiação Verde Negativo Elétrico (V-E), sejam quais forem suas origens que podem provir de correntes de águas subterrâneas, de falhas geológicas, de receptores de televisão, de aquecimentos pelo piso, de formas especiais etc.

Esse pequeno compensador pode igualmente ser utilizado para a supressão do V-E nas salas de radiologia ou nos automóveis.

2º Um grande compensador destinado aos usos industriais cuja forma é alimentada a partir de uma tensão contínua de 170 V produzida com o auxilio de uma alimentação do 220 V monofásico. Essa forma também está conectada a uma antena especial constituída de um bastão de ferrite sobre o qual se encontra uma bobina de espiras apertadas.

O alcance desse grande compensador é de cerca de 8 quilômetros. Isso permite suprimir os V-E a essa distância e evitar em conseqüência as descargas atmosféricas elétricas num raio que pode ser estimado em 4 quilómetros.

Ele é muito interessante e útil na proteção de centrais elétricas, centrais telefônicas, linhas elétricas ferroviárias, centro de processamentos de dados etc.

Quanto às centrais atômicas, o interesse do compensador é duplo. Ele não apenas evita raios nas instalações propriamente ditas, como também suprime a irradiação horizontal de V-E produzida num raio de vários quilômetros pelos reatores atômicos.

Esperamos que essas poucas linhas possam satisfazer a curiosidade da maioria dos leitores.

J. de La Foye
A. Philippe